

[illegible]

Universidade Federal da Paraíba - PB
Centro de Tecnologia - CT
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU
José Alberto Conceição De Araújo
Orientadora: Prof. Dra. Marcelle Trigueiro de Araújo Moraes

VITALIDADE URBANA E EMPATIA ESPACIAL:

Um olhar sobre os espaços públicos dos
Bancários em João Pessoa-PB

A collage of various people engaged in different activities in public spaces, overlaid on a faint architectural drawing of a city street. The collage includes: a young girl in a pink shirt jumping; a boy in a patterned shirt and blue shorts sitting on a ledge; a man in a blue shirt and cap skateboarding; a group of people standing together; a woman in a white tank top walking a dog; a man in a blue shirt and cap sitting in a yellow chair; a woman in a pink shirt and patterned pants walking; a man in a red shirt and blue shirt sitting at a table with drinks; a woman in a white shirt pushing a stroller; a man in a green shirt standing; a woman in a floral shirt and blue shorts on roller skis; a man in a grey shirt pointing; a man in a blue hoodie; and a group of people sitting on a bench. The background is a faint, light-colored architectural drawing of a city street with buildings and trees.

[illegible]

JOSÉ ALBERTO CONCEIÇÃO DE ARAÚJO

VITALIDADE URBANA E EMPATIA ESPACIAL:

um olhar sobre os espaços públicos dos Bancários em João Pessoa-PB

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO APRESENTADO
COMO REQUISITO PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE
ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FE-
DERAL DA PARAÍBA.

ORIENTADORA: PROF. DRA. MARCELE TRIGUEIRO DE
ARAÚJO MORAIS

JOÃO PESSOA, PB
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663v Araujo, Jose Alberto Conceicao de.

VITALIDADE URBANA E EMPATIA ESPACIAL: um olhar sobre os espaços públicos dos Bancários em João Pessoa-PB / Jose Alberto Conceicao de Araujo. - João Pessoa, 2020.
142f. : il.

Orientação: Marcele Trigueiro de Araújo Moraes.
Monografia (Graduação) - UFPB/CT.

1. espaços livres públicos. 2. vitalidade urbana. 3. dispositivos técnicos espaciais do urbano. 4. empatia espacial. I. Moraes, Marcele Trigueiro de Araújo. II. Título.

UFPB/BC

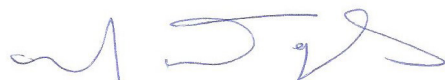
JOSÉ ALBERTO CONCEIÇÃO DE ARAÚJO

VITALIDADE URBANA E EMPATIA ESPACIAL:

um olhar sobre os espaços públicos dos Bancários em João Pessoa-PB

Trabalho aprovado em: 15/04/2020

Comissão Julgadora



Dra. Marcelle Trigueiro de Araújo Moraes
(orientadora)



Dra. Leticia Palazzi Perez
(Membro interno - UFPB)



MSc. Alessandra Soares de Moura
(Membro externo - IESP)

JOÃO PESSOA, PB
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por me proporcionar resiliência e esperança para vencer e chegar até aqui.

À minha família por toda dedicação e paciência contribuindo diretamente para meu crescimento e para que eu pudesse trilhar meu caminho, em especial aos meus pais (Socorro e Luís) e aos meus irmãos (Mércia e Marcus).

Às minhas amigas de projeto e tantas outras disciplinas que a UFPB me concedeu (Suiellen Gomes e Nathalia Lima). Vocês foram importantes e peças-chaves para minha conquista. Guardo vocês em meu coração.

Às amigas, Mariana, que me acolheu em sua casa muitas vezes, Mayara, Mirrêlla e Larissa Vasconcelos, pelo apoio e ajuda nos momentos finais deste trabalho.

À minha querida orientadora Profa. Marcele Trigueiro de Araújo Moraes, pela disponibilidade em me orientar com tanta gentileza. Por seu comprometimento, paciência, críticas e incentivos dispensados na condução desse trabalho. Serei eternamente grato também por sua compreensão em meio às adversidades que me apareceram durante a pesquisa.

À Professora Alessandra Soares, que me acompanhou desde a disciplina de Estágio Supervisionado I. À Professora Letícia Palazzi, por gentilmente ter aceitado o convite em compor a banca.

Ao Professor Pablo de Soto, por sua breve participação neste trabalho, ainda no momento de qualificação. Seu incentivo e sugestões de leitura foram essenciais para esta pesquisa.

A todos os amigos que sempre estiveram torcendo por mim, cujo convívio e incentivo foram essenciais no meu desenvolvimento pessoal e profissional durante todos esses anos.

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

Ítalo Calvino

RESUMO

CONSIDERADOS COMO ESSENCIAIS PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADE, OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS POSSIBILITAM UMA SÉRIE DE FENÔMENOS COTIDIANOS E RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE OS INDIVÍDUOS. PARTINDO DESTA ÓTICA, O PRESENTE TRABALHO TEM COMO ENFOQUE INVESTIGAÇÕES PAUTADAS NOS USUÁRIOS E SUA CONEXÃO COM O AMBIENTE CONSTRUÍDO, A FIM DE SE VERIFICAR QUAIS LIGAÇÕES PODEM SER ESTABELECIDAS ENTRE A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E AQUELES QUE UTILIZAM OU NÃO TAIS ESPAÇOS. COM UMA ABORDAGEM CENTRADA EM USOS E PRÁTICAS NO ESPAÇO, O TRABALHO ENFOCA UMA REFLEXÃO ACURADA SOBRE OS CONDICIONANTES PARA A CO-PRESENÇA DE PESSOAS, ENCONTRO E APROPRIAÇÃO DE OBJETOS ÀS ATIVIDADES SOCIAIS. OBJETIVA-SE ANALISAR A CONFIGURAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E DOS DTSU QUE OS COMPÕEM, BEM COMO SUA RELAÇÃO COM ATIVIDADES SOCIAIS, ENQUANTO ELEMENTOS GERADORES DE EMPATIA ESPACIAL E VITALIDADE URBANA. COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS FORAM UTILIZADAS A OBSERVAÇÃO DE CAMPO E A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, FERRAMENTAS IMPORTANTES NO CAMPO DA ARQUITETURA E URBANISMO QUE FORAM COMPLEMENTADAS PELA FOTOGRAFIA, O DESENHO E A FOTOMONTAGEM. A ESCOLHA POR ESTAS ABORDAGENS PERMITE A COMPREENSÃO DE PRODUÇÃO DA CIDADE E COLOCA EM QUESTÃO OS COMPORTAMENTOS SOCIAIS NA QUALIFICAÇÃO AFETIVA DE UM ESPAÇO URBANO. ASSIM, PRETENDE-SE CONSTATAR A PREMISSA DE QUE MESMO AO IDENTIFICAR UMA SÉRIE DE DISPOSITIVOS TÉCNICOS E ESPACIAS URBANOS DEGRADADOS, INDEPENDENTE DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS ESPACIAIS, COMO O CARÁCTER DE CENTRALIDADE, QUANDO A SOCIEDADE TEM APREÇO PELO LOCAL, ELE NÃO PERDE O SEU USO.

PALAVRAS-CHAVE: ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS. VITALIDADE URBANA. DISPOSITIVOS TÉCNICOS ESPACIAIS DO URBANO. EMPATIA ESPACIAL.

RESUMÉ

CONSIDÉRÉS COMME ESSENTIELS À LA CONSTRUCTION DE LA VILLE, LES ESPACES PUBLICS OUVERTS PERMETTENT UNE SÉRIE DE PHÉNOMÈNES QUOTIDIENS ET DE RELATIONS SOCIALES ENTRE LES INDIVIDUS. DANS CETTE PERSPECTIVE, LE PRÉSENT TRAVAIL SE CONCENTRE SUR LES INVESTIGATIONS BASÉES SUR LES UTILISATEURS ET LEUR CONNEXION AVEC L'ENVIRONNEMENT BÂTI, AFIN DE VÉRIFIER QUELLES CONNEXIONS PEUVENT ÊTRE ÉTABLIES ENTRE LA CONFIGURATION SPATIALE ET CEUX QUI UTILISENT OU NON CES ESPACES. AVEC UNE APPROCHE CENTRÉE SUR LES USAGES ET LES PRATIQUES DANS L'ESPACE, LE TRAVAIL SE CONCENTRE SUR UNE RÉFLEXION PRÉCISE SUR LES CONDITIONS DE CO-PRÉSENCE DES PERSONNES, DE RENCONTRE ET D'APPROPRIATION DES OBJETS AUX ACTIVITÉS SOCIALES. L'OBJECTIF EST D'ANALYSER LA CONFIGURATION DES ESPACES PUBLICS ET LES DTSU QUI LES COMPOSENT, AINSI QUE LEUR RELATION AVEC LES ACTIVITÉS SOCIALES, COMME ÉLÉMENTS GÉNÉRATEURS D'EMPATHIE SPATIALE ET DE VITALITÉ URBAINE. COMME STRATÉGIES MÉTHODOLOGIQUES, L'OBSERVATION SUR LE TERRAIN ET LES ENTRETIENS SEMI-STRUCTURÉS ONT ÉTÉ UTILISÉS, DES OUTILS IMPORTANTS DANS LE DOMAINE DE L'ARCHITECTURE ET DE L'URBANISME QUI ONT ÉTÉ COMPLÉTÉS PAR LA PHOTOGRAPHIE, LE DESSIN ET LE PHOTOMONTAGE. LE CHOIX DE CES APPROCHES PERMET D'APPRÉHENDER LA PRODUCTION DE LA VILLE ET DE REMETTRE EN CAUSE LES COMPORTEMENTS SOCIAUX DANS LA QUALIFICATION AFFECTIVE D'UN ESPACE URBAIN. AINSI, IL S'EST AVÉRÉ QU'EN DÉPIT D'UNE FORTE DÉGRADATION D'UNE SÉRIE DE DISPOSITIFS TECHNIQUES ET SPATIAUX DE L'URBAIN, QUELLES QUE SOIENT LEURS CARACTÉRISTIQUES PHYSIQUES, OU MÊME LE CARACTÈRE CENTRAL DE L'ESPACE, LORSQUE LES PUBLICS URBAINS APPRÉCIENT LE LIEU, CELUI-CI NE PERD PAS EN UTILISATION".

MOTS-CLÉS: ESPACES PUBLICS. VITALITÉ URBAINE. DISPOSITIFS TECHNIQUES SPATIAUX DE L'URBAIN. EMPATHIE SPATIALE

LISTA DE FIGURAS

[FIGURA 1]	CIDADE DE JOÃO PESSOA.....	14
[FIGURA 2]	EDIFÍCIOS NO BAIRRO ALTIPLANO EM JOÃO PESSOA-PB.....	15
[FIGURA 3]	ELMAR, FLATIRON PLAZA, NEW YORK, 2015.....	16
[FIGURA 4]	CENTRO COMERCIAL DE SHIBUYA E M TÓQUIO.....	16
[FIGURA 5]	DISCOVERY GREEN, HOUSTON, USA.....	17
[FIGURA 6]	ESPAÇO PÚBLICO EM CURITIBA.....	18
[FIGURA 7]	ESPAÇO PÚBLICO BRUGUES NA BÉLGICA.....	20
[FIGURA 8]	BAIRROS JARDIM SÃO PAULO E BANCÁRIOS.....	23
[FIGURA 9]	PARQUE SÓLON DE LUCENA, JOÃO PESSOA.....	24
[FIGURA 10]	PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, JOÃO PESSOA.....	25
[FIGURA 11]	ESQUEMA BASEADO NA PROPOSIÇÃO DE JACOBS (2001).....	27
[FIGURA 12]	COMO SE USA UM BANCO?.....	29
[FIGURA 13 E 14]	DISPOSITIVOS TÉCNICOS NA PRAÇA DE 100 RÉIS, JOÃO PESSOA.....	30
[FIGURA 15]	CADEIRAS D E P RAIAN O LARGO DA BATATA - SP (2013).....	31
[FIGURA 16]	PRAÇA TARG WĘGLOWY, G DAŃSK (POLÔNIA).....	31
[FIGURA 17]	ESQUEMA DE CONCEPÇÃO DAS AMBIÊNCIAS URBANAS.....	33
[FIGURA 18]	ESQUEMA DE CORRELAÇÃO ENTRE OS CONTEÚDOS ABORDADOS.....	35
[FIGURA 19]	APRESENTAÇÃO CULTURAL NA PRAÇA DA PAZ (DEZEMBRO DE 2019).....	36
[FIGURA 20]	RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE AS ETAPAS DE TRABALHO.....	37
[FIGURA 21]	MODELO DE ESTUDO E SÍNTESE DE ANÁLISE DOS DADOS.....	43
[FIGURA 22]	AV. EMPRESÁRIO JOÃO RODRIGUES ALVES.....	44
[FIGURA 23]	FOTOGRAFIA DOS BAIRROS (1989).....	47
[FIGURA 24]	OS BAIRROS NA ATUALIDADE.....	48
[FIGURA 25]	NOVO ACESSO AO BAIRRO.....	51
[FIGURA 26]	FOTOGRAFIA AÉREA (TRECHO DA AV. EMP. JOÃO ROD. ALVES - SENTIDO MANGABEIRA).....	51
[FIGURA 27]	FOTOGRAFIA AÉREA (CONDOMÍNIO FECHADO JULITA FORMIGA).....	51
[FIGURA 28]	FOTOGRAFIA AÉREA (BAIRRO DOS BANCÁRIOS).....	55
[FIGURA 29]	FOTOGRAFIA AÉREA (BAIRRO DOS BANCÁRIOS).....	56
[FIGURA 30]	FOTOGRAFIA AÉREA (ACESSO AOS BAIRROS BANCÁRIOS E JARDIM SÃO PAULO).....	56
[FIGURA 31]	FOTOGRAFIA AÉREA (BAIRRO JARDIM SÃO PAULO).....	57
[FIGURA 32]	FOTOGRAFIA AÉREA (VISTA PARA O VALE ONDE PERCORRE O RIO TIMBÓ).....	57
[FIGURA 33]	AV. BANCÁRIO SÉRGIO GUERRA.....	58
[FIGURA 34]	CANTEIRO CENTRAL AV. EMP. JOÃO RODRIGUES ALVES.....	59
[FIGURA 35]	TRECHO DA R. BANC. ANTÔNIO J. SOUZA.....	59
[FIGURA 36]	TRECHO DA AV. FLOBOYANT (ANATÓLIA).....	59
[FIGURA 37]	CANTEIRO NA R. BANC. WALDEMAR M. ACCIOLY.....	59
[FIGURA 38]	TRECHO DA RUA BANCÁRIO WALDEMAR M. ACCIOLY.....	60
[FIGURA 39]	ÁREA DE ESTUDO E PRINCIPAIS EIXOS VIÁRIOS.....	60
[FIGURA 40]	TRECHO DA AV. EMPRESÁRIO JOÃO RODRIGUES ALVES.....	64
[FIGURA 41]	TIPOLOGIAS RECORRENTES NO LOCAL.....	65
[FIGURA 42]	TIPOLOGIAS EDILÍCIAS E GABARITO RECORRENTE NO LOCAL.....	67
[FIGURA 43]	VISTA DA PRAÇA DA PAZ E SEU ENTORNO EDIFICADO.....	69
[FIGURA 44]	TRECHO DA AV. EMP. JOÃO RODRIGUES ALVES E ESTACIONAMENTO DO SHOPPING SUL.....	69
[FIGURA 45]	PRAÇA DA PAZ.....	71
[FIGURA 46]	PRAÇA DA PAZ E SEU ENTORNO.....	72
[FIGURA 47]	PRAÇA DA PAZ (2006).....	73
[FIGURA 48]	PROJETO EXECUTADO PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA.....	74
[FIGURA 49]	PRAÇA DA PAZ (2011).....	74
[FIGURA 50]	ANTEPROJETO DA PRAÇA (DESENHO: ARQ. NABAL GOMES BARRETO).....	74
[FIGURA 51]	PERSPECTIVA ISOMÉTRICA DA PRAÇA E DTSU.....	77
[FIGURA 52]	FLUXOS DOS PEDESTRES DA PRAÇA.....	78
[FIGURA 53]	CONCENTRAÇÃO DE PESSOAS NA ÁREA ESTUDADA.....	78
[FIGURAS 54 E 55]	CONCENTRAÇÃO DE PESSOAS NA ÁREA ESTUDADA.....	79
[FIGURA 56]	DELIMITAÇÕES ESPACIAIS.....	80
[FIGURAS 57, 58 E 59]	PRAÇA DA PAZ.....	80

[FIG. 60] APRESENTAÇÃO CULTURAL NA PRAÇA DA PAZ (DEZEMBRO DE 2019).....	81
[FIGURAS 61, 62, 63, 64, 65 E 66] CRIANÇAS UTILIZANDO DIFERENTES ESPAÇOS DA PRAÇA.....	90
[FIGURA 67] DESENHO REPRESENTATIVO DA ENTREVISTA COM O CASAL.....	92
[FIGURA 68] BANCOS SEM NENHUMA ÁRVORE.....	93
[FIGURA 69] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO COM ÁRVORE.....	93
[FIGURA 70] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO SEM ÁRVORE.....	93
[FIGURAS 71 E 72] SITUAÇÕES OBSERVADAS NO MESMO ESPAÇO.....	94
[FIGURA 73] LABIRINTO NÃO UTILIZADO PELAS CRIANÇAS.....	95
[FIGURA 74] JOVENS PRATICANDO PARKOUR.....	95
[FIGURA 75] JOVENS PRATICANDO PARKOUR NO ANFITEATRO.....	95
[FIGURAS 76] MORADOR D E R UA D ORMINDO N O ANFITEATRO.....	96
[FIGURAS 77, 78 E 79] DIFERENTES APROPIAÇÕES DO ANFITEATRO.....	96
[FIGURAS 80, 81 E 82] V ENCONTRO PARAIBANO D E PARKOUR (2016).....	97
[FIGURA 83] PRÁTICA DE EXERCÍCIOS NO ANFITEATO.....	98
[FIGURA 84] DIFERENTES APROPIAÇÕES NA PRAÇA.....	98
[FIGURA 85] TAXISTA CARREGANDO O BANCO IMPROVISADO.....	99
[FIGURA 86] ÁRVORE CORTADA.....	99
[FIGURA 87] BANCOS IMPROVISADOS PELOS TAXISTAS.....	99
[FIGURA 88] BANCO FEITO COM A ÁRVORE CORTADA.....	99
[FIGURA 89] JOVENS REUNIDOS NA PRAÇA EM UM DIA DE SÁBADO ÀS 20:30 HRS.....	100
[FIGURAS 90 E 91] JOVENS REUNIDOS NO ANFITEATRO PARA A BATALHA DO RAP.....	101
[FIGURA 92] JOVENS UTILIZANDO O HALF.....	101
[FIGURA 93] QUIOSQUE UTILIZADO PELOS MAIS VELHOS.....	102
[FIGURA 94] Q UIOSQUE UTILIZADO PELOS MAIS JOVENS E COMUNIDADE LGBT.....	102
[FIGURAS 95, 96, 97 E 98] ESPAÇOS OCUPADOS COM BRINQUEDOS PARA ALUGUEL.....	103
[FIGURAS 99, 100, 101, 102, 103, 104 E 105] ESPAÇOS OCUPADOS COM BRINQUEDOS PARA ALUGUEL.....	104
[FIGURA 106] PERCURSO EFETUADO PELOS BRINQUEDOS ALUGADOS.....	105
[FIGURA 107] POSTO POLICIAL.....	105
[FIGURA 108] EQUIPAMENTOS DO PLAYGROUND.....	105
[FIGURA 109] LOCAL OCUPADO POR FLANELINHA.....	105
[FIGURA 110] ÁREA DA PRAÇA COM ILUMINAÇÃO DEFICITÁRIA.....	105
[FIGURA 111] ESPAÇO OCUPADO POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....	105
[FIGURA 112] ESPAÇO OCUPADO POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....	105
[FIGURA 113] DISPOSITIVO TÉCNICO QUE NECESSITA DE MELHORIA.....	106
[FIGURA 114] CRIANÇAS BRINCANDO NA PISTA DE SKATE.....	106
[FIGURA 115] BIBLIOTECA COM PICHACOES.....	106
[FIGURA 116] LABIRINTO DO PLAYGROUND.....	106
[FIGURA 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124 E 125] FEIRA ARTINERANTE.....	107
[FIGURA 126] BANCOS MAIS UTILIZADOS.....	108
[FIGURA 127] FLUXOS E PERCURSOS.....	108
[FIGURA 128] PERSPECTIVA ISOMÉTRICA DA PRAÇA E APROPRIAÇÕES RECORRENTES.....	109
[FIGURA 129] SÍNTESE CARTOGRÁFICA.....	110
[FIGURA 130] BATALHA DO RAP.....	113
[FIGURA 131] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA PRAÇA.....	114
[FIGURA 132] PESSOAS REUNIDAS EM FEIRA DE ARTESANATOS E ROUPAS.....	114
[FIGURA 133] VENDEDORES AMBULANTES.....	115
[FIGURA 134] CRIANÇA BRINCANDO NA GRAMA.....	115
[FIGURA 135] JOVENS PRATICANDO O PARKOUR.....	116
[FIGURA 136] CRIANÇAS BRINCANDO NA PRAÇA.....	116
[FIGURA 137] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO COM CADEIRAS.....	117
[FIGURA 138] CRIANÇAS BRINCANDO EM EQUIPAMENTO DEGRADADO.....	118
[FIGURA 139] JOVENS REUNIDOS NO ANFITEATRO PARA BATALHA DO RAP.....	118
[FIGURA 140 E 141] PESSOAS CAMINHANDO.....	119
[FIGURA 142] LOCAL OCUPADO POR MORADORES DE RUA.....	119
[FIGURA 143] CRIANÇA BRINCANDO EM BRINQUEDO ALUGADO.....	120
[FIGURA 144] ESPAÇO PARA ALUGUEL DE BRINQUEDOS.....	120
[FIGURA 145] DIFERENTES APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO.....	121
[FIGURA 146] VENDEDOR DE PIPOCAS E DOCES.....	121
[FIGURA 147] DIFERENTES APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO.....	122
[FIGURA 148] CRIANÇA BRINCANDO EM GANGORRA.....	123
[FIGURA 149] ESPAÇO UTILIZADO PELOS TAXISTAS.....	124
[FIGURA 150] CRIANÇAS BRINCANDO NA PRAÇA.....	124
[FIGURA 151] PRAÇA DA PAZ.....	125

LISTA DE QUADROS E TABELAS

[QUADRO 1] ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO.....	22
[QUADRO 2] CRONOGRAMA DAS VISITAS DE CAMPO.....	40
[QUADRO 3] CRONOGRAMA DAS VISITAS DE CAMPO PARA ENTREVISTAS.....	42
[QUADRO 4] PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	83
[TABELA 1] POPULAÇÃO RESIDENTE.....	53
[TABELA 2] RENDA MÉDIA SALARIAL POR BAIRRO.....	54
[TABELA 3] COMPARATIVO - ITENS CONSTRUÍDOS E NÃO CONSTRUÍDOS.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

[GRÁFICO 1] FAIXA ETÁRIA DE PESSOAS RESIDENTES NA REGIÃO.....	53
[GRÁFICO 2] TOTAL DE DOMICÍLIOS POR BAIRRO.....	55

LISTA DE MAPAS

[MAPA 1] CIDADE DE JOÃO PESSOA COM DELIMITAÇÃO DOS BAIRROS.....	45
[MAPA 2] BAIRROS - REGIÃO BANCÁRIOS.....	45
[MAPA 3] EXPANSÃO URBANA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA.....	47
[MAPA 4] ZONEAMENTO URBANO DA REGIÃO DOS BANCÁRIOS E ADJACÊNCIAS.....	49
[MAPA 5] PRINCIPAIS EIXOS VIÁRIOS E POLOS ATRATADORES.....	50
[MAPA 6] LINHAS DE ÔNIBUS E PONTOS DE PARADA.....	52
[MAPA 7] RENDA MÉDIA SALARIAL POR SETOR CENSITÁRIO.....	54
[MAPA 8] ÁREAS VERDES E A REORIENTAÇÃO DAS VIAS.....	61
[MAPA 9] COMÉRCIO, SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS.....	62
[MAPA 10] ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS.....	63
[MAPA 11] DELIMITAÇÃO DO RECORTE ESPACIAL.....	64
[MAPA 12] USO DO SOLO (ÁREA DE ESTUDO).....	66
[MAPA 13] GABARITO (ÁREA DE ESTUDO).....	68
[MAPA 14] CONSTRUÍDO (ÁREA DE ESTUDO).....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATI	ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE
BIC	BIBLIOTECA CAMINHO DO CONHECIMENTO
BNH	BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO
DTSU	DISPOSITIVOS TÉCNICOS ESPACIAIS DO URBANO
ELP	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
INOCOOP	INSTITUTO DE ORIENTAÇÃO ÀS COOPERATIVAS HABITACIONAIS
LASC	LABORATÓRIO DE ARQUITETURA SUBJETIVIDADE E CULTURA
LECCUR	LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE CIDADES CULTURAS CONTEMPORÂNEAS E URBANIDADES
PMJP	PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
POS	PUBLIC OPEN SPACES
PPS	PROJECT FOR PUBLIC SPACES
SECOM	SECRETARIA MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO
SEDURB	SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO
SEINFRA	SECRETARIA MUNICIPAL DE INFRAESTRUTURA
SEPLAN	SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DE JOÃO PESSOA
SESI	SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
TCLE	TERMO DE COMPROMISSO LIVRE ESCLARECIDO
UFPB	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
ZA5	ZONA AXIAL
ZANP	MACROZONA ADENSÁVEL NÃO PRIORITÁRIA
ZEP2	ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO DOS GRANDES VERDES
ZR2	ZONA RESIDENCIAL 2
ZR3	ZONA RESIDENCIAL 3

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
Objeto/Recorte.....	21
Objetivo geral.....	21
Objetivos específicos.....	22
Estrutura do trabalho.....	22
 CAPÍTULO 1 - Espaço público vitalidade e disposições sociais.....	24
1.1 A vitalidade e seus condicionantes.....	26
1.2 Os DTSU como instrumentos de atividade social.....	29
1.3 A heterogeneidade do ambiente urbano e a noção de empatia espacial.....	32
 CAPÍTULO 2 - Metodologia de diagnóstico.....	37
2.1 Metodologia utilizada no recorte espacial.....	39
2.1.1 Análise dos aspectos físico-morfológicos.....	39
2.1.2 Mapeamento comportamental e registro etnográfico.....	39
2.1.3 Entrevistas semiestruturadas.....	41
a) roteiro da entrevista.....	42
2.2 Cruzamento de dados e análise dos espaços.....	42
 CAPÍTULO 3 - A região dos Bancários: quatro bairros em um.....	45
3.1 Contexto histórico.....	46
3.2 Zoneamento.....	49
3.3 Eixos viários e conexões.....	50
3.4 Transporte público.....	52
3.5 Aspectos demográficos e socioeconômicos.....	53
3.6 Aspectos ambientais.....	58
3.7 Comércio, serviços e equipamentos urbanos.....	62
3.8 Espaços livres públicos.....	63
3.9 Delimitação da área de estudo.....	64
3.10 Compreendendo o entorno.....	65

CAPÍTULO 4 - A Praça da Paz.....	70
4.1 Os dispositivos técnicos e as atividades sociais.....	76
4.2 Principais fluxos e concentração de pessoas por horário.....	78
4.3 Principais atividades e delimitações espaciais.....	80
CAPÍTULO 5 - Narrativas urbanas: a Praça no contexto das vivências de alguns usuários.....	82
5.1 Resultados.....	82
5.1.1 Perfil dos participantes.....	82
5.1.2 Categorização dos resultados.....	86
Motivação, acesso e frequência ao local.....	86
Atrações, vínculos e dinâmicas.....	86
Avaliações do espaço.....	87
5.2 Discussão dos resultados.....	87
5.2.1 Lugar e espaço.....	88
5.2.2 Práticas cotidianas e apropriações.....	91
5.2.3 As territorialidades.....	100
5.2.4 Avaliações do espaço.....	105
5.2.5 Sugestões de alteração.....	106
5.2.6 Outras apropriações.....	107
5.3 Espacialização das respostas e construção da Síntese Cartográfica.....	108
5.4 Então, o que é mesmo empatia espacial?.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES.....	135
ANEXOS.....	136

INTRODUÇÃO

[FIG. 1] CIDADE DE JOÃO PESSOA
| FONTE: ÁCERVO DE MAURICIO MEIRELES

Os processos de urbanização decorrentes da modernização da sociedade desencadearam uma série de mudanças no espaço urbano. Com isso, muitas cidades, em constante transformação, tiveram sua estrutura espacial e social modificadas, ou seja, as relações entre os públicos urbanos e seu ambiente construído foram modificadas. Ao refletir sobre este panorama, Brito (2019) constata que o cenário urbano contemporâneo é reflexo de disputas e desequilíbrios de ordem sociocultural e econômica, evidenciando assim, o que Lefebvre (2006) e Harvey (2014) denominam de “crise urbana”. Dentre as consequências suscitadas por esta crise, durante muito tempo, foram implementados modelos de

planejamento urbano que negligenciavam a vivência pública e interação com o espaço, levando a decadência e/ou enfraquecimento dos espaços públicos.

Acerca disso, autores como Senne-
tt (1988) e Jacobs (2001) apontaram uma crise da vivência coletiva na dimensão pública, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, culminando em muitos casos de desvalorização dos espaços públicos. Em consequência a este fenômeno, passaram a ser constantes uma série de estratégias para promoção de espaços de convivência privados que — definidos por Caldeira (2000) como “enclaves fortificados” — se manifestam em condomínios fechados, clubes e associações privadas,



[FIG. 2] EDIFÍCIOS NO BAIRRO ALTIPLANO EM JOÃO PESSO-PB. ILUSTRAÇÃO: ALBERTO ARAÚJO

shopping centers, dentre outros modelos pautados na negação de espaços públicos abertos à diversidade de pessoas e que oferecessem a ideia de maior conforto e segurança a seus usuários.

Enquanto alguns estudiosos se debruçaram sobre a crise (ARENDT, 1991; HABERMAS, 1984; JACOBS, 2001; SENNETT, 1988), outros pesquisadores preocuparam-se em compreender quais eram as condições que favoreciam ou não as vivências públicas e, conseqüentemente, a noção de vitalidade urbana (WHYTE, 1988; HILLIER, 1983; GEHL, 2006; NETTO; VARGAS; SABOYA, 2012). Dentre os estudos desenvolvidos, destaca-se o entendimento de que, na maioria das vezes, o não uso de espaços públicos está relacionado ao empobrecimento de seus projetos (GEHL; GEMZØE, 2002). Contudo, esta não é a única dimensão decisiva para copresença de pessoas e uso efetivo dos espaços públicos; a morfologia urbana também é uma das dimensões que influenciam nesse processo.

Ao serem considerados como essenciais para a construção da cidade, os espaços livres públicos podem assumir inúmeras formas e escalas, englobando, inclusive, calçadas, ruas, praças e parques. Em virtude disso, verifica-se nesses espaços uma série de fenômenos cotidianos e



[FIG. 3] ELMAR, FLATIRON PLAZA, NEW YORK, 2015
FONTE: JR



[FIG. 4] CENTRO COMERCIAL DE SHIBUYA EM TÓQUIO.
FONTE: KEIO INOKASHIRA

relações sociais entre os indivíduos. Acredita-se que a dimensão social (as pessoas) e sua leitura do espaço também representam um elemento determinante para vitalidade desses locais.

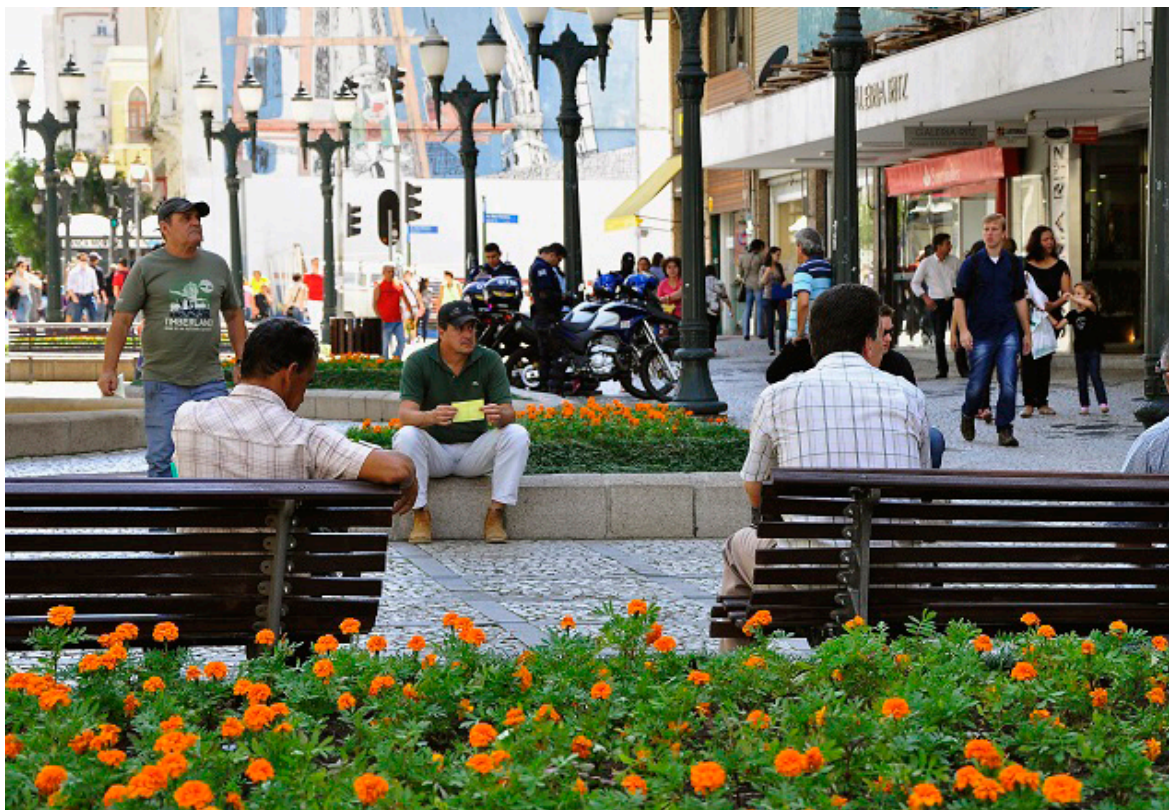
Neste sentido, merecem destaque investigações pautadas nos usuários e sua relação com o ambiente construído, a fim de se verificar quais relações podem ser estabelecidas entre a configuração espacial e aqueles que utilizam ou não tais espaços. Esses fatores são influenciados diretamente por meio de atributos físico-morfológicos dos ambientes e pela percepção que as pessoas têm deles.

Compreender os processos subjacentes à produção do espaço urbano é uma tarefa bastante complexa e que envolve diferentes campos de estudo além do urbanismo. Certamente, essa complexidade ocorre em razão da existência de diversas dimensões, entre elas a do espaço físico e a dos usuários, somadas ainda às relações que são estabelecidas por estes dois elementos. No meio urbano, verifica-se nos espaços livres públicos uma correlação direta entre relações da esfera espacial com a esfera social (MELO, 2019), constituindo assim a vida na cidade.

A partir dessa trama de conexões socioespaciais, sustenta-se uma associação entre morfologia, configuração e alteração dos espaços, que podem ser repercutidas em termos de usos e apropriações (TRIGUEIRO et al., 2019). Entende-se que a cidade e suas caracterís-



[FIG. 5] DISCOVERY GREEN, HOUSTON, USA. FONTE: ARCHDAILY



[FIG. 6] ESPAÇO PÚBLICO EM CURITIBA. FONTE: THECITYFIX

ticas morfológicas se inter-relacionam diretamente com os grupos sociais que a produzem, que nela habitam e a transformam (PANERAI, 2006). Portanto, um conjunto de ações e práticas sociais pode impactar na qualidade do espaço público, separando ou unindo pessoas e atividades (TRIGUEIRO et al., 2019).

Assim, por atuarem de modos diversos, os espaços livres públicos afetam em muitos aspectos como acessibilidade, conforto, funcionalidade, ocupação e interação social. Ao assumirem diferentes configurações, tais espaços congregam múltiplas funções no meio urbano, podendo ser utilizados não apenas na estruturação da morfologia urbana, como também para a proteção de recursos naturais e culturais, em áreas de fruição e contemplação da paisagem ou ainda serem utilizados para práticas recreativas. Todas essas modalidades influenciam diretamente na vitalidade urbana.

Contudo, este não é um processo unilateral e sim mútuo, pois a mera existência de espaços livres não implica em vitalidade. É necessário que as pessoas manifestem o interesse em utilizar os espaços públicos no seu cotidiano. Desse modo, os estudos relacionados

à percepção ambiental servem como complemento para as diferentes abordagens que versam sobre a utilização dos espaços públicos e a promoção da vitalidade. Trata-se de uma noção que também está ligada à subjetividade dos usuários e, principalmente, à interação entre os indivíduos e o espaço construído (DUARTE, 2010).

A abordagem centrada no sucesso ou insucesso de espaços públicos enquanto locus de vivência norteia diversos estudos, como os de Whyte (1980) e Gehl (2004), dentre outros, que partem da análise dos espaços e como as pessoas reagem a eles. Para os autores, determinadas características físicas podem resultar em espaços hostis ou em espaços potencialmente atraentes — atratividade esta que remete a relações de afetividade com o espaço.

Neste sentido a noção de “empatia espacial” interessa, uma vez que, essa terminologia remete a uma relação de comunhão afetiva com o “Lugar” (DUARTE, 2015). Nessa abordagem, ocorre uma compreensão da “experiência sensível”, na qual o nosso estado de espírito está em consonância com o local, sem que nós

necessariamente tenhamos uma pretensão de domínio (DUARTE, 2016). Para os pesquisadores deste campo de estudo, a “empatia espacial” é uma característica definidora de nossa experiência no mundo. Trata-se de um conceito, desenvolvido a partir da noção de “ambiências”¹, as quais englobam o espaço construído em conjunto com os efeitos subjetivos que este induz no comportamento dos indivíduos.

Em virtude de suas heterogeneidades, as noções de **empatia espacial** e de **ambiência**¹ surgem como conceitos relevantes para compreensão dos espaços públicos, enquanto elementos constituídos por meio físico e social.

Contudo, estes não são os únicos condicionantes para a vitalidade urbana, uma vez que os objetos urbanos, enquanto constituintes do espaço público, podem acionar uma infinidade de possibilidades e/ou entraves ao seu desenvolvimento. Os Dispositivos Técnicos Espaciais do Urbano² (DTSU), entendidos como elementos construídos, configuram-se como uma grande variedade de objetos fabricados que funcionam como instrumentos de atividade social urbana (TOUSSAINT, 2003).

¹O termo ambiência (s) pertence a uma corrente de trabalhos de cunho ético-metodológico pautados em práticas interdisciplinares de pesquisa. Os trabalhos sobre temática iniciaram-se nos anos 90, com o CRESSON (Centro de Pesquisa sobre o Espaço Sonoro e o Ambiente Urbano), pertencente à Escola Nacional Superior de Arquitetura de Grenoble, na França. A noção de ambiências será abordada neste trabalho como um elemento necessário à compreensão do termo “empatia espacial” e, portanto, será explorada ao longo do trabalho.

²Tradução literal do francês “Dispositifs Techniques et Spatiaux de l’urbain”.

De acordo com Toussaint, a atividade social estaria exclusivamente relacionada ao comportamento humano; neste sentido, tais objetos equipam o espaço e remetem à materialização de práticas também sociais. Essas práticas são reguladas pelos usos, na medida em que ordenam as disposições dos objetos e seu arranjo no meio urbano. Nesta perspectiva, as relações espaciais e sociais no espaço urbano são intermediadas por objetos técnicos (TRIGUEIRO, et. al., 2019; AKRICH, 2013).

Partindo da correlação entre os conceitos apresentados, surgem algumas indagações. Considerando que os DTSU não podem ser entendidos sem as disposições sociais, em que nível estes elementos auxiliariam na apropriação dos espaços públicos, gerando assim vitalidade? Dada a relação direta entre ambiente construído e práticas sociais, tais dispositivos seriam também geradores de empatia espacial? Como? A partir de que modalidades? Essas questões aplicam-se muito bem ao contexto atual, pautado em uma lógica de crescimento urbano desenfreado, muitas vezes sem planejamento, ocasionando assim diversas transformações e, não raro, situações de entrave à urbanidade³ (FIGUEIRE-

DO, 2010).

A cidade de João Pessoa, nesta problemática, oferece uma oportunidade de observação privilegiada, uma vez que tem passado por profundas transformações em seu território. Considerada de porte médio (MAIA, 2010), com população de aproximadamente 800.000 habitantes (IBGE, 2010), a capital paraibana apresenta aumento populacional e consequente espraiamento do tecido urbano, sobretudo no eixo de expansão sul-sudoeste, o que desencadeou nos bairros da Zona Sul grande expansão territorial. Em virtude disso, na região dos Bancários se encontra o atual centro morfológico da cidade (SILVEIRA et al, 2016), um polo gerador de atividades e fluxo de pessoas. Levando em considera-

20



[FIG. 7] ESPAÇO PÚBLICO BRUGUES NA BÉLGICA.
 FONTE: RENATO SABOYA

³ A Urbanidade não é um conceito estanque e divide opiniões entre diferentes autores. Para Aguiar (2012) a terminologia refere-se ao modo como espaços da cidade acolhem as pessoas. Espaços com urbanidade são espaços hospitalares. Para Holanda (2003), o termo refere-se a uma condição "simultânea ao espaço físico e a comportamentos humanos"

ção essa dinâmica, os bairros que compõem essa região (Jardim São Paulo, Anatolia, Bancários e Jardim Cidade Universitária) oferecem um cenário complexo e propício para investigações sobre a vitalidade urbana e empatia espacial.

Tendo em vista a configuração urbana atual de tais bairros, haveria alguma relação entre a noção de empatia e o uso dos espaços públicos? De que modo a configuração espacial e presença de dispositivos técnicos estaria relacionada à vitalidade urbana desses bairros? Que aspectos estariam relacionados à escolha, por parte dos usuários, dos espaços para convívio e lazer nesses bairros?

A concepção investigativa dos Dispositivos Técnicos Espaciais do Urbano (DTSU) neste trabalho serve para compreender como tais elementos se relacionam de maneira mais geral à noção de vitalidade urbana e mais particularmente, à constituição da(s) ambiência(s) que podem gerar ou não empatia espacial. Entende-se que os espaços públicos, por serem fruto de produções urbanísticas, reúnem uma infinidade de DTSU (TRIGUEIRO, 2012). Assim, é através de um olhar centrado em usos e práticas no espaço que é possível obter uma reflexão acurada sobre os condicionantes para a copresença de pessoas, encontro e apropriação de objetos às atividades sociais. A escolha por estas abordagens permite a compreensão de produção da cidade e coloca em questão os comportamentos sociais na qualificação afetiva de um espaço urbano.

21

OBJETO/RECORTE

Dispositivos Técnicos Espaciais do Urbano como geradores de empatia espacial e vitalidade na região dos Bancários em João Pessoa-PB.

OBJETIVO GERAL

Analisar a configuração de espaços públicos e dos DTSU que os compõem, bem como sua relação com atividades sociais, enquanto elementos geradores de empatia espacial e vitalidade urbana.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a configuração espacial do recorte estudado, identificando os dispositivos técnicos espaciais do urbano como geradores ou inibidores de vitalidade urbana;
- Analisar os padrões de apropriação e uso de espaços públicos;
- Investigar a qualidade afetiva para/com o espaço, à luz do do conceito de empatia espacial.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está organizado em cinco capítulos. Além desta introdução, que contextualiza a problemática norteadora da pesquisa, expõe os principais conceitos a serem abordados, bem como a delimitação do problema e objetivos, o primeiro capítulo apresenta o referencial teórico-conceitual que serve de embasamento e respaldo à pesquisa. No segundo capítulo, são apresentados o percurso metodológico utilizado, os procedimentos de apreensão dos DTSU e fatores de atração que evidenciam a empatia espacial, como também, os métodos para as sínteses cartográficas. No terceiro capítulo, é feito um breve diagnóstico do bairro e definido o recorte espacial a ser estudado. O quarto capítulo apresenta os resultados acerca dos dispositivos técnicos e de suas relações com atividades sociais, bem como a discussão das hipóteses levantadas inicialmente. O quinto capítulo, por fim, destina-se às sínteses cartográficas que ilustram as questões analisadas e podem servir como mote para possíveis proposições de melhoria no espaço. Em último momento, retomam-se algumas considerações acerca do estudo e contribuições suscitadas ao término da pesquisa.

22

ABORDAGEM CONCEITUAL	DIAGNÓSTICO			REFLEXÃO
REFERENCIAL TEÓRICO	METODOLOGIA DE DIAGNÓSTICO	DIAGNÓSTICO DO BAIRRO	DIAGNÓSTICO DO RECORTE	SÍNTESE CARTOGRÁFICA
CAPÍTULO 01	CAPÍTULO 02	CAPÍTULO 03	CAPÍTULO 04	CAPÍTULO 05

[QUADRO. 1] ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



CAPÍTULO 1

[FIG. 8] BAIRROS JARDIM SÃO PAULO E BANCÁRIOS
FOTO: TÁCIO ADVENTURES (ADAPTADO PELO AUTOR)

1. ESPAÇO PÚBLICO, VITALIDADE E DISPOSIÇÕES SOCIAIS

As definições de espaço público, espaços livres, ou ainda, espaços livres públicos carregam múltiplos significados, tornando-se uma discussão recorrente desde a segunda metade do século XX. Em termos gerais, conforme aponta Magnoli (1982 apud CUSTÓDIO et al., 2011, p. 03), entende-se por espaço livre público “todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz) ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso”. Esta acepção engloba não apenas áreas verdes, mas todo o espaço livre existente entre o construído, tais como vias, esplanadas, orlas etc., configurando-se em elementos importantes da estrutura e da paisagem urbana (BRITO, 2019; QUEIROGA, 2011).

Apesar da precisão de tais definições, há na literatura variações de conceitos sobre os espaços públicos e sua relação com elementos construídos, evi-

denciando assim concepções multidimensionais e que permeiam diferentes campos de estudos (geografia, sociologia, filosofia, urbanismo, dentre outros). A definição mais recorrente parte de uma relação dicotômica e sistêmica, na qual a associação dos espaços livres em um ambiente urbano configura um “sistema de espaços livres urbanos” (MACEDO, 2007). Esta classificação engloba todos os espaços livres de uma cidade, sejam públicos ou privados, produzidos de modo formal ou informal: ruas, praças, parques, calçadões, quintais, campinhos de futebol, marquises, entre outros (MACEDO, 2013).

De acordo com Queiroga (2007), enquanto sistema complexo, dada a inter-relação com outros sistemas urbanos, os espaços livres agrupam relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a atividade



[FIG. 9] PARQUE SÓLON DE LUCENA, JOÃO PESSOA. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



[Fig. 10] PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, JOÃO PESSOA. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR

do ócio, convívio público, marcos referenciais, atividade de lazer e esportes, dentre outras.

Os espaços públicos integram elementos fundamentais para o desempenho da vida social nas cidades. Neste sentido, podem ser compreendidos como um híbrido entre materialidade e sociedade, forma e conteúdo, fixos e fluxos, inércia e dinâmica, ou ainda, entre sistema de objetos e sistema de ações (QUEIROGA, 2011; SANTOS, 1996). Com base nesse ponto de vista, evidencia-se o pensamento de Henri Lefebvre (1968) que definia a cidade como a projeção, no solo, das relações sociais. Essas reflexões merecem grande impor-

tância para análise do espaço público na cidade contemporânea, na medida em que consideram a existência de inúmeras possibilidades de práticas urbanas as quais se relacionam com o processo de acionamento de objetos e usos (TRIGUEIRO, 2012).

Especificamente para este trabalho, será adotada a definição apresentada por Queiroga et. al (2007), na qual o espaço público é entendido não apenas como suporte físico, mas como um espaço dotado de um sistema de objetos e de ações inerentes à dinâmica social e urbana da cidade.

Brito (2019), em recente pesquisa sobre o mobiliário na ativação de espaços

públicos, aponta ainda que o termo Espaços Livres Públicos é também usual em referências internacionais, sobretudo em língua inglesa. De acordo com autora, há diversos artigos científicos e legislações municipais⁴, que apresentam nomenclatura similar à da língua portuguesa. Como exemplo, destaca-se o termo *public open spaces* (POS), uma terminologia que abrange a variedade de espaços dentro do

ambiente urbano livremente acessíveis à comunidade em geral para recreação e diversão. Outro fato comum nas referências internacionais diz respeito à demarcação, proteção, valorização e manutenção dos referidos espaços. Essas iniciativas representam de modo claro uma constante tentativa de promover a vitalidade dos espaços públicos e integrá-los cada vez mais à vida social e copresença de pessoas.

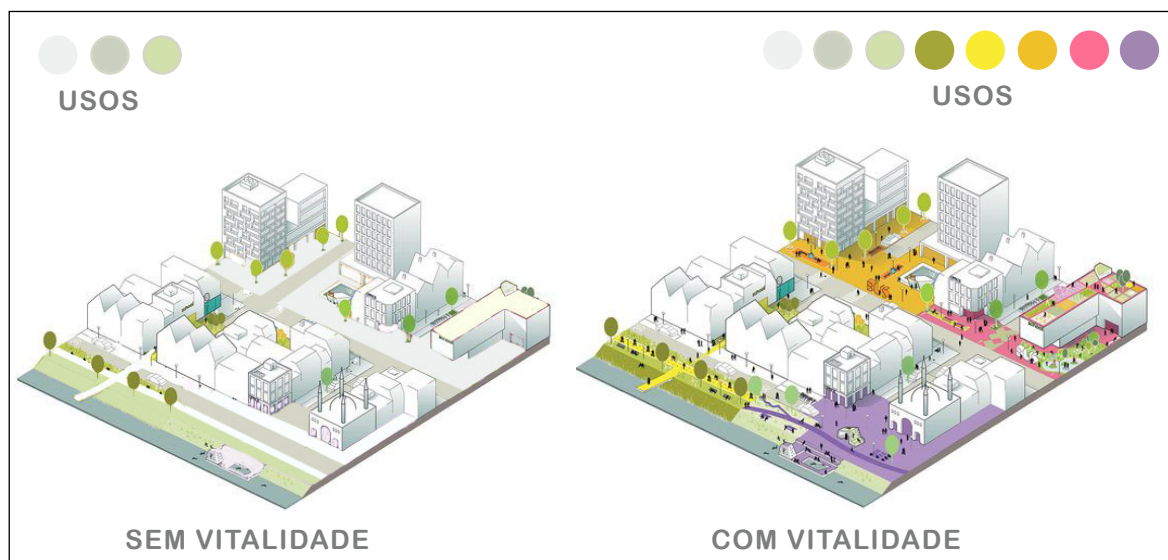
1.1. A vitalidade dos espaços e seus condicionantes

Conforme destacado no início deste trabalho, é recorrente o entendimento de que o não uso de espaços públicos está relacionado ao empobrecimento dos seus projetos (GEHL, 2013). Esta afirmação evidencia uma preocupação que não é recente e que coloca no centro da discussão os modelos de planejamento urbano que impulsionaram a segregação de espaços e pessoas.

Jane Jacobs, em sua aclamada obra *Morte e Vida de Grandes Cidades* (1961), faz uma crítica focalizada, predominantemente, na perda de diversidade das novas urbanizações, produzidas em gran-

de escala. Ao fazer isso, a autora teoriza sobre os recursos que trariam às cidades a capacidade de serem ambientes vitais nos quais a vida humana prosperaria. Tais recursos consistem em um conjunto de condições básicas que o ambiente construído deve apresentar para promover uma boa cidade. Assim, a vitalidade refere-se a um espaço público urbano mais seguro, mais desejável, mais atraente e com a capacidade de oferecer mais opções para atividades sociais, além de ser um lugar de intercâmbio cultural onde as interações sociais ocorrem devido aos diferentes usos e à concentração de pessoas.

⁴ A exemplo disso, pode-se encontrar inúmeras legislações, através de uma procura rápida na internet com o termo "Public Open Spaces Legislation". Os resultados apresentam legislações e recomendações de uso comunitário, e de deveres de manutenção pelas autoridades nos vários níveis de Governo, em países como Reino Unido, África do Sul, Austrália e Estados Unidos. (BRITO, 2019).



[FIG. 11] ESQUEMA BASEADO NA PROPOSIÇÃO DE JACOBS (2001). FONTE: ELABORADO PELO AUTOR

Ao partir dessas definições, constata-se a importância do espaço público e dos indivíduos que nele têm a oportunidade de se encontrar. Duarte (2014) ressalta que o espaço construído influencia diretamente sobre a apropriação que o indivíduo desenvolve neste, podendo gerar a segregação de pessoas em categorias ou classes. Outro fator importante, diz respeito à disposição dos elementos no espaço, que podem atender às demandas sociais definidas. A partir de uma classificação que envolve determinados modelos de comportamentos nos indivíduos, poderia haver aproximação ou separação conforme interesse. Este fato pode ser visualizado clara-

mente nas praças, pois como um exemplo de espaço construído, nelas, se sobrepõem aspectos relacionados à forma construída e ao uso (DUARTE, 2014).

A praça, portanto, é um espaço voltado essencialmente ao encontro. Ela “não é apenas forma ou paisagem, cenário ou palco, mas um espaço para as ações da vida pública, sendo um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações” (QUEIROGA, 2007, p. 86). Esta reflexão torna-se importante, pois para a noção de vitalidade é necessário compreender e mensurar os atributos socioespaciais e morfológicos do ambiente. Em uma coletânea de textos⁵, publicados

⁵ Os textos foram publicados inicialmente em 2012 e 2013, porém, foram revisados pelo autor e republicados no site Archdaily posteriormente.

recentemente, Saboya (2016; 2017; 2018) aponta quatro fatores que condicionam a vitalidade urbana: densidade de usos, acessibilidade, arquitetura da rua e permeabilidade visual. A partir da análise desses elementos, o autor propõe um conjunto de condições básicas que o ambiente construído deve apresentar para que a vitalidade seja reforçada. O estudo apresentado por ele adota métodos de mensuração voltados às características morfológicas e espaciais. Embora seja uma metodologia atraente para muitos pesquisadores — considerando que há uma relação direta entre as características físicas dos espaços públicos e sua vitalidade — este método, apesar dos resultados obtidos de maneira satisfatória, ainda sofre dificuldades para avaliar as correlações entre a forma urbana e a apropriação dos espaços, devido à complexidade e a multiplicidade de aspectos que influenciam a dinâmica urbana (SANTANA, 2015).

Malgrado essas considerações, para fins de análise, a definição de vitalidade adotada neste trabalho ancora-se nas pesquisas desenvolvidos por Saboya, as quais entendem a vitalidade urbana como “socialidade, representada pelo movimento de pedestres, copresença e potencial de interação nos espaços públicos” (SABOYA; NETTO; VARGAS, 2015, p.3). Neste senti-

do, entende-se que há no espaço público uma série de práticas que estão sujeitas à sua configuração, às suas dimensões e que relacionam atividades socioespaciais. A partir deste entendimento, recupera-se a noção de **práticas urbanas** (SCOCUGLIA, 2012; LEFEBVRE, 1969) ou ainda de práticas coletivas, nas quais as atividades dos indivíduos no espaço público merecem destaque.

Essa compreensão que se coloca é muito ampla e afeta diversos campos de estudos: em primeiro lugar, o próprio espaço; em seguida, os condicionantes que levam ao uso e à copresença de pessoas para promoverem a vitalidade; por último, as relações entre o espaço construído e os fatos sociais que nele ocorrem. Assim, servirão como enfoques para este trabalho dois elementos: (1) a compreensão do espaço construído e os condicionantes que levam ao uso e copresença de pessoas e (2) as relações entre o espaço construído e os fatos que revelam as apropriações sociais deste espaço. Em relação ao primeiro elemento, o enfoque ocorrerá a partir da análise dos dispositivos técnicos espaciais do urbano (DTSU). Já em relação ao segundo, será feita uma aproximação aos estudos de comportamento ambiental.

1.2. Os dispositivos técnicos espaciais do urbano como instrumentos de atividade social

De modo geral, os dispositivos técnicos e espaciais urbanos (DTSU) são instrumentos que permitem participar de atividades sociais. O aspecto mais importante do termo dispositivo é a ideia de um arranjo de objetos fabricados. O conceito foi desenvolvido por Jean-Yves Toussaint (2003) em sua tese de doutorado e parte da mobilização de objetos e dispositivos técnicos nas atividades sociais diárias. A concepção desenvolvida pelo autor está diretamente relacionada à posição crítica desempenhada pela socióloga francesa Madeleine Akrich ao construtivismo social⁶. Akrich (2013) considera a existência de uma infinidade de objetos técnicos que se relacionam ao mundo físico e social e, portanto, “possuem um conteúdo político no sentido de que eles constituem os elementos ativos de organização das relações dos homens [...] com seu ambiente” (AKRICH, 2013, p. 161). Neste sentido, ao desenvolver sua teoria sobre DTSU, Toussaint (2003) considera que existem no meio urbano objetos que equipam o espaço e remetem à materialização de práticas sociais. Na sequência de imagens a seguir, verifica-se um exemplo bastante simples aplicado a um banco, que ilustra a discussão colocada aqui.

29

Para Toussaint (2003) as práticas são reguladas pelos usos, na medida em que ordenam as disposições dos objetos e seu arranjo no meio urbano. Nesta perspectiva, as relações espaciais e sociais no meio urbano são intermediadas por objetos técnicos (TRIGUEIRO et. all., 2019; AKRICH, 2013). Ainda, os dispositivos não são objetos isolados, difíceis de definir os limites no espaço urbano, mas uma combinação de vários objetos, constituindo assim um arranjo, uma articulação de elementos. Na concepção de AKRICH (2013), o objeto técnico define os atores, o espaço no qual eles se movem e as relações entre esses atores. De acordo com Toussaint (2003), os DTSU permitem que as pessoas que os utilizam aumentem suas possibilidades de ação, individual e coletivamente, gerando assim, comportamentos que são enquadrados pelas regras de uso. Essas regras de uso estão, entre outras coisas, associadas à sustentabilidade de dispositivos e como esses são compartilhados. Os usos, portanto, regulam as práticas que definem os dispositivos (TOUSSAINT, 2003). As imagens ao lado ilustram claramente a relação estabelecida entre os usos e objetos, de modo que a mera existência de determinados objetos no espaço urbano não é um elemento definidor para que as pessoas os utilizem.

⁶ O construtivismo social é a crença de que ao invés de descobrir uma realidade objetiva e independente, o ser humano constrói o conhecimento através de suas interações sociais. (CASTAÑON, 2004). Akrich e Latour (1992) afirmam que o construtivismo social nega a atuação dos objetos, assumindo que apenas as pessoas são capazes de atuar. Portanto, faz-se necessário mudar o quadro de referência do social.



[FIG. 12] COMO SE USA UM BANCO? FONTE: GEHL & SVARRE, 2018

Ao estudar sobre as urbanidades e tensões socioespaciais através das dinâmicas de apropriação da Praça Ponto dos Cem Réis em João Pessoa - PB, Moulin Bastien (2015) evidencia em seu trabalho como um dispositivo técnico pode ou não promover práticas sociais. Em sua pesquisa, Moulin também recupera a definição desenvolvida por Toussaint (2003) e verifica que “olhar o espaço através do conceito de DTSU consiste em entendê-lo como uma coleção de objetos elementares que, associados, o compõem”.



[FIG. 13 E 14] DISPOSITIVOS TÉCNICOS NA PRAÇA DE 100 RÉIS, JOÃO PESSOA. FOTO: MOULIN (2015).

Assim, a presença de determinados tipos de DTSU pode ser uma característica capaz de influenciar na decisão sobre quais espaços públicos são mais atraentes para serem frequentados. Corroborando esta premissa, em seus estudos sobre o uso dos espaços urbanos, Whyte (1980) constatou que a existência de elementos adequados, como bancos confortáveis e bem localizados, por exemplo, influencia no uso das praças. Este mesmo aspecto é evidenciado por Jacobs (2001) ao referir-se sobre o uso das calçadas, identificando-as como locais onde que a existência de bancos possibilitaria às pessoas apreciarem o movimento, aumentando assim, as oportunidades de se relacionarem com outros usuários do espaço público.

As imagens ao lado, apesar de ilustrarem o uso de objetos bastante similares, representam duas realidades distintas. A primeira, no Largo da Batata em São Paulo (2013), demonstra uma iniciativa por parte das pessoas de ocupar os espaços que ninguém ocupava. Na época, grupos de pessoas e coletivos começaram a criar e instalar, por conta própria, o mobiliário urbano que faltava no local. Já na segunda imagem, na Praça Targ Węglowy na Polônia, há um local que foi previamente projetado em um antigo estacionamento. A forma do design foi resultado de seu ca-



[FIG. 15] CADEIRAS DE PRAIA NO LARGO DA BATATA - SP (2013). FOTO: MAURO CALLIARI.



[FIG. 16] PRAÇA TARG WĘGLOWY, GDAŃSK (POLÔNIA).

ráter temporário e de um orçamento relativamente pequeno, mas também da necessidade de interferir de maneira neutra no ambiente histórico.

A ideia principal era arrastar os cidadãos para o tipo de jogo em que participavam desde o momento em que entravam na praça. Com esta iniciativa, o mobiliário foi projetado de maneira modular, permitindo com que os usuários tivessem a oportunidade de criar seus próprios pequenos espaços nos quais se sentiam mais confortáveis. Mesmo representando diferentes contextos, essas imagens apontam exemplos reais de como as práticas sociais são determinadas pelos comportamentos e regras de uso, apontadas por Toussaint (2003).

A noção de uso deve ser estabelecida aqui em uma visão mais ampla do que a simples utilidade de um objeto ou espaço. Nesta concepção, é preciso entender que todas as ações sociais que ocorrem em uma estrutura espacial e temporal “se destacam através de práticas e comportamentos sociais reais” (ZEPF, 2009 apud WINZ, 2016). Trata-se de abordar os usos dos espaços públicos e seus componentes por práticas, rotinas diárias, hábitos ou ainda pequenos gestos não refletidos. Uma maneira de compreender este processo é questionar como os dispositivos técni-

cos espaciais do urbano são utilizados ou como eles influenciam os usos e comportamentos. Seriam muitas as possibilidades de análise, mas, especificamente para esta pesquisa será dado enfoque ao comportamento que os usuários têm acerca do local e dos objetos que ali se encontram.

Elali e Santana (2016, p. 67) apontam que, “assim como a morfologia pode influenciar no uso do espaço, a percepção

que as pessoas têm do lugar também pode favorecer ou inibir seu uso, desempenhando importante papel nos processos de apropriação e identificação dos espaços”. Portanto, no âmbito desta pesquisa, a análise dos DTSU estará relacionada às relações sociais que acontecem em um lugar a partir do comportamento e percepção dos seus usuários.

1.3 A heterogeneidade do ambiente urbano e a noção de empatia espacial

32

Entende-se que a vitalidade ocorre quando as pessoas são atraídas para a interação nos espaços públicos, estimulando assim a “copresença e socialidade” (SABOYA, NETTO, VARGAS, 2015). A partir disso, recupera-se os dois primeiros objetivos específicos deste trabalho: 1- Caracterizar a configuração espacial do recorte estudado, identificando os dispositivos técnicos espaciais do urbano como geradores ou inibidores de vitalidade urbana; 2- Analisar os padrões de apropriação e uso de espaços públicos. Além destes, se faz necessário também entender quais seriam os condicionantes que favorecem ou inibem o uso dos espaços. Dada a relação direta entre ambiente construído e práticas sociais, tais dispositivos seriam geradores de alguma manifestação de interesse ou

escolha de uso por parte dos usuários? É neste sentido que a percepção ambiental se torna essencial para o entendimento da vitalidade urbana e, em virtude de suas heterogeneidades, as noções de empatia espacial e de **ambiência** surgem como conceitos relevantes para compreensão dos espaços públicos, enquanto elementos constituídos por meio físico e social

Em sentido literal, o termo “empatia” apresenta uma múltipla significação e contém definições em diferentes áreas, notadamente a Psicologia e a Sociologia. Apesar de ser investigada em diversos contextos, a aplicabilidade do termo no estudo do espaço urbano ainda é relativamente pouco explorada. Especificamente no Brasil, destacam-se os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Laboratório de Pesquisa

Arquitetura Subjetividade e Cultura (LASC)⁷ e, mais recentemente, à pesquisa doutoral desenvolvida por Nascimento (2018), que sugerem a definição de uma empatia espacial⁸.

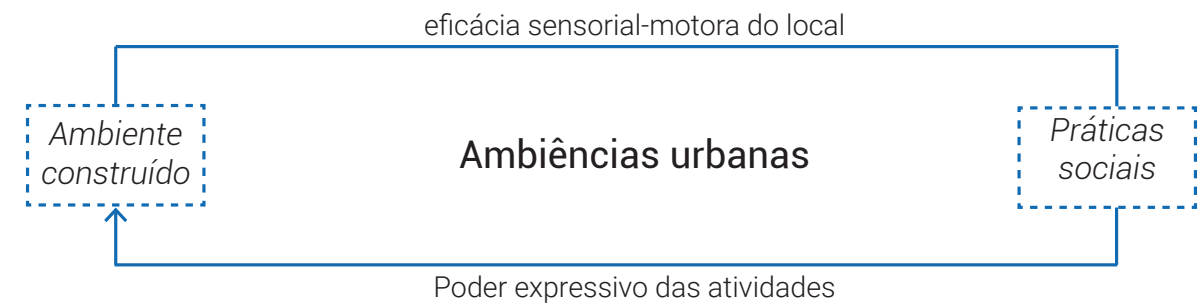
De acordo com Nascimento (2018), para compreender o termo empatia espacial é preciso considerá-lo como uma construção desencadeada pelo sensível. A definição dessa terminologia resulta de um processo que envolve não apenas atributos de ordem social ou espacial, como também, diversos fatores extra materiais: comportamentais, sensíveis, sociais, culturais, dentre outros. A autora considera que as experiências coletivas se associam a três elementos: 1. sensorialidade; 2. sociabilidade; 3. espacialidade. Considerando a relação entre estes elementos pode-se dizer que existem certos fatores que podem engatilhar a empatia espacial. Ainda de acordo com Nascimento (2018, p. 127) “a adoção deste viés se deve primeiramente à pluralidade e diversidade do meio urbano, o que nos leva a explorar tanto a base espacial como as práticas sociais nela desdobradas”.

O conceito de empatia espacial apresenta grande complexidade, em virtude dos campos teóricos aos quais se relaciona, somados ainda à multiplicidade de relações estabelecidas entre eles, como as definições sensorialidade, sociabi-

lidade e espacialidade. Discutir ou analisar cada um desses termos seria de grande importância reflexiva, no entanto, fugiria do escopo e dimensão desta pesquisa, enquanto trabalho final de graduação. Assim, a empatia espacial será tratada aqui como uma ferramenta conceitual que tem como objetivo “identificar como os gatilhos de uso e apropriação do espaço podem fundar experiências compartilhadas” (NASCIMENTO, 2018, p. 171). A partir desta definição, entende-se que a empatia espacial, por ser construída a partir dos sentimentos e registros sensíveis de uma experiência, configura-se como um dos fatores responsáveis pela **adesão afetiva ao Lugar**.

Apesar de referir-se a um caráter afetivo, é importante considerar que a definição deste conceito difere da noção de pertencimento ao lugar. Com base em Duarte (2015), entende-se que o sentimento de pertencimento vem de uma necessidade de enraizamento, de criação de laços identitários. Já a noção de empatia evidencia “uma relação de comunhão afetiva com o Lugar” (DUARTE, 2015, p.74). As pessoas podem estar em consonância com o local sem que, necessariamente, tenham uma pretensão de domínio. É neste sentido que existem certos condicionantes de ordem física e imaterial presentes no espaço que podem impulsionar o uso dos espaços públi-

cos. Entre esses aspectos, um dos fatores que constituem um “gatilho” para o processo de empatia é a relação entre o espaço (recorte físico) e a pluralidade social. Por ser um processo de cunho sensível, entende-se



[FIG. 17] ESQUEMA DE CONCEPÇÃO DAS AMBIÊNCIAS URBANAS. FONTE: THIBAUD (2012).

que o estudo da empatia espacial ocorre a partir da observação das ambiências urbanas.

Os trabalhos desenvolvidos sobre esta temática valorizam a heterogeneidade do ambiente urbano e partem da concepção de que o espaço público é um lugar de sociabilidade; com isso, fazem uso de métodos de imersão no espaço provenientes da antropologia e de uma observação dentro de um contexto etnotopográfico⁹. É por este motivo que, para desenvolver o conceito de empatia espacial, os pesquisadores buscam respaldo através da observação e estudo das ambiências urbanas.

De acordo com Duarte (2013) as ambiências se relacionam com as sensações térmicas, lumínicas, sonoras, culturais e subjetivas de determi-

"A noção de ambiência permite pensar a determinação mútua do ambiente construído e das práticas sociais."

Thibaud (2012)

nado lugar e seus usuários, funcionando como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos indivíduos. Complementando esta definição, Thibaud (2012, p.29) define que “a noção de ambiência permite pensar a determinação mútua do ambiente construído e das práticas sociais”. Neste sentido, “mobilizam o corpo do pas-

⁷ Laboratório vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ). <http://lasc.fau.ufrj.br/>

⁸ Em sua pesquisa, Nascimento (2018) constrói a noção de Empatia Espacial a partir de uma ferramenta conceitual e metodológica voltada ao estudo de experiências coletivas em espaços públicos. Partindo da hipótese de que determinados atributos podem favorecer o engatilhamento de uma Empatia Espacial em lugares de uso coletivo e público, o estudo empírico foi realizado em duas praças no Rio de Janeiro e foi pautado na observação participativa e na etnografia.

⁹ A etnotopografia é uma abordagem desenvolvida no Laboratório, Subjetividade e Cultura e pode ser resumida como uma etnografia registrada através do espaço por meio de cartografias, mapas e desenhos etnográficos (DUARTE, 2013)

sante e o colocam em relação com o lugar” (THIBAUD, 2012, p. 29). Entende-se que os cidadãos não são simples receptáculos do espaço, ao contrário, eles se apoiam nos recursos do lugar para desenvolver suas atividades, assim, os modos de agir em público configuram-se como produtores de ambiências (THIBAUD, 2012). Para o autor, as ambiências urbanas podem estabelecer uma articulação entre eficácia sensorial-motora do lugar e o poder expressivo das atividades. Dessa maneira, as ambiências são compreendidas a partir do “Lugar urbano acrescido de todas as sensações que dele emanam (térmica, lumínica, sonora, cinestésica)” somadas, também, “à atmosfera emocional e moral produzida pelas subjetividades e culturas dos seus participantes” (THIBAUD, DUARTE, 2013).

Neste sentido, o entendimento de ambiência, apesar de não ser a questão norteadora desta pesquisa, importa neste trabalho, uma vez que considera os aspectos funcionais, formais e ambientais do espaço construído, não como fatores isolados, mas como elementos que se correlacionam. Ao se debruçar sobre o conjunto de aspectos sensíveis e dinâmicos dos lugares, assim como de seus usuários, o estudo das ambiências abre possibilidades de compreensão das experiências sensíveis em espaços públicos, e permite novas

maneiras de pensar e atuar sobre o meio urbano. Partindo dessa reflexão, pode-se compreender que “os processos de apropriação do local urbano passam pelo reconhecimento da realidade sensorial das ambiências da cidade” (DUARTE, 2013, p. 2). O meio físico serve de suporte às ações que são impulsionadas pelo meio sensível e as ambiências podem ser derivadas tanto de coisas como de pessoas, pois elas são “manifestações características da copresença de sujeito e objeto” (BÖHME, 2016 apud NASCIMENTO, 2018, p. 16).

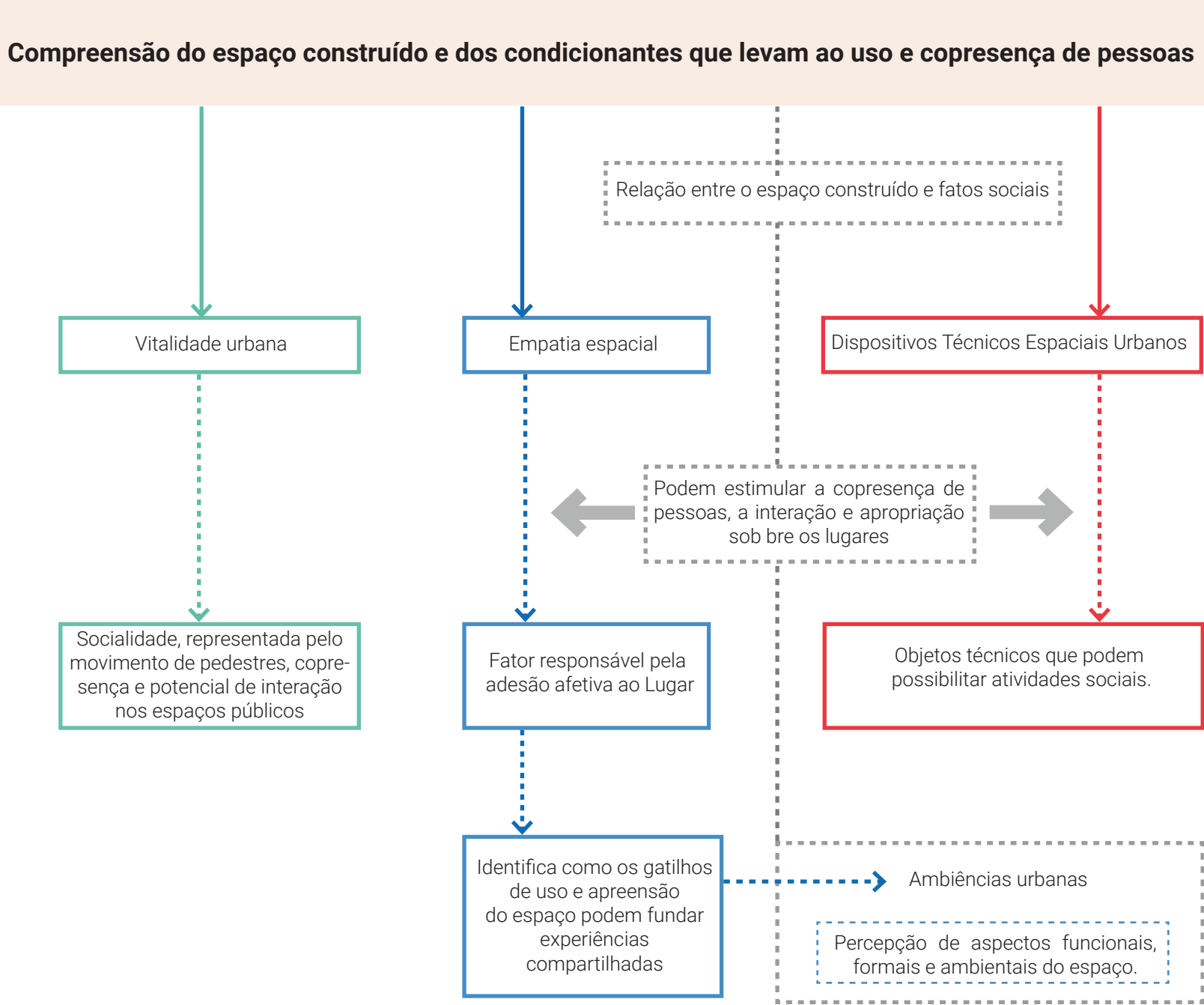
A discussão é indiscutivelmente multidisciplinar e a pesquisa atém-se à articulação entre os conceitos de “vitalidade”, “dispositivos técnicos e espaciais” e “empatia espacial”, como temática principal. As ambiências urbanas, por outro lado, poderão ser recuperadas em determinados momentos da análise, no entanto, sem necessariamente abordarem todas questões sensoriais e subjetivas das quais ela se relaciona. Com base nessas considerações, este trabalho propõe um panorama espacial de um recorte específico e a exploração de seus conteúdos sociais, a partir de percepções e vivências no espaço de um grupo de usuários. Estes dados constituem um corpus de trabalho que, submetido à análise e a categorias teóricas, fomenta o estabelecimento de cartografias e narrati-

vas construídas, notadamente a partir de relatos de usuários do espaço em tela e do olhar do pesquisador.

Relacionando os conceitos apresentados ao escopo desta pesquisa, nota-se que os espaços públicos permitem o encontro com o outro e, por isso, fortalecem as relações coletivas. Estas relações denotam o que Lamas (2004) considera como “espaços de convivência e de socialização” e partem da relação entre ambiente físico e escala humana. Justifica-se, a partir desse contexto, critérios de vitalidade urbana que sistematizam e corroboram quais mecanismos são ativadores dos espaços livres existentes a partir da correlação entre usuários, objetos técnicos e os fatores de atração que evidenciam uma noção de empatia espacial.

Com o intuito de retomar os conceitos apresentados e ilustrar, de modo sistemático, a mobilização dos aportes teóricos para o entendimento deste trabalho, foi elaborado o seguinte diagrama, no qual as temáticas norteadoras são destacadas em cores e as questões mais tangenciais em cinza.

- ABORDAGEM
- CONCEITOS
- DEFINIÇÕES



[FIG. 18] ESQUEMA DE CORRELAÇÃO ENTRE OS CONTEÚDOS ABORDADOS. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.



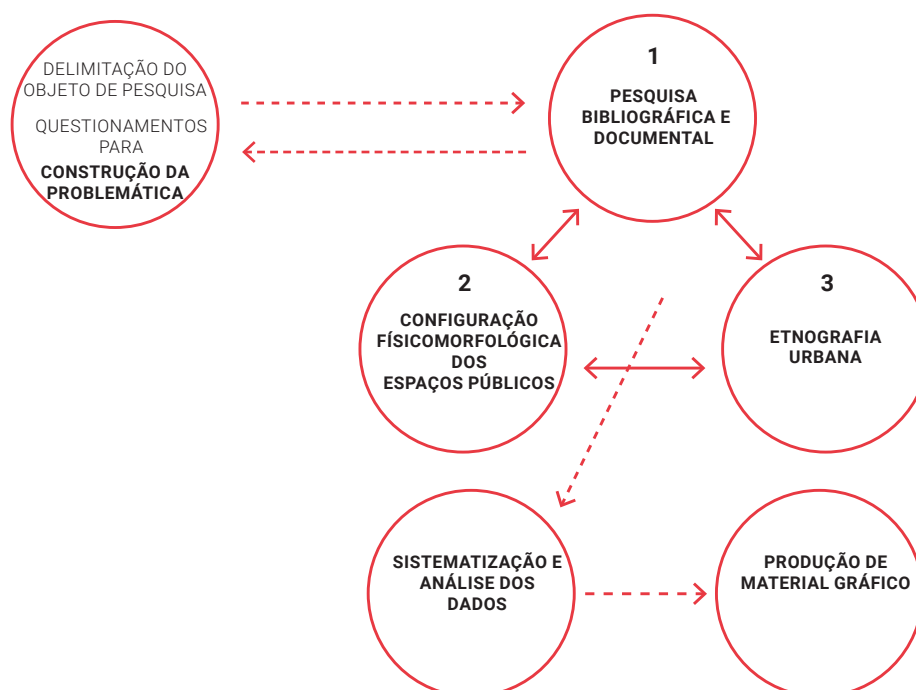
CAPÍTULO 2

[FIG.19] APRESENTAÇÃO CULTURAL NA PRAÇA DA PAZ (DEZEMBRO DE 2019)
Foto: SECOM/PMJP

METODOLOGIA DE DIAGNÓSTICO

Ainda na construção do referencial teórico deste trabalho, uma preocupação bastante recorrente era qual seria a metodologia a ser adotada que contemplasse os conceitos apresentados, como também os desdobramentos de uma abordagem bastante multidisciplinar. Dessa maneira, foram consultadas diversas pesquisas similares e verificados quais seriam os métodos que mais se adequariam à proposta desenvolvida aqui. De fato, não foi encontrado nenhum trabalho que versasse especificamente sobre as três dimensões simultaneamente: vitalidade, dispositivos técnicos e empatia espacial. Foi necessário então, construir uma metodologia a partir dos trabalhos já desenvolvidos, selecionando métodos e técnicas específicas, já testadas previamente e aptas a melhor se adequarem à problemática da pesquisa. Optou-se assim pela associação entre procedimentos de análise urbana e de percepção ambiental. Para o mapeamento e observação do objeto, o uso de métodos oriundos da etnografia urbana pareceram bastante apropriados. O diagrama abaixo ilustra a relação estabelecida entre as etapas que nortearam a escolha metodológica.

37



[FIG. 20] Relação estabelecida entre as etapas de trabalho. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.

A escolha pela região dos Bancários¹⁰, ocorreu por diferentes fatores que favoreciam a pesquisa. Um fato importante foi sua localização estratégica, como ponto de passagem para universidades, grandes supermercados e outros bairros comerciais da cidade. Trata-se de uma área em expansão, um polo gerador de atividades e grande fluxo de pessoas. O percurso metodológico adotado articula enfoques essencialmente qualitativos, embora quantifique determinados aspectos urbanísticos da área de estudo (tais quais fatores morfológicos, de uso e ocupação dos espaços, etc.). Para isso, fez-se uso de alguns procedimentos adotados por Santana¹¹ (2015) e etapas de exploração dos dados, cuja dimensão qualitativa permite abranger o universo de significados que correlaciona usuários, objetos técnicos e os fatores de atração pelos espaços. Neste sentido, o entendimento da concepção urbana e configuração espacial, enquanto aspectos centrais dessa pesquisa, não se limitaram a uma visão restrita da descrição de formas e elementos que os compõem, mas buscaram transitar e dialogar com outras disciplinas, para entender a relação: **Vitalidade – usos – apropriações – empatia**. Para isso, foram definidos dois procedimentos iniciais:

1- Diagnóstico do bairro. Nesta etapa, houve uma breve análise morfológica e mapeamento dos espaços públicos com atividades de lazer e convívio, notadamente as praças. Estas últimas foram observadas quanto à configuração física, localização e presença massiva de pessoas em diferentes horários. Fazendo uso do software Quantum GIS, a partir de arquivos disponibilizados pela Prefeitura de João Pessoa, a área foi espacializada em mapas de formatos shapefile, e com isso foi possível armazenar, integrar e atualizar algumas informações.

2- Definição do Recorte espacial de estudo. Após a etapa de mapeamento, foi estabelecido um recorte espacial que contemplasse a praça de maior porte e fluxo de pessoas. Para isso, foi escolhida a Praça da Paz e sua área de influência¹² em um raio de 500 metros. Para identificar e representar a área de influência utilizou-se a ferramenta buffer dentro do Sistema de Informação Geográfica (SIG), um recurso para criar polígonos a uma distância

¹⁰ Apesar de independentes administrativamente, os quatro conjuntos residenciais que compõem essa região (Jardim São Paulo, Bancários, Anatolia e Jardim Cidade Universitária), já foram considerados como único bairro. Ainda hoje, seus habitantes não consideram os limites, indicando que moram nos Bancários.

¹¹ Em sua pesquisa intitulada “Uma reflexão sobre a vitalidade urbana das praças de Natal-RN”, a autora identifica os elementos que contribuem para vitalidade das praças e sua relação em morfologia e percepção ambiental. Para isso, é utilizada uma abordagem de triangulação metodológica a partir de diferentes variáveis. Alguns dos métodos utilizados pela autora foram incorporados também neste trabalho.

¹² Raio de influência caracterizado como o raio máximo de atendimento, sem travessia de ruas de trânsito intenso. Sugerido por KLIASS, Rosa Grena; MAGNOLI, Miranda M. Áreas verdes de recreação. Paisagem e Ambiente, São Paulo, n.21, 2006.

determinada ao redor de feições específicas.

2.1. Metodologia de diagnóstico utilizada no recorte espacial

Considerando que a abordagem norteadora deste trabalho é a compreensão do espaço construído e dos condicionantes que levam ao uso e copresença de pessoas, para análise do recorte espacial, foram definidas quatro dimensões analíticas e para cada uma delas um conjunto de procedimentos metodológicos que resultam em um subproduto. Ao término, foi feito o cruzamento e análise de cada subproduto a fim de se obter um diagnóstico do espaço a partir de diferentes visões do pesquisador (enquanto observador) e das pessoas que utilizam o local.

2.1.1 Análise dos aspectos físico-morfológicos.

Esta primeira etapa consistiu na observação in loco e no levantamento fotográfico para identificação dos dispositivos técnicos espaciais urbanos presentes no recorte espacial analisado.

Produto parcial: caracterização físicoespacial da área de análise do entorno imediato, por meio de mapas e levantamento fotográfico, considerando diferentes aspectos que condicionam a produção e apropriação dos espaços estudados. As análises de entorno geraram subsídios que foram confrontados com os resultados obtidos pelo método de mapeamento comportamental, especificado na etapa seguinte.

2.1.2. Mapeamento comportamental e registro etnográfico.

Esta fase consiste em um estudo descritivo e comparativo das propriedades espaciais e seus efeitos nos usos e apropriações do espaço. O principal objetivo é a descrição das cenas de apropriação com identificação dos tipos, origens e elaboração de mapas comportamentais e diagramas de fluxos a partir da frequência, abrangência e rotina das atividades. Por meio destes procedimentos, pretende-se entender o comportamento das pessoas e possíveis relações de comunhão/afetividade com o espaço (relações empáticas).

O método de mapeamento comportamental é desenvolvido a partir de observações sistemáticas do ambiente, registradas através de representações gráficas da ocupação humana em sua área, relacionando espaço físico e comportamento dos usuários (PINHEIRO, ELALI, FERNANDES, 2008; SANTANA, 2015). Trata-se de um método de observação discreto e objetivo, que indica particularidades dos usos do espaço.

O mapeamento foi feito por meio da representação gráfica das pessoas presentes nas praças, considerando o seu comportamento, em determinado tempo e centrado no lugar. Através dessa técnica foi possível investigar no local de observação: uma quantidade aproximada de usuários, as características (idade e gênero), os horários de utilização, as atividades que aconteciam e os locais de uso e apropriação.

Inicialmente foi feito um estudo Piloto, desenvolvido no mês de dezembro de 2019, a partir de visitas frequentes ao local durante duas semanas consecutivas, em diferentes horários. Estas visitas também foram importantes para conversar de maneira informal com algumas pessoas que usavam a praça, reiterar o(s) uso(s) em torno dos dispositivos existentes no local, e também a verificação das atividades que poderiam ser consideradas nos mapas comportamentais. Foram observadas pessoas que corriam/caminhavam, utilizavam algum mobiliário, brincavam, permaneciam sentadas/paradas, andavam de bicicleta ou simplesmente passavam pela praça. Nesta etapa foram feitas 14 visitas a área de estudo, conforme é detalhado no quadro 2.

Nº	DATA	DIA DA SEMANA	TURNO
1	15/12/2019	DOMINGO	TARDE/NOITE
2	17/12/2019	TERÇA-FEIRA	MANHÃ
3	19/12/2019	QUINTA-FEIRA	TARDE/NOITE
4	10/01/2020	SEXTA-FEIRA	TARDE/NOITE
5	12/01/2020	DOMINGO	MANHÃ
6	13/01/2020	SEGUNDA-FEIRA	TARDE/NOITE

Nº	DATA	DIA DA SEMANA	TURNO
7	14/01/2020	TERÇA-FEIRA	TARDE/NOITE
8	16/01/2020	QUINTA-FEIRA	MANHÃ
9	18/01/2020	SÁBADO	MANHÃ
10	22/01/2020	QUARTA-FEIRA	TARDE/NOITE
11	24/01/2020	SEXTA-FEIRA	MANHÃ
12	25/01/2020	SÁBADO	TARDE/NOITE
13	29/01/2020	QUARTA-FEIRA	MANHÃ
14	03/02/2020	SEGUNDA-FEIRA	MANHÃ

[QUADRO. 2] CRONOGRAMA DE VISITAS. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR

Produto parcial: diário de campo com anotações, registro fotográfico e mapeamento de usos, apropriações e comportamentos observados nos diferentes dias de visita ao local.

41

2.1.3 Entrevistas Semiestruturadas

Este método organiza-se a partir de um roteiro de questões sobre o tema estudado e permite que o participante se expresse livremente acerca de diferentes temas, no entanto previamente estabelecidos, mas que transcorrem como se fosse uma conversa informal. Desta forma, os assuntos vão surgindo a partir do tema principal e da interação com entrevistador, que segue um modelo previamente estabelecido para nortear a conversa, com direito a réplicas ou tréplicas igualmente estabelecidas.

Como as etapas anteriores limitam-se a uma visão do pesquisador a partir das observações in loco, essa técnica foi a que melhor se adequou para coletar dados referentes à percepção dos usuários sobre o local estudado. Após a assinatura de um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, as entrevistas foram gravadas e, em segundo momento, os registros foram transcritos para inclusão de trechos no capítulo de análise.

Para execução das entrevistas foram feitas quatro visitas em horários e dias da semana distintos. As pessoas foram abordadas livremente, de modo que algumas entrevistas ocorreram individualmente e outras em grupos de dois ou três participantes. As informações são detalhadas no quadro a seguir.

Nº	DATA	DIA DA SEMANA	TURNO	ENTREVISTADOS
1	03/03/2020	TERÇA-FEIRA	TARDE	BRUNO E LUCAS
2	03/03/2020	TERÇA-FEIRA	NOITE	PEDRO
3	05/03/2020	QUINTA-FEIRA	NOITE	RICARDO
4	05/03/2020	QUINTA-FEIRA	NOITE	ROSA, MARIANA E CARLA
5	07/03/2020	SÁBADO	MANHÃ	MARIA
6	07/03/2020	SÁBADO	TARDE	PAULO
7	09/03/2020	SEGUNDA-FEIRA	TARDE	JOÃO E LETÍCIA
8	09/03/2020	SEGUNDA-FEIRA	TARDE	MÁRIO

[QUADRO. 3] CRONOGRAMA DAS VISITAS DE CAMPO PARA ENTREVISTAS. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR

42 a) Roteiro da entrevista

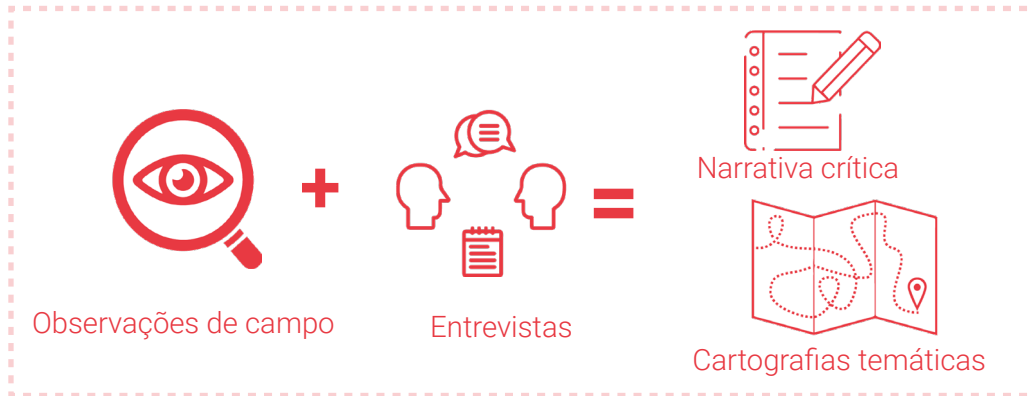
A entrevista foi guiada por um roteiro organizado em quatro partes: 1. A primeira consiste na caracterização do entrevistado (idade, escolaridade, profissão, local que reside e há quanto tempo). 2. Motivação e Frequência ao local. 3. Atrações e dinâmicas de vínculos. 4. Avaliação do espaço (opinião do entrevistado sobre as qualidades e deficiências do local, sensação de segurança e possíveis alterações na estrutura física do espaço, caso pudesse fazê-las).

Produto parcial: Registro de percepções dos usuários recorrentes no local.

2.2 Cruzamento de dados e análise de espaços

Nesta última etapa, as informações coletadas e produtos parciais obtidos foram sistematizados com intuito de alcançar os objetivos propostos pela pesquisa. Para tal, foi definido como produto final uma **narrativa urbana crítica** (DIMENSTEIN, 2014) acompanhada de cartografias temáticas e fotomontagens que ilustram as dinâmicas observadas.

Fig. 21 - Modelo de estudo e síntese de análise dos dados.



FONTE: Elaborado pelo autor com base em Dimenstein, 2014

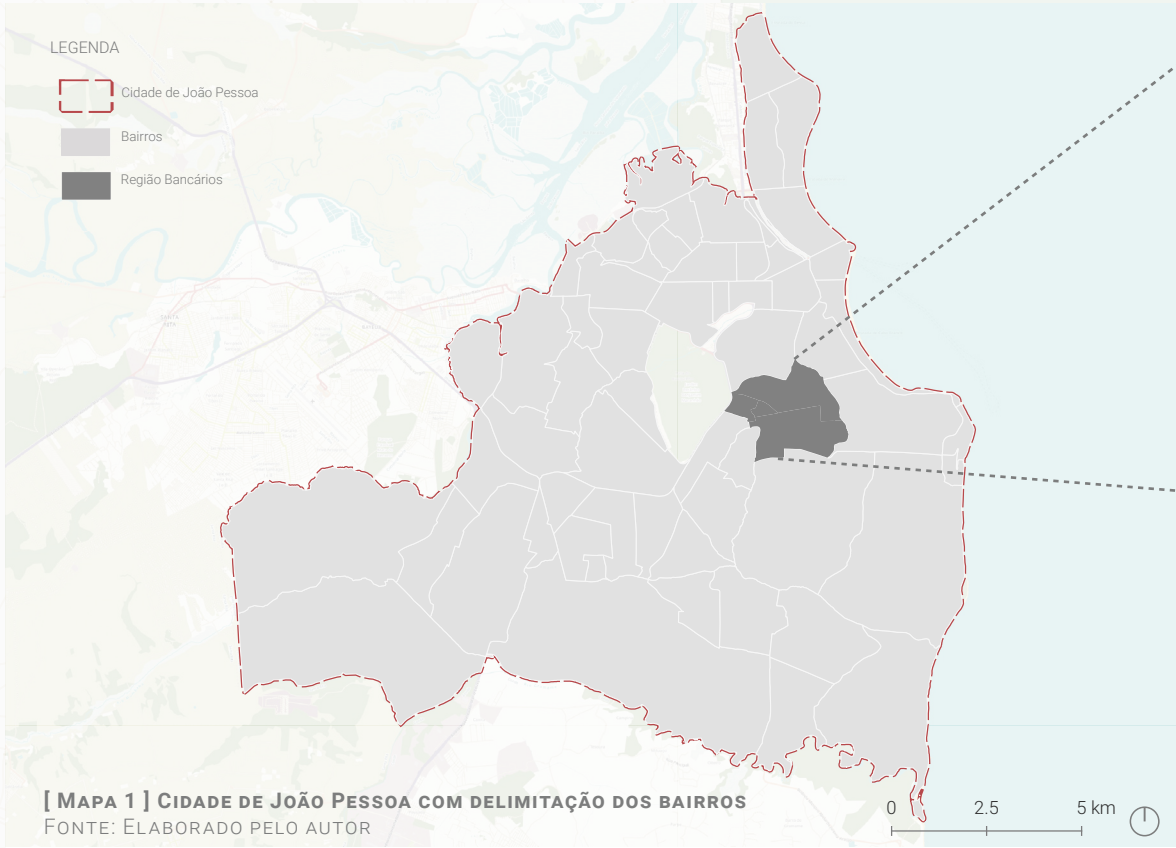


CAPÍTULO 3

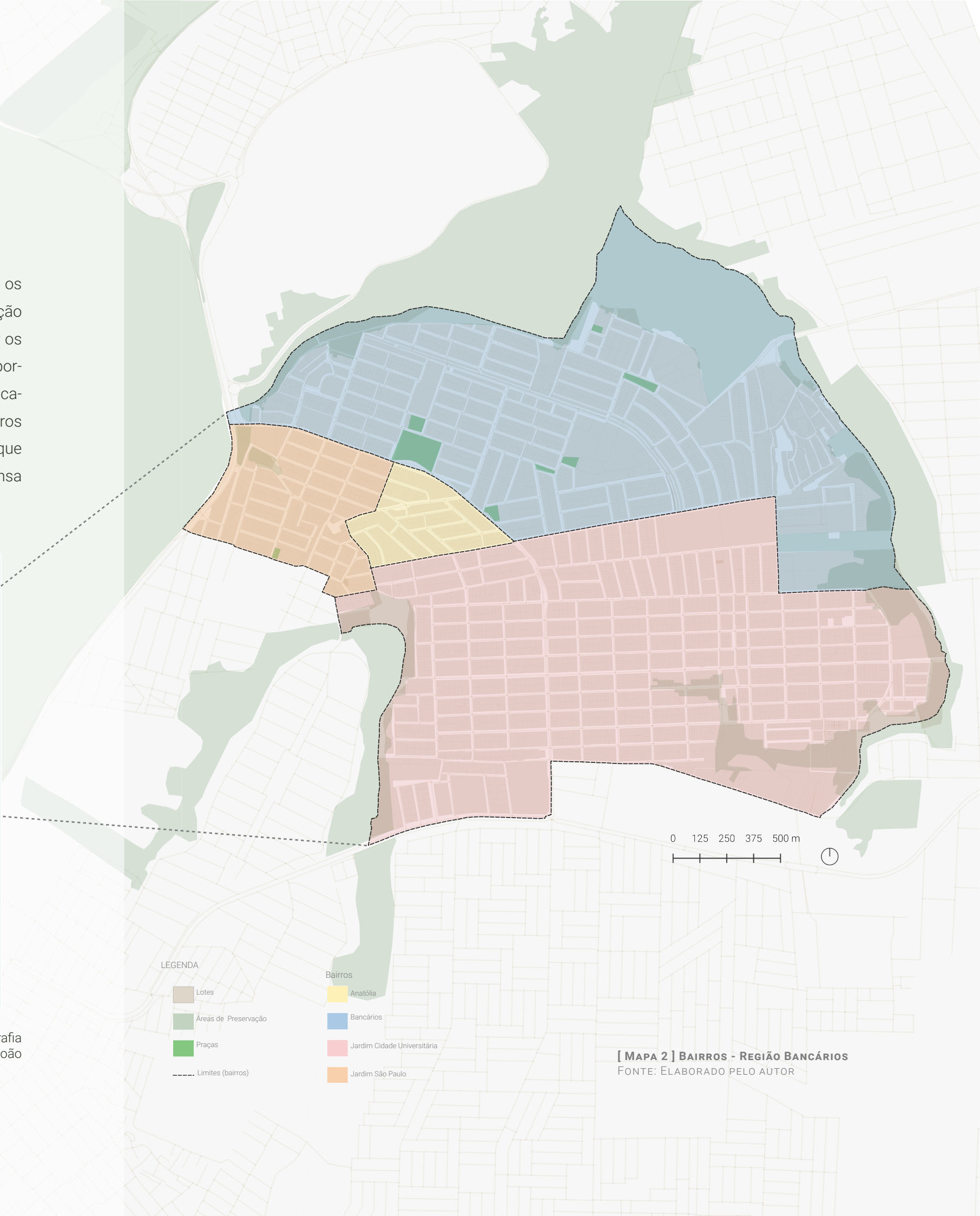
[FIG. 22] AV. EMPRESÁRIO JOÃO RODRIGUES ALVES
FOTO: TÁCIO ADVENTURES. DEZ. 2019 (ADAPTADO PELO AUTOR)

3. A região dos Bancários: quatro bairros em um.

Considera-se como região dos Bancários, a área de influência/polarização entre os bairros Anatolia, Jardim Cidade Universitária, Jardim São Paulo e Bancários. Esta definição é recorrente nos trabalhos desenvolvidos por Pádua e Maia (2017, 2018)¹³. Ao englobar os quatro bairros, popularmente conhecido apenas por Bancários, este setor, localizado na porção sudeste da cidade de João Pessoa, configura-se como uma centralidade. De fato, a localização estratégica, como ponto de passagem para universidades, supermercados e outros bairros comerciais da cidade, tem consolidado esta região como polo mercadológico, o que aumentou a procura por moradia e comércio, ocasionando nos últimos anos uma intensa valorização do uso do solo e tendência à especulação imobiliária (OLIVEIRA, 2018).



¹³ A partir de 2017, Pádua e Maia, juntamente com o Grupo de Estudos Urbanos do Departamento de Geografia da UPFB iniciaram uma série de pesquisas envolvendo os processos de produção do espaço da Zona Sul de João Pessoa. Dentre estas Pesquisas, é recorrente a expressão região dos bancários.



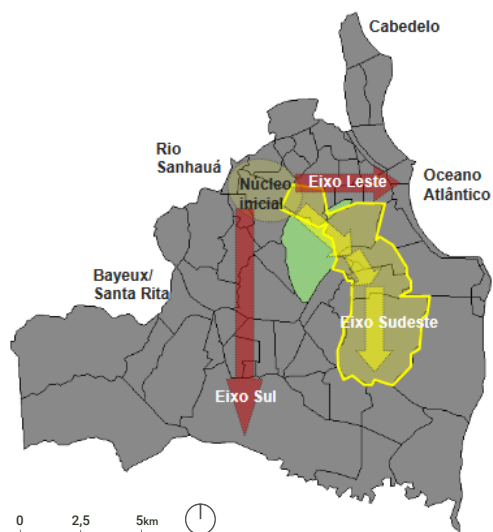
3.1 Contexto histórico

Ao refletir sobre o processo de periferização e de fragmentação urbana, Maia (2014) salienta que a cidade de João Pessoa-PB só passou a apresentar um crescimento mais expressivo a partir do início do século XX. Nessa lógica, partir da década de 1960, algumas intervenções públicas impulsionaram o espraiamento do tecido urbano, o que ocasionou a expansão da cidade de João Pessoa na direção sudeste. Este processo se intensifica nas décadas de 1970 e 1980 e resulta com a “cidade dos conjuntos habitacionais” (MAIA, 2000; 2014). É nessa lógica que ocorre surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais que hoje compõem a região dos Bancários. O setor formado pelos bairros Anatólia, Bancários, Jardim São Paulo e Jardim Cidade universitária originou-se a partir de intervenções do Governo Federal, por meio da implantação de conjuntos habitacionais populares (SILVEIRA e NEGRÃO, 2016) e, também, a partir da atuação de agentes privados que focaram na construção de edificações residenciais nos vazios urbanos resultantes da produção dos loteamentos (BONATES, 2009).

Após as três fases de implantação do Conjunto Habitacional Castelo Branco (1969, 1970 e 1974) e posterior instalação do Campus I da Universidade Federal da Paraíba, no final da década de 1970, surge a necessidade de mais um conjunto habitacional. Assim, situado logo após o Campus Universitário, é fundado em 20 de junho de 1978 o loteamento, através de uma cooperativa na qual os associados foram os Bancários e os servidores da UFPB (ORRICO, 2004). Com implementação financiada pelo Banco Nacional de Habitação – BNH e pelo Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais – INOCOOP (LAVIERI e LAVIERI, 1999; SILVA, 2000; BONATES, 2009), o local teve a denominação inicial de Loteamento Itubiera e, após a conclusão das obras, em 1980, passou a ser chamado conjunto dos Bancários.

De acordo com Silveira e Negrão (2016), o conjunto Bancários foi o primeiro assentamento a ser inserido nesta área. Em 1981, contíguo a ele, houve a entrega de 222 unidades referentes ao Conjunto Anatólia. Seguindo este mesmo processo de ocupação, nos anos seguintes houve a construção de outros conjuntos, nos loteamentos Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária. Com o crescimento dos loteamentos próximos ao Conjunto dos Bancários, acabou havendo uma “anexação”¹⁴ com este bairro, o que gera confusão entre os moradores no que se refere à divisão dos bairros na atualidade.

¹⁴ Em 1997, com a lei 8.466, ficou estabelecido que o bairro Bancários seria formado pela união dos conjuntos residenciais: Anatólia, Bancários, Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária. Porém, no ano seguinte, com a divisão dos bairros da cidade (lei 1.574/98) os conjuntos habitacionais foram desvinculados administrativamente e passaram a ser reconhecidos como bairros.



[MAPA 3] EXPANSÃO URBANA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA.
 FONTE: NEGRÃO (2012). ADAPTADO PELO AUTOR.



[FIGURA 23] FOTOGRAFIA DOS BAIRROS (1989).
 FONTE: OLIVEIRA, 2018.



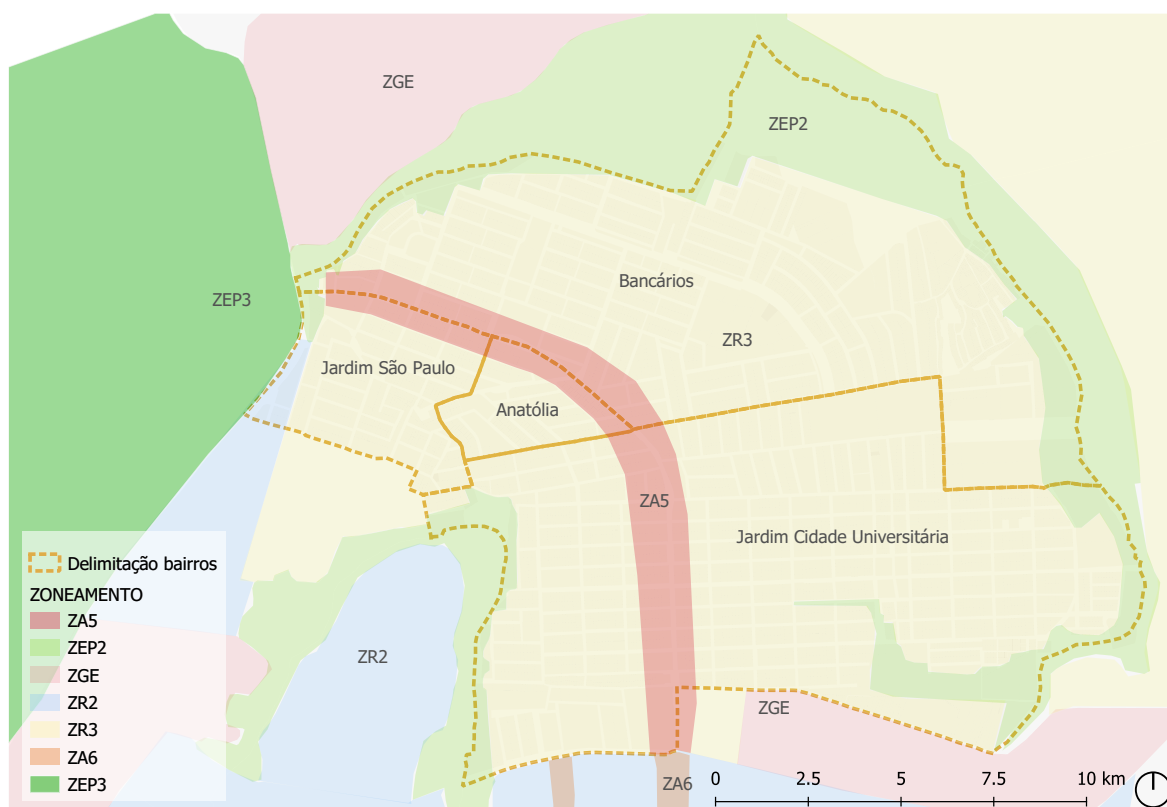
[FIGURA 24 - OS BAIRROS NA ATULIDADE.
FONTE: GOOGLE EARTH

3.2. Zoneamento

Inseridos na Macrozona Adensável Não Prioritária (ZANP), implantada pelo Plano Diretor da cidade em 1992 (que foi modificado pela Lei Complementar nº 04 de 30 de abril de 1993), os bairros estão subdivididos em três subzonas, sendo elas: Zona Residencial 3 (ZR3), Zona Axial 5 (ZA5) e Zona Especial de Preservação dos grandes verdes (ZEP2), conforme o mapa 6. Esse subzoneamento estabelece parâmetros que dizem respeito ao edifício no lote, compatíveis com o Código de Urbanismo atual.

Assim, uso, ocupação e gabaritos dos lotes são determinados por essa legis-

lação. Na maior parte dos bairros, predomina o uso residencial ficando restrito por vezes, aspectos de ocupação, gabaritos e recuos. A zona residencial (ZR2) compreende a maior área de lotes e abriga usos de comércio e serviços locais, além do uso institucional local, referente a estabelecimentos educacionais, de lazer, ou ainda, destinados a cultos religiosos. A Zona Axial 5 possui características de uso semelhantes a ZR2, a única deferença é que nela é permitida a construção de comércio atacadista, enquanto na R2, apenas comércio local.



[MAPA 4] ZONEAMENTO URBANO DA REGIÃO DOS BANCÁRIOS E ADJACÊNCIAS.

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR A PARTIR DE BASE CARTOGRÁFICA DA PMJP (2020).

3.3. Eixos viários e conexões

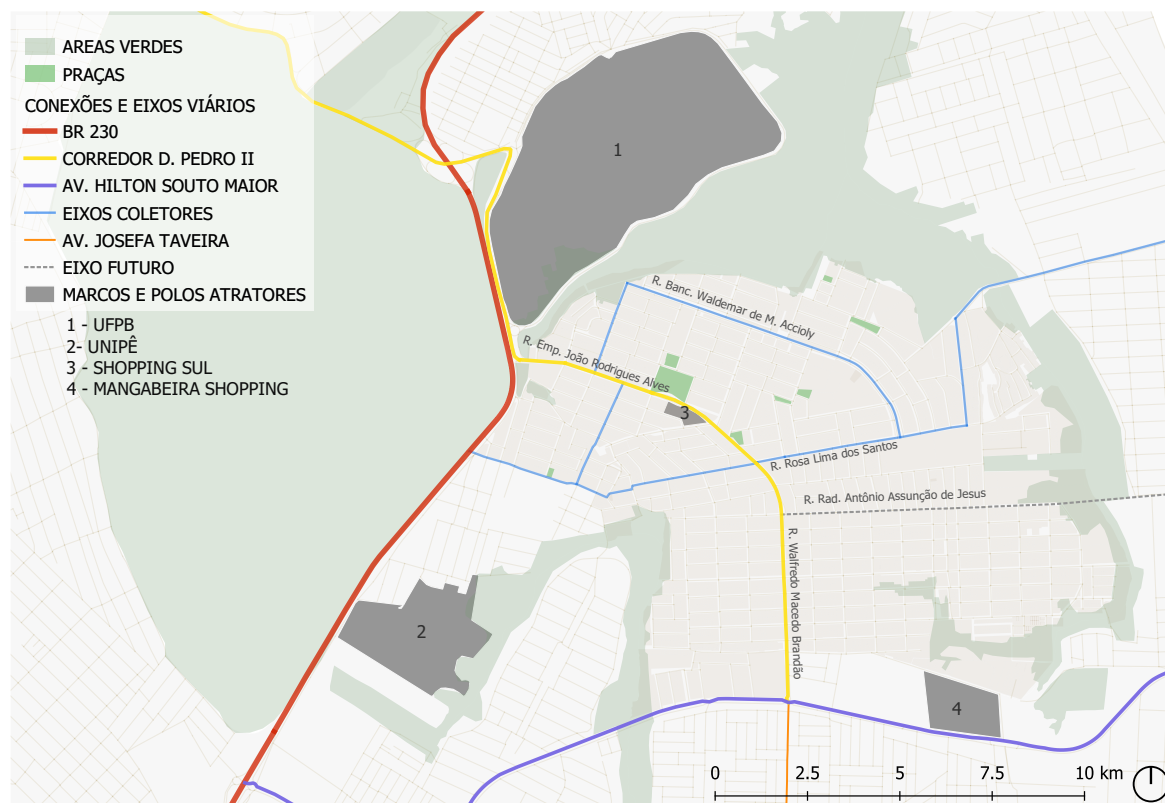
No que diz respeito às conexões, há um eixo principal entre os bairros, que se inicia na Av. Empresário João Rodrigues Alves e vai até o término da Av. Walfredo Macedo Brandão. Este trecho faz parte do corredor D. Pedro II, que se conecta ao Centro (sentido UFPB) e aos demais bairros do setor sudeste e oeste (sentido Trevo das Mangabeiras). Além destes, há também outros três eixos coletores de fluxo: a Avenida Rosa Lima dos Santos, que estabelece conexão com os bairros Altiplano e Portal do Sol, no sentido leste, a partir da

Rua Abelardo Pereira dos Santos e Av. Médico Industrial João Ribeiro Coutinho, respectivamente; a Rua Joaquim Borba Filho, que se conecta com o bairro de Água Fria e acesso local à BR-230; a Rua Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, popularmente conhecida como "três ruas" (mapa 5).

No ano de 2019, o Governo do Estado iniciou a abertura de uma porção de terra com vegetação nativa às margens do rio Timbó para estabelecer uma conexão entre a Rua Radialista Antônio Assunção de Jesus (Jardim Cidade Uni-

[MAPA 5] PRINCIPAIS EIXOS VIÁRIOS E POLOS ATRATADORES

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR (2020).



versitária) e o bairro Portal do Sol. Todas essas conexões e acessos, somados à oferta de serviços e inúmeros estabelecimentos comerciais — com destaque para o Shopping Sul, Supermercados Extra e Carrefour — além da localização privilegiada, por estar próximo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ) e, mais recentemente, do Shopping Mangabeira, conferem aos Bancários o caráter de uma nova centralidade (subcentralidade¹⁵).



[FIGURA 25] NOVO ACESSO AO BAIRRO. FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (ADAPTADO PELO AUTOR)



[FIGURA 26] FOTOGRAFIA AÉREA (TRECHO DA AV. EMP. JOÃO RODRIGUES ALVES (SENTIDO MANGABEIRA)). FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (ADAPTADO PELO AUTOR)

¹⁵ Para a Geografia, nos estudos de Produção do Espaço Urbano, a concepção de subcentralidade se aplica ao crescimento demográfico da cidade que culmina em um novo processo de centralização, desencadeando o aparecimento de subcentros de comércio e serviços. (CORRÊA, 2005; SOUZA, 2005). Especificamente sobre a região dos Bancários, verifica-se uma tendência para esta realidade, porém, em escala ainda menor, se comparado com o Bairro de Mangabeira.

3.4. Transporte público

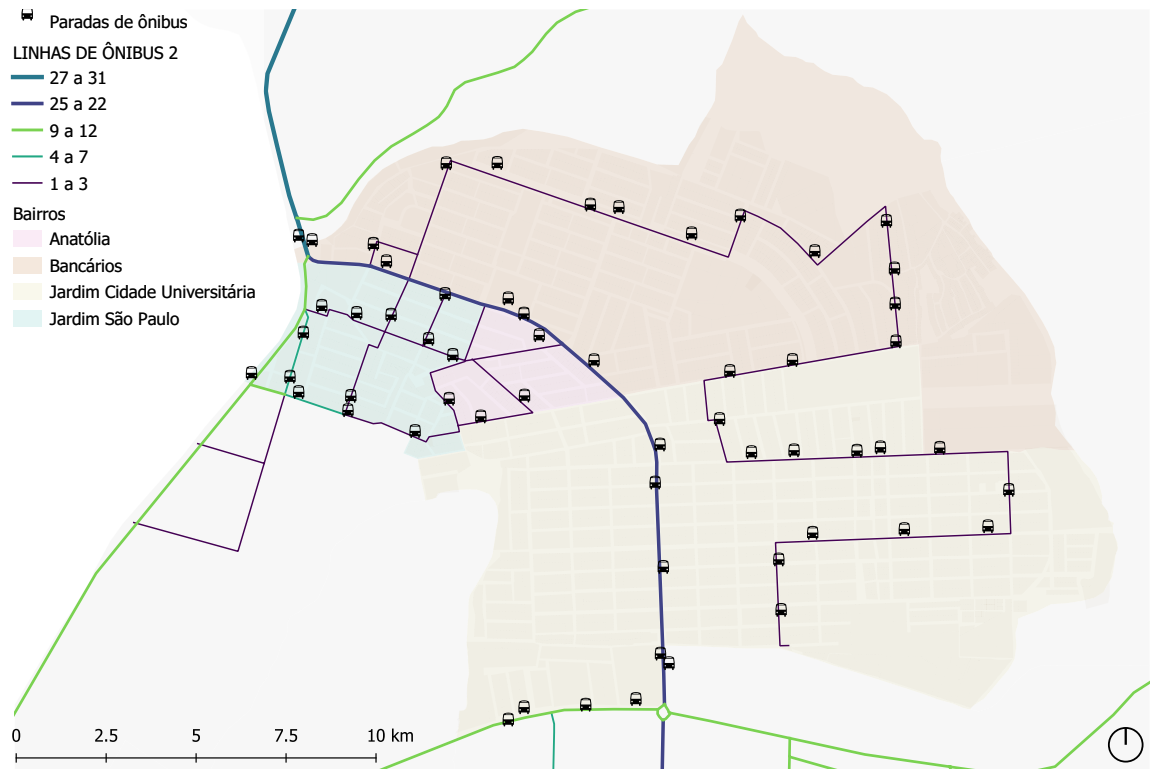
O serviço de transporte público nos Bancários caracteriza-se pela alta demanda de linhas de ônibus em um trecho e pela baixa oferta deste serviço na maior parte dos bairros. Essa disparidade ocorre em virtude de o corredor D. Pedro II e sua conexão com o Bairro de Mangabeira centralizar a maior oferta de linhas de ônibus (20 linhas). Apesar disso, na porção leste dos bairros Jardim Cidade Universitária e Bancários esse número é reduzido para apenas duas linhas: 3510 (Bancários/Pedro II/Epitácio) e 5310 (Bancários/Epitácio/Pedro II).

O bairro Jardim São Paulo, por ser menor e estar situado nos limites próximos ao corredor D. Pedro II e ao acesso para o bairro Água Fria, também apresenta mais opções de linhas de ônibus que os anteriores.

Eixo de conexão	Linhas
Sentido D. Pedro II	301, 302, 303, 3510, 3200, 2300, 2307, 3207
Sentido Av. Epitácio Pessoa	5310, 5210, 2515, 2514, 5206, 5100
Sentido Praias	5600, 5603, 1500

52

[MAPA 6] LINHAS DE ÔNIBUS E PONTOS DE PARADA.
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR A PARTIR DE DADOS DA SEMOB (2020).



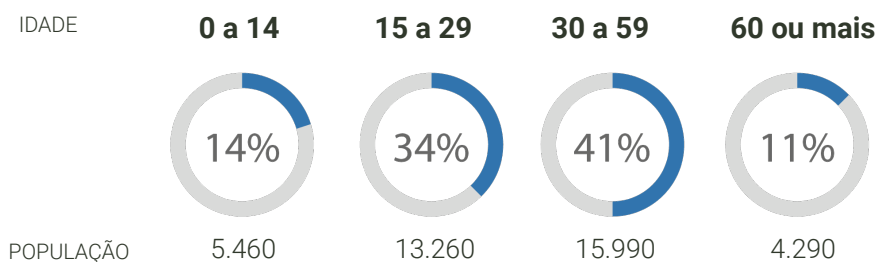
3.5. Aspectos demográficos e socioeconômicos

Com área de aproximadamente 516ha, a região dos Bancários tinha em 2010 uma população em 39.000 habitantes, segundo o IBGE, o que representava 5,39% da população de João Pessoa. Como não houve contagem populacional oficial nos últimos nove anos, estima-se que este número já aumentou, de modo que houve um intenso crescimento populacional nesta região, em virtude do seu caráter de centralidade e pela forte especulação imobiliária que tem se intensificado cada vez mais. Se comparado com último censo, ainda de acordo com os dados do IBGE, em 2019, foi estimado um crescimento de 11,9% na população pessoense, contabilizando cerca de 809.015 habitantes. Ao comparar os dados dos três últimos censos (tabela 1), constata-se que a população dos quatro bairros tem aumentado significativamente.

BAIRROS	População (2000)	População (2007)	População (2010)
Anatólia	1.126	1.224	1.162
Bancários	10.330	10.891	11.863
Jardim Cidade Universitária	11.058	18.362	21.425
Jardim São Paulo	2.534	3.969	4.550
Região Bancários	25.048	34.446	39.000

[TABELA 1] POPULAÇÃO RESIDENTE. FONTE: PLATAFORMA SIDRA – IBGE (CENSO-2010)

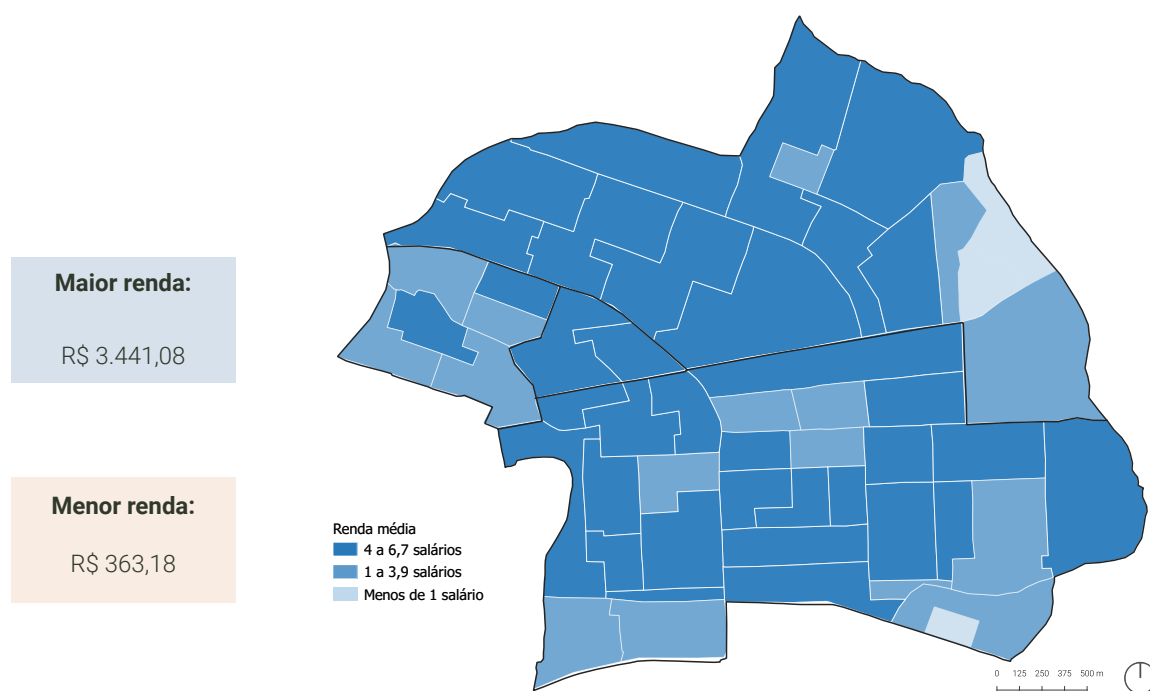
Em relação à faixa etária, a população destes bairros é predominantemente jovem e de meia idade. Acerca disso, é importante ressaltar que a proximidade com a UFPB e com o UNIPÊ torna os bairros um excelente local para instalação dos estudantes, o que justifica o número significativo de jovens que residem neste setor da cidade.



[GRÁF. 1] FAIXA ETÁRIA DE PESSOAS RESIDENTES NA REGIÃO.
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR A PARTIR DE DADOS DO IBGE (2010).

No que diz respeito aos aspectos socioeconômicos, a maior parte dos bairros deste setor encontra-se acima da média de João Pessoa, que previa em 2010, cerca de 2,9 salários mínimos (R\$ 1.479,00). Contudo, percebe-se uma distribuição disforme dessa renda, de modo que existem setores censitários com uma média mensal relativamente alta (a exemplo dos bairros: Bancários, Anatolia e Jardim Cidade Universitária), setores com uma renda média (Jardim São Paulo e parte de Jardim Cidade Universitária) e setores com renda abaixo da média (aglomerado subnormal do Timbó). Nota-se então, que a população de menor renda (entre 1 e 3,9 salários) está localizada nas bordas do bairro.

54



[MAPA 7] RENDA MÉDIA SALARIAL POR SETOR CENSITÁRIO.

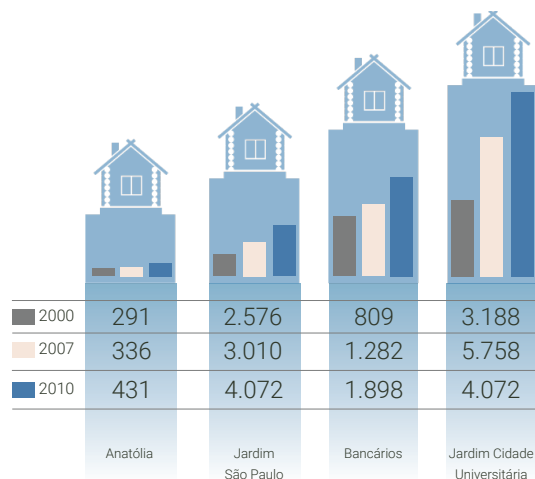
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR A PARTIR DE DADOS DO IBGE (2010).

BAIRROS	Renda média	Sálarios mínimos (quant.)
Anatolia	R\$ 2.614,51	5,42
Bancários	R\$ 2.086,72	4,89
Jardim Cidade Universitária	R\$ 2.017,57	3,95
Jardim São Paulo	R\$ 2.054,65	4
Região Bancários	R\$ 2.193,36	4,36

[TABELA 2] RENDA MÉDIA SALARIAL POR BAIRRO. FONTE: PLATAFORMA SIDRA – IBGE (CENSO-2010)

Além das características citadas anteriormente, ao comparar os dados dos últimos censos, é possível observar também um crescimento em relação ao número de domicílios. Nos bairros Jardim Cidade Universitária e Jardim São Paulo, por exemplo, verifica-se um aumento significativo na quantidade de unidades residenciais. Esses dados, evidenciam o processo de verticalização que vem ocorrendo nos últimos anos, desencadeando assim, modificações no gabarito e uso do solo.

Apesar da tendência à verticalização, em diversos pontos ainda é recorrente o uso residencial unifamiliar. Isso ocorre com bastante frequência no bairro dos



[GRÁF. 2] TOTAL DE DOMICÍLIOS POR BAIRRO

FONTE: OLIVEIRA (2018). ADAPTADO PELO AUTOR.

Bancários, onde é visível a distinção das tipologias entre as quadras. Na sequência de imagens a seguir, é possível identificar essas alterações de modo bastante claro.

55



[FIGURA 27] FOTOGRAFIA AÉREA (CONDOMÍNIO FECHADO JULITA FORMIGA).

FONTE: IMAGEM EXTRAÍDA DE VÍDEO PROPAGANDA DE CORRETORA IMOBILIÁRIA, 2019. (EDITADA PELO AUTOR)



Enquanto algumas quadras ainda mantêm a tipologia de edificação unifamiliar com um pavimento — resquício dos primeiros loteamentos construídos no bairro — cada vez, torna-se recorrente a construção de conjuntos residenciais multifamiliares. Este segundo padrão tem início em meados de 1994, como é o caso do condomínio Sombri-ros (figura 28) e se intensifica até os dias atuais, a exemplo do condomínio Julita Formi-ga (figura 27). Neste processo, as atingas residências dão lugar a edificações com dois ou três pavimentos e, mais recentemente, começam a surgir edifícios ainda maiores.





[FIGURA 30] FOTOGRAFIA AÉREA (ACESSO AOS BAIRROS BANCÁRIOS E JARDIM SÃO PAULO).
FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA PELO AUTOR)



[FIGURA 31] FOTOGRAFIA AÉREA (BAIRRO JARDIM SÃO PAULO).
FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA PELO AUTOR)

3.6. Aspectos ambientais

Dada a sua localização, no espaço adjacente ao Vale do Jaguaribe e Mata do Buraquinho, a região dos bancários é circundada por áreas de preservação ambiental. Com exceção da parte sul, que se conecta ao bairro de Mangabeira, por todos os lados, nas bordas dos bairros, há porções de terra com resquícios de vegetação nativa (mata atlântica). Além disso,

é no bairro Jardim Cidade Universitária que se localiza a nascente do rio Timbó.

Apesar da presença de assentamentos instalados em suas margens – além da urbanização que foi incrementada no topo do planalto – ao redor deste rio, predomina uma cobertura vegetal compacta e de maior porte, que recobre grande parcela do vale onde ele percorre. (DIEB e MARTINS, 2017).



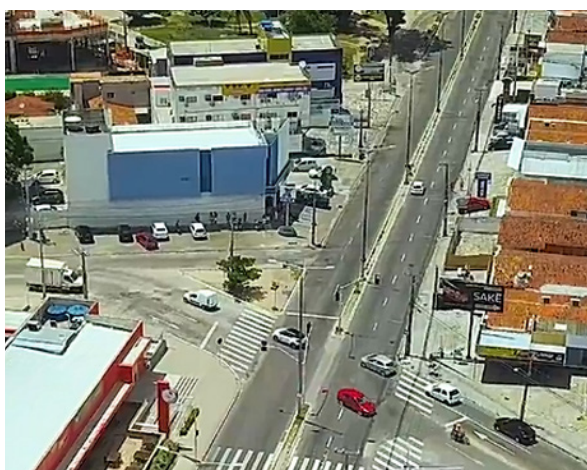
[FIGURA 32] FOTOGRAFIA AÉREA (VISTA PARA O VALE ONDE PERCORRE O RIO TIMBÓ).

FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA PELO AUTOR)

No que diz respeito à topografia, observa-se uma declividade acentuada nas bordas dos bairros, exatamente onde ainda há resquícios de

vegetação mais densa; o mesmo se aplica ao trecho que percorre o rio timbó. Mesmo com a existência desses maciços verdes, a maior parte das vias apresen-

ta poucas árvores, de pequeno ou médio porte. Na principal avenida que corta os bairros, por exemplo, há apenas um canteiro central, mas sem nenhuma árvore, conforme ilustram as figuras 33 e 34.



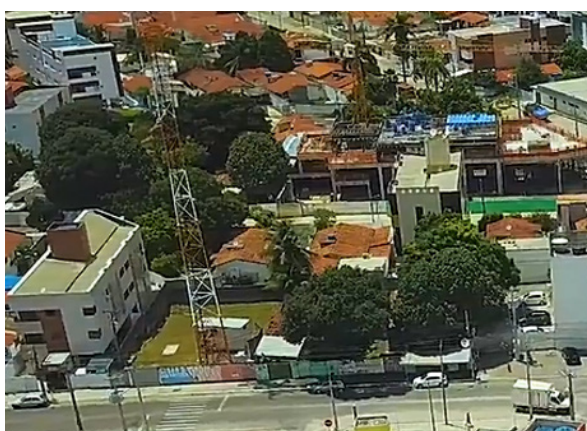
[FIGURA 33] AV. BANCÁRIO SÉRGIO GUERRA
 FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA)



[FIGURA 34] CANTEIRO CENTRAL AV. EMP. JOÃO RODRIGUES ALVES. FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019.

Identifica-se, por outro lado, a presença constante de árvores no interior dos lotes, sobretudo em quintais, característica essa evidenciada pelas figuras 35 e 36.

Em resumo, os aspectos relatados demonstram uma realidade bastante comum na ci-



[FIGURA 35] TRECHO DA R. BANC. ANTÔNIO J. SOUZA
 FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA)



[FIGURA 36] TRECHO DA AV. FLOBOYANT (ANATÓLIA)
 FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA)

dade de João Pessoa, em vários bairros. Apesar de existirem concentrações de áreas verdes em diferentes locais, ainda é recorrente a presença de ruas e passeios não arborizados.

Uma exceção a esta realidade se aplica ao trecho que compreende a Av. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, popularmente conhecido como "três ruas", no bairro Bancários. Nele, há canteiros centrais com árvores de pequeno, médio e grande porte, sem nenhum tratamento paisagístico, o que lhe confere a característica de área ociosa, mas com potencial de sombreamento e de uso elevado (figuras 37 e 38).



[FIGURA 37] CANTEIRO NA R. BANC. WALDEMAR M. ACCIOLY. FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019.



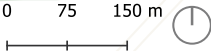
[FIGURA 38] TRECHO DA RUA BANCÁRIO WALDEMAR M. ACCIOLY. FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA)

Mata do Buraquinho

[MAPA 8] ÁREAS VERDES E ARBORIZAÇÃO DAS VIAS
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR

LEGENDA

- | | | | |
|---|-------------------|---|------------------------|
|  | Áreas verdes |  | Curvas de nível |
|  | Lotes |  | Árvore |
|  | Limites - bairros |  | Vegetação densa (mata) |



3.7. Comércio, serviços e equipamentos urbanos

Nos últimos anos, tem se intensificado a inserção de empreendimentos comerciais e de importantes equipamentos urbanos, o que alterou significativamente a dinâmica do local, transformando-o em um importante polo gerador de atividades e circulação de pessoas. No mapa 9, pode-se verificar que, apesar de o setor comercial estar, predominantemente, localizado no principal eixo viário (Av. Empresário João Rodrigues/Av. Bancário Sérgio Guerra/Av. Walfredo Macedo Brandão), há também uma tendência à diversificação de serviços em eixos viários secundários. Em razão do público jovem e estudantil residente, nesta região, situa-se uma infinidade bares, restaurantes, pizzarias, lanchonetes, dentre outros tipos de comércios e serviços. Igualmente, há também um considerável número de academias de ginástica.



3.8. Espaços Livres Públicos

No que diz respeito aos espaços livres públicos, foram identificadas na região apenas 7 praças, destas, cinco estão situadas no bairro Bancários. Além disso, constatou-se uma quantidade significativa de áreas ociosas, muitas delas com potencial elevado para inserção de novas praças, como é o caso do bairro Jardim Cidade Universitária, que apresenta quadras desocupadas com dimensões semelhantes ao terreno em que foi construída a Praça da Paz, nos Bancários. Destacam-se também ações da Prefeitura Municipal no sentido de revitalizar algumas praças.



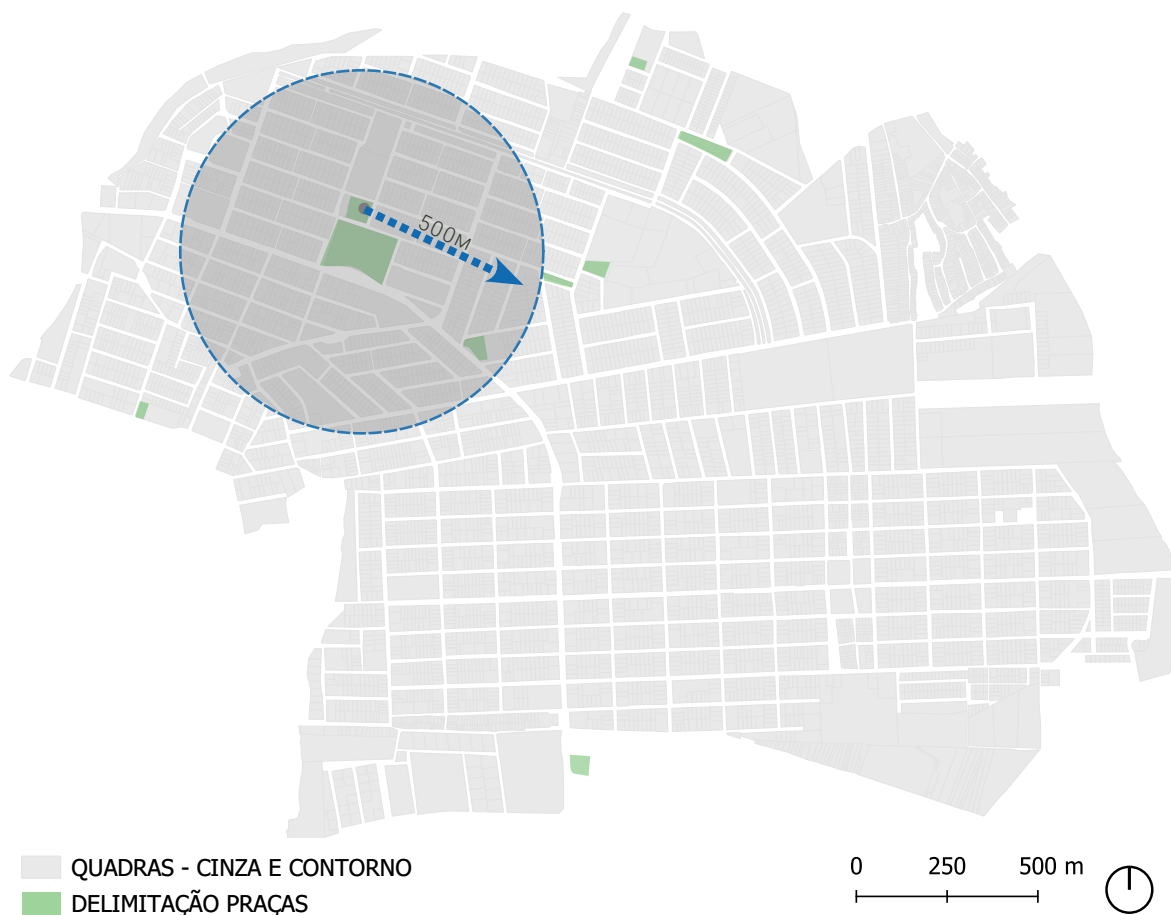
3.9. Definição da área de estudo

A partir do diagnóstico inicial feito no bairro, o que incluiu o levantamento das praças existentes, tomou-se como área de estudo a Praça da Paz. Nela, foi delimitado um raio de 500 metros, no qual foram feitas algumas análises complementares às informações já levantadas no bairro. Nesta etapa, foram levados em consideração fatores como o porte da praça e sua localização.

[FIGURA 39] ÁREA DE ESTUDO E PRINCIPAIS EIXOS VIÁRIOS. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



[MAPA 11] DELIMITAÇÃO DO RECORTE ESPACIAL
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



3.10. Compreendendo o entorno

Apesar de os objetivos específicos deste trabalho não estarem centrados na realização de um estudo morfológico extenso, entende-se que a contextualização da área estudada se faz necessária para a compreensão dos fenômenos a serem analisados no espaço em questão. Neste sentido, a investigação da morfologia urbana do entorno é apresentada de maneira breve aqui. Considera-se que estas informações servem de suporte para outras análises, exploradas no capítulo seguinte em menor escala, por meio da configuração físicoespacial da praça e dos dispositivos técnicos inseridos nela, bem como os usos, apro-

priações recorrentes no local e impressões captadas pelos usuários entrevistados.

No que diz respeito ao uso do solo (mapa 12), a área estudada é majoritariamente residencial. Tal característica se aplica a maioria dos lotes, excetuando-se apenas a avenida principal (Empesário João Rodrigues Alves) onde predomina o uso de comércio e serviços. Também neste setor, há uma forte presença de importantes equipamentos urbanos: escolas; creches; um Centro Práticas Integrativas e Complementares de Saúde e, mais recentemente, uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

65



[FIGURA 40] TRECHO DA AV. EMPRESÁRIO JOÃO RODRIGUES ALVES.

FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2019. (EDITADA PELO AUTOR)

[MAPA 12] USO DO SOLO (ÁREA DE ESTUDO)

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



LEGENDA

Quadras

Praças

Uso do solo

comercial

institucional

misto

residencial

serviço



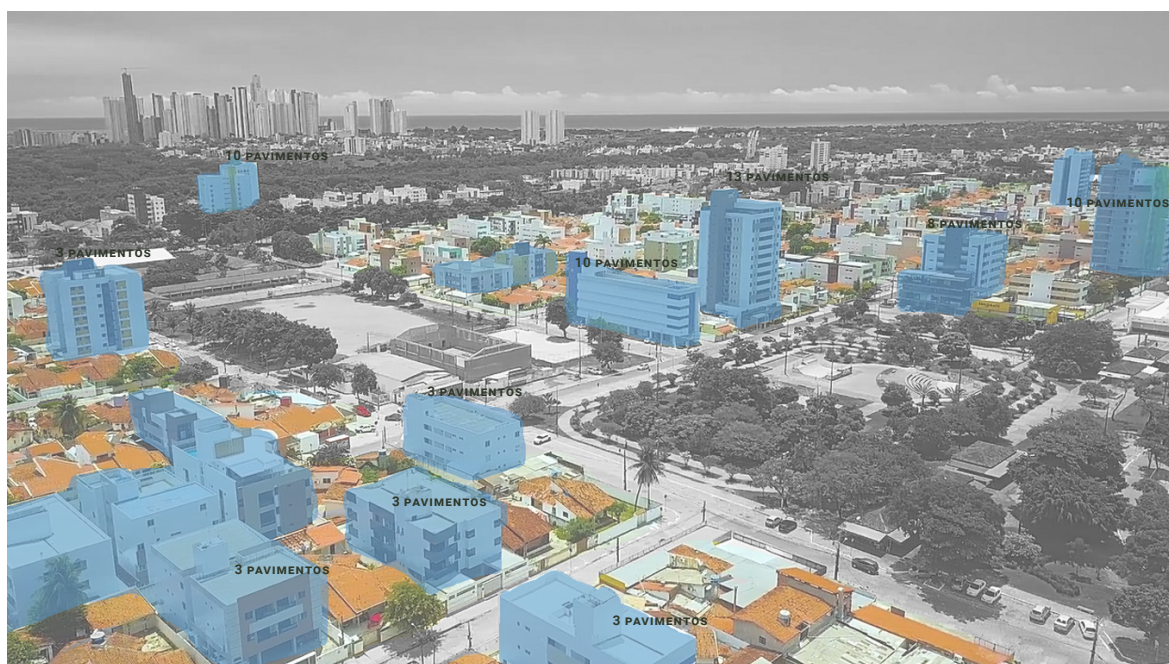
Já em relação ao gabarito, observa-se também neste trecho as mesmas características relatadas anteriormente sobre o processo de verticalização que vem ocorrendo no bairro nos últimos anos. As casas térreas, típicas dos primeiros loteamentos instalados no local, com lotes de 12x30m, são cada vez mais demolidas e substituídas por prédios de dois ou três pavimentos. Mais recentemente, há também uma junção entre dois lotes, o que possibilita a construção de edifícios com 7, 8 ou mais de 10 pavimentos (SUASSUNA, et. al., 2019).

[FIGURA 41] TIPOLOGIAS RECORRENTES NO LOCAL.

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



67



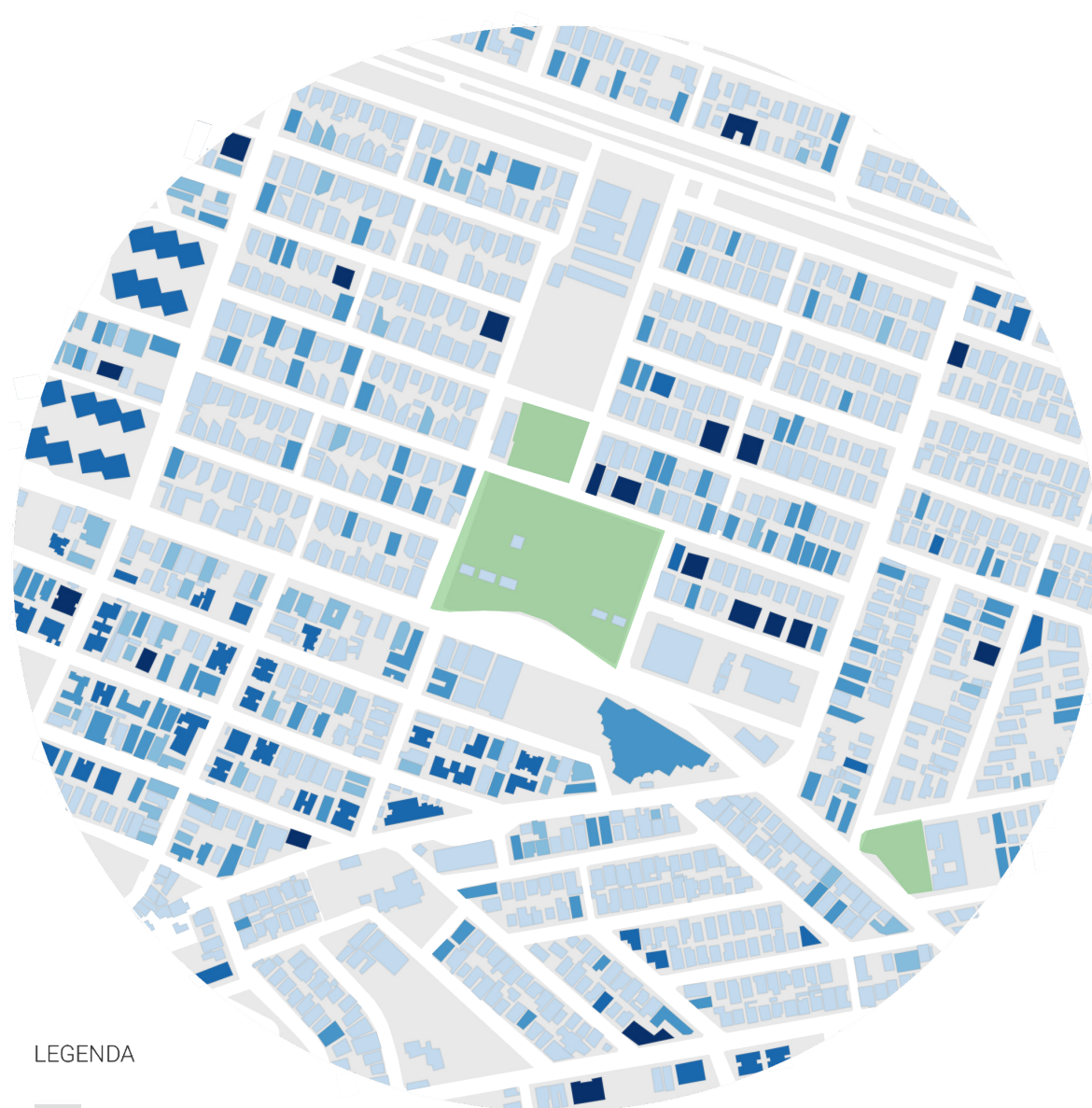
[FIGURA 42] TIPOLOGIAS EDILÍCIAS E GABARITO RECORRENTE NO LOCAL.

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR

[MAPA 13] GABARITO (ÁREA DE ESTUDO)

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR

68



LEGENDA

Quadras

Praças

GABARITO

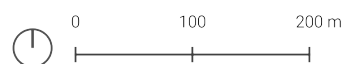
1 pavimento

2 pavimentos

3 pavimentos

4 pavimentos

5 pavimentos



Com a observação do mapa nollí do construído é possível identificar a relação entre cheios e vazios. No mapa 14, fica claro que, apesar da densidade de ocupação na maioria dos lotes, há na quadra onde se insere a Praça da Paz uma menor ocupação, o que representa uma grande área de respiro, inclusive, com potencial

para exploração de novas demandas de esporte e lazer no bairro. Igualmente, entre o Shopping Sul e Supermercado Bem Mais há um vazio, porém, neste caso, destinado exclusivamente ao estacionamento de veículos, configurando-se como uma área ociosa em lote privado.



[FIGURA 43] VISTA DA PRAÇA DA PAZ E SEU ENTORNO EDIFICADO.

FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2020. (EDITADA PELO AUTOR)



[FIGURA 44] TRECHO DA AV. EMPRESÁRIO JOÃO RODRIGUES ALVES E ESTACIONAMENTO DO SHOPPING SUL.

FONTE: TÁCIO ADVENTURES, 2020. (EDITADA PELO AUTOR)

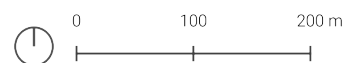
[MAPA 14] CONSTRUÍDO (ÁREA DE ESTUDO)

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



LEGENDA

 Perímetro construído





CAPÍTULO 4

[FIGURA 45] PRAÇA DA PAZ.
FOTO: TÁCIO ADVENTURES(2020)

A Praça da Paz

Considerada pelos moradores como um espaço de referência no bairro, dada a sua localização, próxima a um importante eixo viário e grande concentração de comércio local e serviços, a Praça da Paz foi inaugurada no dia 14 de junho de 2006. Em seu local havia um terreno baldio, escuro e propício para assaltos. A construção desse espaço é fruto da luta de um grupo de moradores do bairro, que durou cerca de dez anos, com muita cobrança à Prefeitura Municipal (SOARES, 2009).

Com uma equipe formada por arquitetos, engenheiros, artistas, empresários, professores e funcionários da Universidade Federal da Paraíba, entre outros, foi elaborado, ainda no ano de 1995, um anteprojeto intitulado “Parque dos Bancários” (SOARES, 2009). Na mesma época, algumas pessoas também planejavam para o local a construção de uma pista de bicicros, porém, esta foi desconsiderada pela associação de moradores. O grupo de pessoas que estava à frente, por livre iniciativa, demarcou no local — ao redor de uma área prevista para o plantio de árvores — o trajeto de 1km, prevendo assim uma pista de cooper. Posteriormente, em 1998, em parceria com a Associação de Moradores do Bairro (AMCBU) foi criada uma comissão, intitulada Pró-Praça, com o intuito de reivindicar junto ao Poder Público a construção do espaço. Somente após uma série de reivindicações e muita insis-

72



[FIGURA 46] PRAÇA DA PAZ E SEU ENTORNO (2006).
FONTE: SEPLAN-JP

tência por parte do grupo de moradores é que o projeto foi executado, no entanto, com diversas modificações em relação ao que fora proposto feita pela Comissão de moradores.

Conforme já foi relatado, a ideia inicial era que se fizesse um parque no local. Além da área destinada ao plantio de vegetação, o anteprojeto previa os seguintes itens: uma pista de cooper (1000 metros), uma ciclovia (1000 metros), duas quadras poliesportivas, duas quadras de areia, duas quadras de barro, uma pista para patinação, um parque infantil, um anfiteatro, sanitários, quatro quiosques, área para quitandas, área para ginástica, bicicletário, ponto de táxi, depósito, um posto médico e um posto policial. Além disso, o anteprojeto previa também a instalação de um gradil circundando todo o perímetro da quadra, com exceção apenas da área dos quiosques e do posto policial.

Após as modificações feitas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, o tão sonhado Parque dos Bancários transforma-se na Praça da Paz. Com isso, o programa antes previsto no anteprojeto sofre uma considerável redução de itens e redimensionamento. No projeto final (figura 48), a praça passa a ter uma área total de 39.537,19 m², sendo 12.655m² de área verde. Alguns anos após a sua inauguração, também foram inseridos no local uma Biblioteca (BIC/SESI) e uma Academia da Terceira Idade (ATI).

73



[FIGURA 47] PRAÇA DA PAZ (2006).
FONTE: SEPLAN-JP

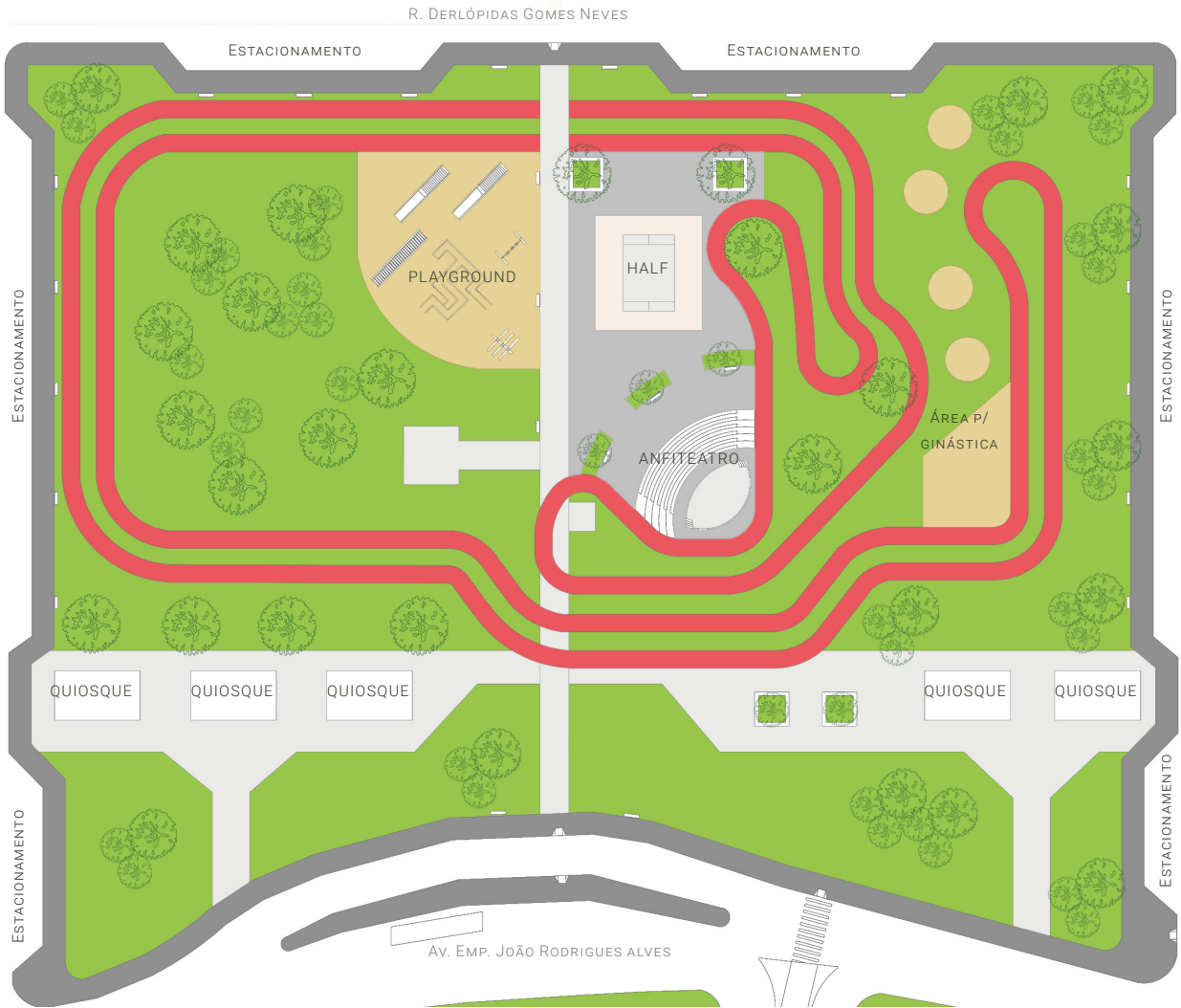


ITENS SOLICITADOS PELOS MORADORES	CONSTRUÍDO	NÃO CONSTRUÍDO
Pista de cooper (1000m)	SIM	---
Ciclovía (1000m)	---	NÃO
Quadras poliesportivas	---	NÃO
Quadras de areia	SIM	---
Quadras de barro	---	NÃO
Pista de patinação	---	NÃO
Parque infantil	SIM	---
Anfiteatro	SIM	---
Sanitários	Apenas p/ quiosques	---
Quiosques	SIM	---
Área para quitandas	---	NÃO
Área para ginástica	SIM	---
Bicicletário	---	NÃO
Depósito	---	NÃO
Ponto de táxi	SIM	---
Posto médico	---	NÃO
Posto policial	---	NÃO

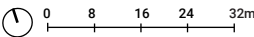
[TABELA 3] COMPARATIVO - ITENS CONSTRUÍDOS E NÃO CONSTRUÍDOS.
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR



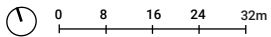
[FIGURA 49] PRAÇA DA PAZ.
FONTE: CRUZ, 2011. (EDITADO PELO AUTOR)



[FIGURA 48] PROJETO EXECUTADO PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA.
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR A PARTIR DE ARQUIVOS DA SEPLAN-JP.



[FIGURA 50] ANTEPROJETO DA PRAÇA (DESENHO: ARQ. NABAL GOMES BARRETO).
FONTE: SOARES, 2009. (EDITADO PELO AUTOR)



Cabe destacar que a Praça da Paz, mesmo com a intensa cobrança por parte da população local, só foi construída graças ao Programa de Recuperação de Praças, Parques, Passeios e Jardins da PMJP, que teve início no ano de 2005. Este Programa — implementado por meio das Secretarias de Planejamento (Seplan), Infraestrutura (Seinfra) e Desenvolvimento Urbano (Sedurb) — surge como uma resposta do poder municipal em meio a um cenário de precariedade e abandono de espaços públicos na cidade.

Ao tratar deste fenômeno, Serpa (2018, p. 82) salienta que “os jardins e parques públicos estão ‘na moda’, dessa maneira, a “sua implantação faz eco às reivindicações generalizadas por áreas verdes e naturais”. Há um consenso de que esses espaços contribuem para melhorar a qualidade da vida urbana e, por isso, cada vez mais são oferecidos à população espaços recreativos e de lazer “festivo”.

É importante citar também que as intervenções implementadas com esta iniciativa sinalizam uma preocupação em dar vida a espaços esquecidos, degradados ou pouco usados em virtude de processos de rápidas ou drásticas transformações urbanas. A definição de “cidade recuperada” implementada por Gehl e Genzoe (2002) aproxima-se a este contexto, no qual há uma tendência mundial de remodelação dos espaços livres públicos.

Igualmente, as ações desenvolvidas no sentido de requalificar praças e parques públicos na cidade de João Pessoa, naquela época, representavam uma postura assumida por parte do poder executivo. Ao avaliar o impacto das políticas públicas de desenvolvimento urbano na capital, especificamente pelas ações do Programa de Recuperação implementado pela Prefeitura Municipal, Queiroz e Gutiérrez (2012) constaram que a construção e revitalização de algumas praças foram satisfatoriamente incorporadas no cotidiano dos moradores de seus respectivos bairros. Além disso, “em alguns casos, as praças foram utilizadas como local de convergência de serviços voltados à população, como Estação Digital e atividades do Pró-Jovem, bem como para atividades escolares extramuros” (QUEIROZ; GUTIÉRREZ, 2012, p. 166).

Seguindo esta lógica, apesar de o projeto executado ter sofrido uma série de modificações em relação ao que fora previsto inicialmente, na Praça da Paz também foram colocados à disposição da população uma série de equipamentos e dispositivos técnicos. É em torno destes objetos/dispositivos que será feita a análise no tópico seguinte.

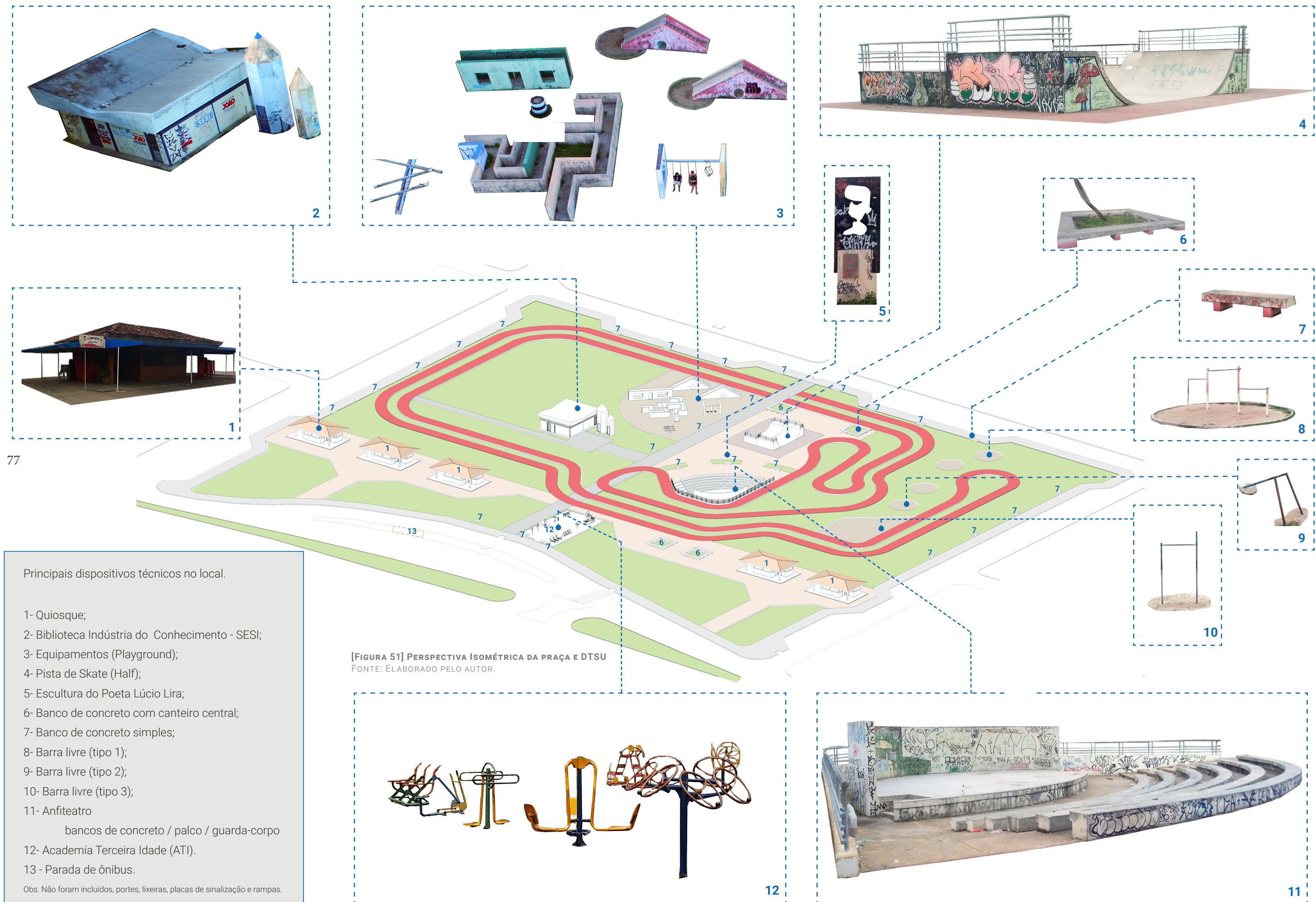
4.1 Os dispositivos técnicos e as atividades sociais

Através da leitura do espaço público é possível não apenas examinar os elementos físicos que o constituem como também entender sua influência nas formas de interação e apropriação. Dessa maneira, ao se estabelecer uma análise socioespacial, as formas físicas e os fenômenos sociais são entendidos de maneira interconectada, de modo que o espaço público urbano é resultado da interação dessas diferentes dimensões.

É neste sentido que Toussaint (2003) considera a existência de uma série de objetos no meio urbano, de modo que equipam o espaço e remetem à materialização de práticas sociais. Para o autor, os dispositivos técnicos se relacionam e interagem com o cidadão possibilitando ou inibindo contatos, encontros e vivências no espaço. Além disso, a adoção do termo "dispositivo" serve para qualificar o campo de objetos manufaturados necessários para a vida na cidade. Entende-se que esses dispositivos estão relacionados à fabricação urbana, por isso, congregam "uma combinatória de operações técnicas abstratas agrupadas para uma determinada tarefa" (TOUSSAINT, 2003, p. 53).

Na definição de dispositivos técnicos espaciais do urbano, Toussaint (2003) inclui diversos elementos como: edifícios residenciais e comerciais; monumentos e fontes; equipamentos; ruas; praças; caminhos; calçadas; cais; meio-fio; sarjetas; espaços de estacionamento; dispositivos de pagamento (quando esses espaços são exigíveis); estacionamentos; plantações; gramados e jardins; caixas de areia; bancos; redes de abastecimento de água potável; redes de esgoto, telefone, eletricidade, gás, sinalização luminosa; transporte público, no local ou não, acima ou abaixo do solo. "Mesmo que a lista não possa ser exaustiva, esse domínio inclui um número finito de objetos, aqueles cuja fabricação obriga a vida na cidade" (TOUSSAINT, 2003, p. 7).

Assim, os dispositivos técnicos desempenham um papel importante no desenvolvimento das possibilidades de permanência dos espaços públicos. A presença de determinados tipos de DTSU pode ser uma característica capaz de influenciar na decisão sobre quais espaços públicos são mais atraentes para serem frequentados. No entanto, isto não pode ser a única regra definidora para a vitalidade urbana. Na Praça da Paz, por exemplo, foram identificados dois grupos de dispositivos técnicos: 1- os que foram implantados desde o projeto inicial do espaço; 2- os que foram incorporados pelos habitantes a partir de suas necessidades e práticas cotidianas. No esquema a seguir são apresentados apenas os dispositivos referentes ao primeiro grupo. Os demais serão apresentados no momento de análise dos espaços, no capítulo seguinte.



Principais dispositivos técnicos no local.

- 1- Quiosque;
- 2- Biblioteca Indústria do Conhecimento - SESI;
- 3- Equipamentos (Playground);
- 4- Pista de Skate (Half);
- 5- Escultura do Poeta Lúcio Lira;
- 6- Banco de concreto com canteiro central;
- 7- Banco de concreto simples;
- 8- Barra livre (tipo 1);
- 9- Barra livre (tipo 2);
- 10- Barra livre (tipo 3);
- 11- Anfiteatro
bancos de concreto / palco / guarda-corpo
- 12- Academia Terceira Idade (ATI).
- 13 - Parada de ônibus.

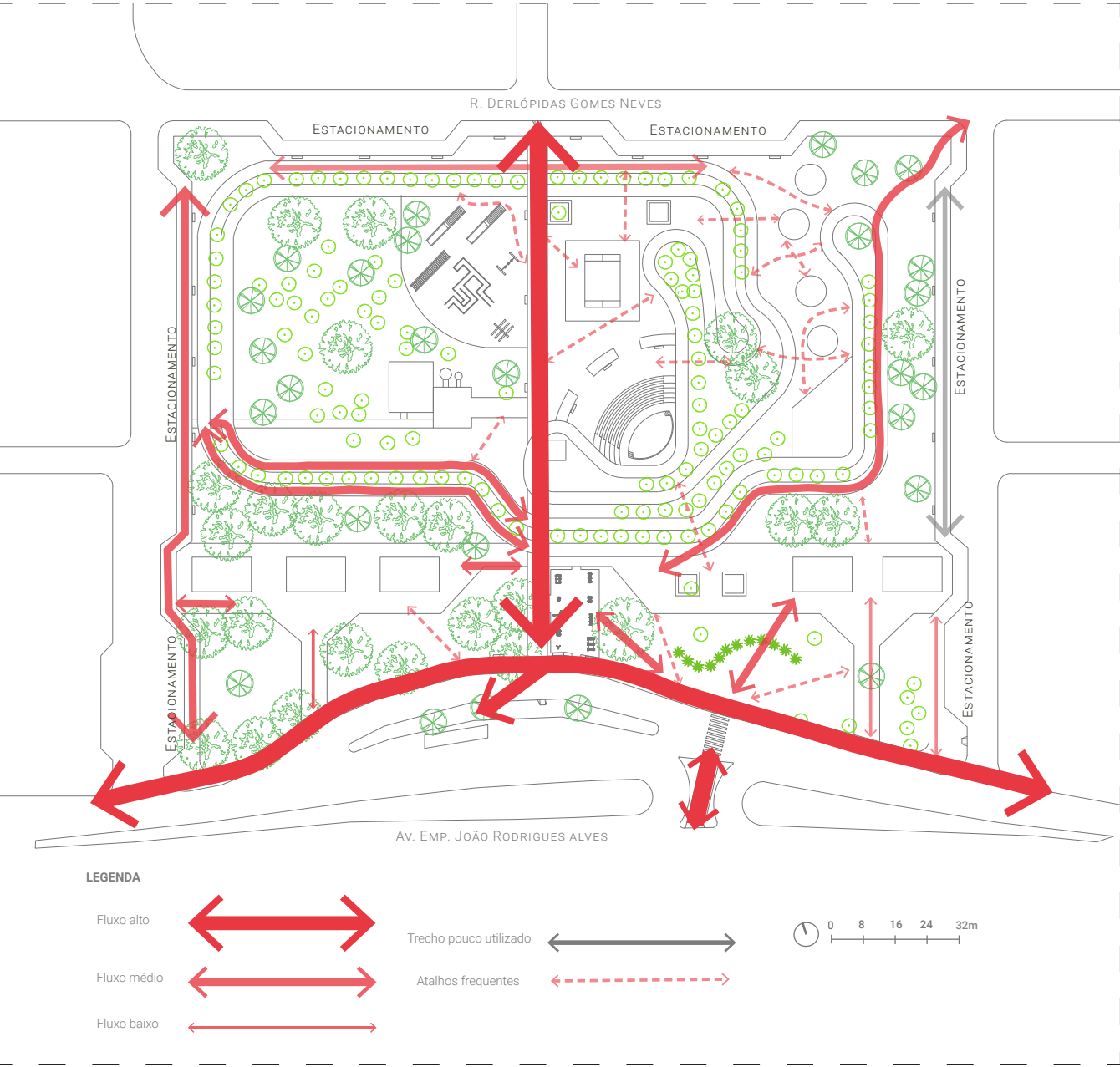
Obs. Não foram incluídos, portes, lixeiras, placas de sinalização e rampas.

[FIGURA 51] PERSPECTIVA ISOMÉTRICA DA PRAÇA E DTSU
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.

4.2 Principais fluxos e dinâmicas de concentração de pessoas por horário.

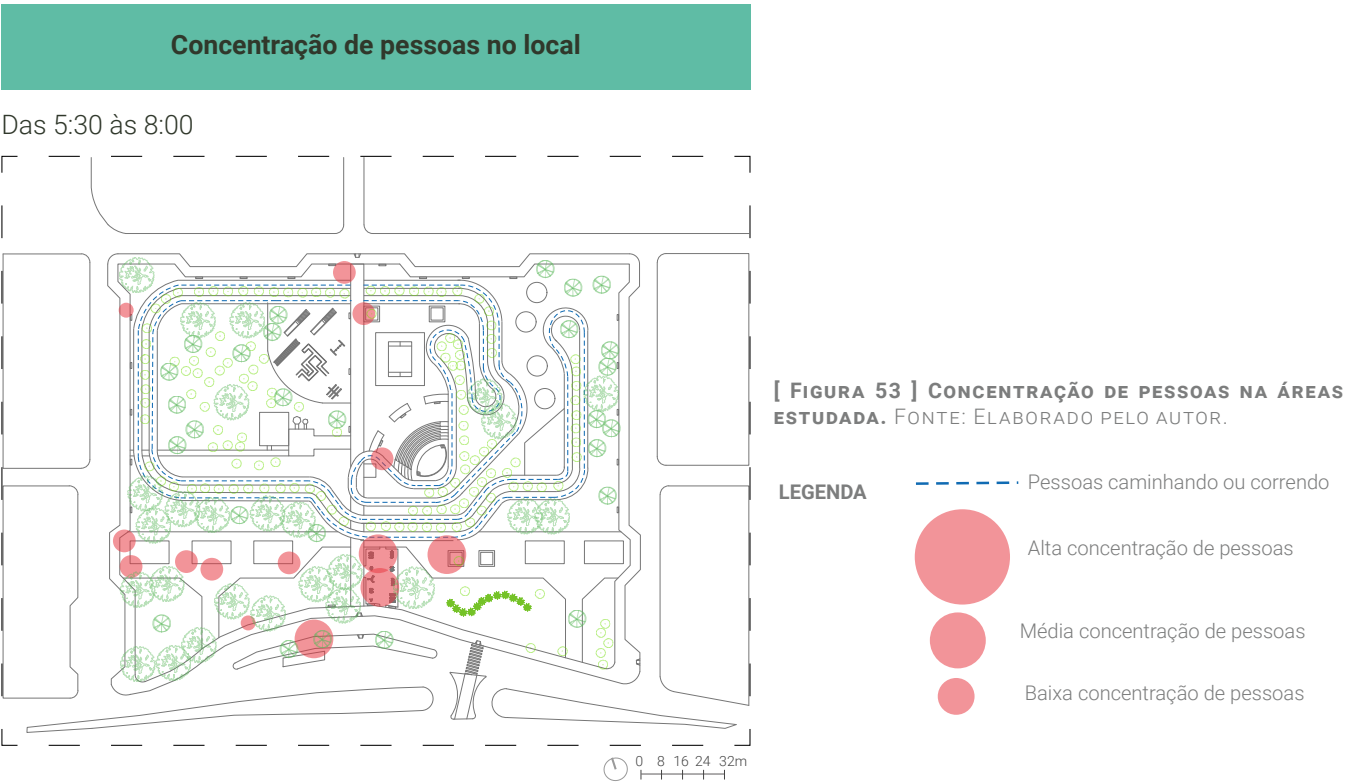
A partir das observações *in loco* foi possível definir como ocorriam os percursos feitos no praça. Nesta etapa identificou-se que os fluxos de pessoas ocorrem em três níveis. Assim, há duas áreas de maior circulação, o eixo que cruza a praça no sentido nordeste e a calçada que fica defronte à avenida principal (Av. Emp. João Rodrigues Alves), estes dois trajetos são os mais frequentes e possibilitam um fluxo intenso de pessoas durante o dia e à noite. Na porção noroeste da praça, a maioria dos percursos se-

[FIGURA 52] FLUXOS DOS PEDESTRES DA PRAÇA. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.

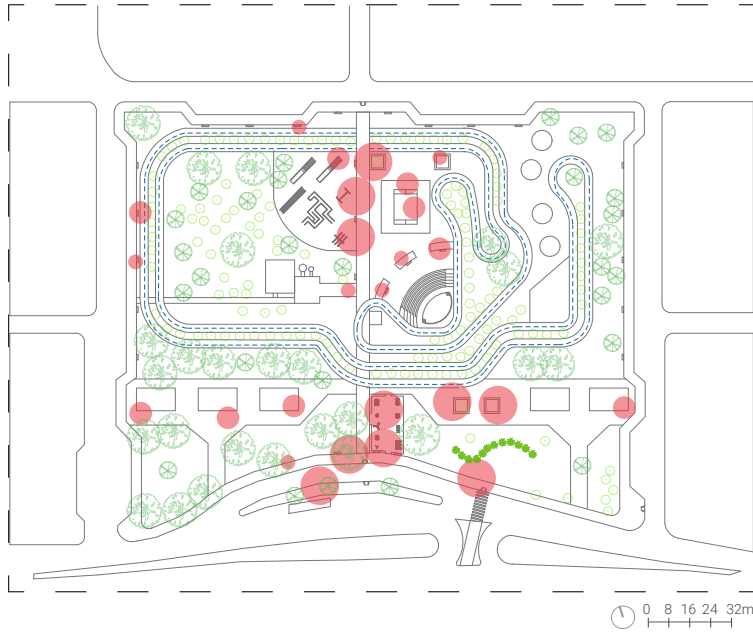


guem os passeios previstos no projeto. No entanto, esta regra não aplica à porção sudeste, onde há uma preferência em cruzar diagonalmente a praça, utilizando um trecho da pista de cooper e um atalho até a esquina da quadra. Além destes, foram identificados também outros atalhos, conforme ilustra a figura 52.

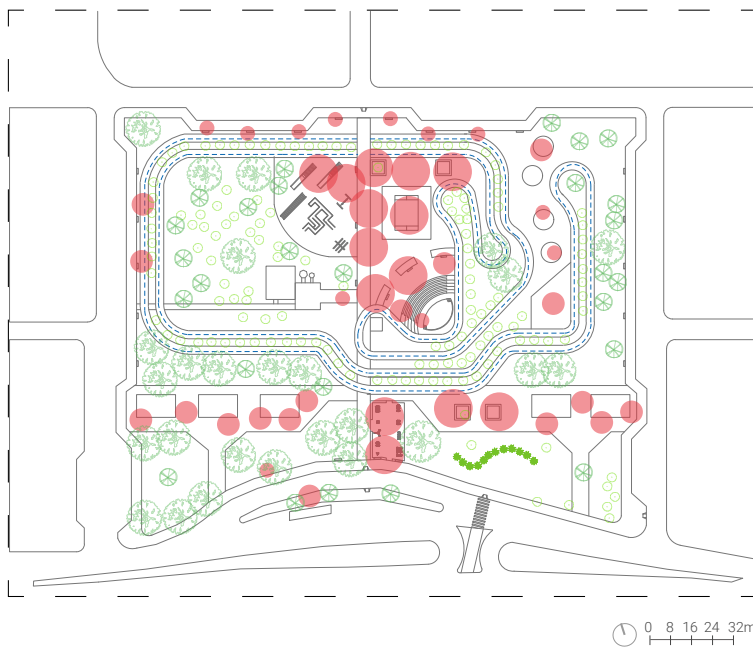
No que diz respeito à concentração de pessoas, foram identificados três períodos de maior aglomeração. Pela manhã, das 5:30 às 8:00. É o período em que há uma preferência maior pelos idosos, mulheres com crianças de colo e/ou animais de estimação. No intervalo entre às 6:00 e 8:00 horas a concentração de pessoas também aumenta devido à parada de ônibus que há na praça. Na maior parte do dia, o movimento se restringe às pessoas que frequentam os quiosques ou que cruzam a praça para ir ao supermercado ou outro comércio local. No entanto, isto não é regra, pois há também pessoas que praticam atividades físicas a partir das 8:00 horas, o que ocorre em menor freqência. A partir das 16:00 horas, quando a temperatura começa a reduzir, novamente, se intensifica o fluxo de pessoas. Neste horário, uma parcela significativa de idosos também frequenta o local. A partir das 17:30 começa a aparecer um público mais jovem, notadamente, universitários e estudantes secundaristas. É a partir das 18:30 que o fluxo de pessoas se intensifica ainda mais, de modo que esta dinâmica permanece até às 20:30 ou 21:00 horas. Nos finais de semana, sobretudo aos sábados, a concentração de pessoas se entende até mais tarde. Estas informações pode ser melhor espacializadas nos diagramas a seguir.



Das 16:00 às 18:30



Das 18:30 às 20:30

**LEGENDA**

- - - - - Pessoas caminhando ou correndo



Alta concentração de pessoas



Média concentração de pessoas



Baixa concentração de pessoas

[FIGURAS 54 E 55] CONCENTRAÇÃO DE PESSOAS NA ÁREAS ESTUDADA. FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.

4.3 Principais atividades e delimitações espaciais

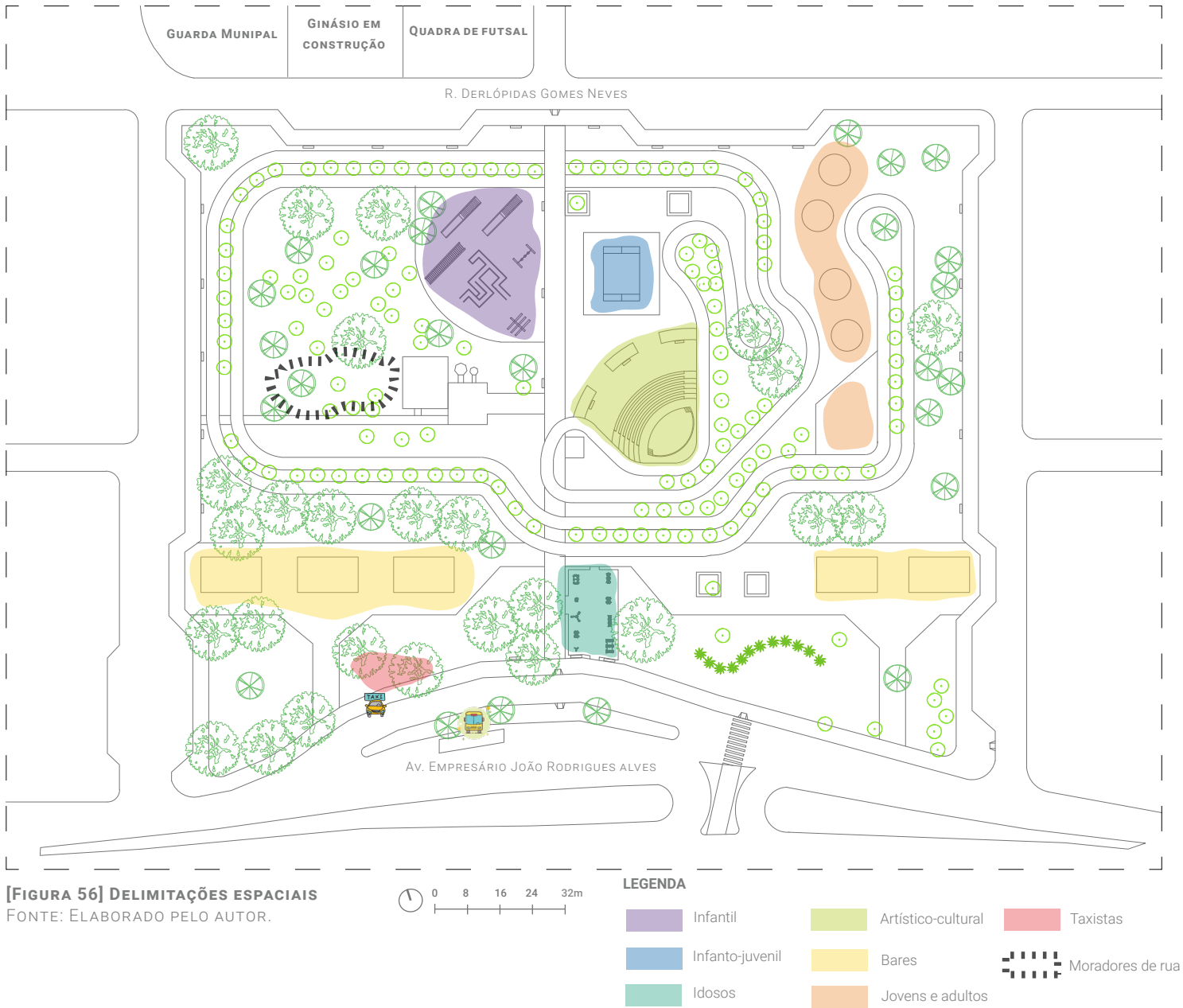
Como foi destacado no início deste capítulo, a Praça da Paz é fruto de uma luta popular que solicitava a construção de um parque em um lote abandonado no bairro. Em virtude disso, algumas das ideias concebidas pelo grupo de moradores que tomou a frente desta causa foram incorporadas no projeto executado pela Prefeitura. Neste quesito, merece destaque a demarcação de atividades e definição de usos.

Desde sua gênese, o projeto previa diferentes equipamentos e usos bem demarcados. Muito embora isso não ocorra na prática, ainda é possível delimitar as principais atividades no local. Esta análise se torna importante para que se compreenda melhor o contexto do espaço estudado.

Na figura 56, apresentada ao lado, observa-se que há uma lógica na disposição dos elementos que compõem a planta baixa. Há um eixo que conecta os pedestres à principal avenida do bairro, com um passeio de 4,5 metros de largura e cerca de 120 metros de comprimento, de um lado a outro da quadra. Ao redor deste eixo, são dispostas áreas que, a priori, atenderiam a públicos distintos. Os quiosques/bares localizam-se na parte frontal, sendo três à esquerda e dois à direita do passeio central. No meio da praça há um anfiteatro, relativamente menor em relação ao que era previsto no projeto original dos moradores. Próximo a ele, há uma pista de skate (half) e, à esquerda da área para os skatistas, um pequeno espaço para Playground. À direita da pista de skate há cinco caixas de areia, destinadas à prática esportiva de jovens e adultos. Além destes, a Prefeitura Municipal inseriu no espaço uma academia da terceira idade (ATI) e, em

parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), foi construída também uma biblioteca, próxima ao Playground. Atualmente, esta biblioteca encontra-se em estado de degradação e, por isso, não é frequentada pelos usuários da praça. Próximo à parada de ônibus há um ponto de táxi, defronte à Avenida Empresário João Rodrigues Alves. Na direção oposta, anexo à quadra da Praça, há também um posto da Guarda Municipal. Neste mesmo lote há uma edificação que pertence

ce à associação de moradores e, mais recentemente, está sendo construído um ginásio poliesportivo, ao lado da quadra de futsal existente. Além de todos esses elementos há também uma série de apropriações que serão exploradas no capítulo seguinte. Um fato que merece atenção diz respeito aos moradores de rua que se instalaram na área que fica atrás das árvores, isto ocorreu a partir de outubro de 2019 e tem se intensificado a cada dia.



[FIGURAS 57, 58 E 59] PRAÇA DA PAZ.
IMAGEM: MARINA VENTURA, MARÇO DE 2020.



CAPÍTULO 5

[FIG. 60] APRESENTAÇÃO CULTURAL NA PRAÇA DA PAZ (DEZEMBRO DE 2019)
Foto: SECOM/PMJP

5. Narrativas urbanas: a praça no contexto das vivências de alguns usuários

A partir do cruzamento de dados (observações feitas no local e entrevistas) busca-se neste capítulo responder aos objetivos finais deste trabalho: analisar os padrões de apropriação e uso e investigar a qualidade afetiva para/com o espaço a luz do conceito de empatia espacial. O capítulo tem início com a exposição dos resultados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas. Em primeiro momento, foi feita uma caracterização dos entrevistados, a fim de apresentar o público participante do trabalho. Em segundo momento, o conjunto das respostas obtidas foi categorizado em relação às perguntas previstas no roteiro de entrevista. Após a finalização desse tópico, é feita a discussão dos resultados, por meio de uma análise que articula os dados coletados nas observações de campo e nas entrevistas semiestruturadas, somados ainda a uma breve revisão teórica a respeito dos temas estudados. Em seguida, é elaborada uma síntese cartográfica que ilustra as questões analisadas no espaço. Ao término do capítulo, a narrativa é retomada com o intuito de complementar as informações analisadas e expor algumas ilustrações feitas a partir das observações *in loco* que se relacionam as cenas cotidianas em contextos de empatia espacial e ambiências urbanas.

82

5.1 Resultados

5.1.1 Perfil dos participantes:

Foram feitas oito entrevistas com doze participantes. Destas, cinco ocorreram individualmente e três ocorreram em grupos. Em relação às entrevistas em grupos, uma delas foi feita a um casal, a outra, a dois homens, que acompanhavam seus filhos na Praça, e, a terceira, a um grupo de três mulheres que trabalhavam no local. No total, foram consultados sete homens e cinco mulheres. Dentre eles, três pessoas têm o ensino superior completo, outras três ainda estão cursando o ensino superior e seis pessoas possuem o ensino médio completo. No que diz respeito à faixa etária, destacam-se três grupos: no primeiro, quatro pessoas apresentam entre 25 e 30 anos; no segundo, sete pessoas têm entre 32 e 47 anos; no terceiro grupo, uma pessoa tem mais de 57 anos. Os dados são detalhados no quadro a seguir.

[QUADRO 4] PERFIL DOS PARTICIPANTES

PARTICIPANTE (S) ¹⁰	BREVE DESCRIÇÃO
Nomes: Bruno / Lucas Idades: 38 / 48 Onde moram: Bancários Há quanto tempo: Desde que nasceu Escolaridade: Sup. incompleto / Ensino Médio Profissão: Funcionário Público / Motorista	Os dois entrevistados sempre moraram no bairro e vêm com frequência à Praça da Paz. Normalmente, eles vêm em busca de algum momento de lazer, socialização ou prática esportiva. Na oportunidade, costumam trazer os filhos para brincar no local.
Nome: Mário Idade: 28 anos Onde mora: Mangabeira Há quanto tempo: 6 meses Escolaridade: Superior incompleto Profissão: Estudante	Mário, já residiu nos Bancários durante um ano. Mudou-se para Mangabeira há seis meses e faz faculdade. Ele se considera um frequentador da Praça, mesmo não morando mais no bairro, ainda vem com frequência ao local para a prática esportiva e lazer.
Nome: Pedro Idade: 26 anos Onde mora: Jardim Cidade Universitária Há quanto tempo: 26 anos Escolaridade: Superior completo Profissão: Programador de Web	Pedro mora no bairro Jardim Cidade Universitária e costuma vir sempre à Praça (3 ou 4 vezes por semana). Ele gosta de utilizar a pista para correr e o half para andar de skate. Além disso, vem sempre para jogar Pokémon Go, sozinho ou em grupo.
Nome: Maria Idade: 57 anos Onde mora: Bancários Há quanto tempo: Há oito anos Escolaridade: Ensino médio Profissão: Vendedora autônoma	Maria veio morar no bairro depois que seus filhos casaram. Ela costuma vir à Praça nos finais de semana. Algumas vezes, nos finais de tarde, traz seu neto para brincar no local, enquanto aguarda seu esposo e filhos retornarem do trabalho.

¹⁰Nomes fictícios, conforme o previsto pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

PARTICIPANTES	BREVE DESCRIÇÃO
Nomes: Rosa / Mariana / Carla Idades: 30 / 47 / 39 Onde moram: Geisel / Mangabeira / Cristo Há quanto tempo: 10 anos / 4 anos / 15 anos Escolaridade: Ensino médio (todas) Profissão: Do lar / manicure / Vendedora	Carla é dona de um Brechó e vende roupas na praça há cinco anos. Rosa e Mariana auxiliam Carla quando estão de folga. Uma delas trabalha perto da Praça Paz e vem sempre ao local, já a outra, vem à Praça quase todos os dias (exceto nas terças). Elas afirmam que frequentam o local, prioritariamente, por conta do trabalho. Porém, ao estarem na praça, enquanto trabalham, se divertem e conversam bastante com as pessoas, sobretudo seus clientes. Sendo este um grupo maior, a entrevista com elas durou cerca de 20 minutos, de modo que todas falaram à vontade sobre suas rotinas e impressões da Praça.
Nomes: João / Letícia Idades: 35 / 32 Onde moram: Bancários Há quanto tempo: 1 ano Escolaridade: Sup. completo / Ensino Médio Profissão: Gestor comercial / Do lar	João e Letícia são casados e moram nos Bancários há pouco tempo, gostam de vir à Praça duas vezes por semana, geralmente, entre às 17:00 e 19:00 horas. Eles residem bem próximo à Praça da Paz e costumam vir a pé até o local. Quando vêm, trazem o cachorro para passear e ficam na praça conversando com alguns conhecidos. Por questões de conforto, ambos trazem suas cadeiras de casa.

PARTICIPANTES	BREVE DESCRIÇÃO
Nome: Ricardo Idade: 42 anos Onde mora: Anatolia Há quanto tempo: há 40 anos Escolaridade: Superior completo Profissão: Programador de Web	Ricardo se considera um dos fundadores do bairro, pois mora há bastante tempo no mesmo local. Ele costuma vir à Praça de manhã cedo para caminhar e utilizar os equipamentos da academia ao ar livre. Quando não pode vir pela manhã, vem à tarde (entre às 17:00 e 18:00 horas). Ele considera que a Praça é bem localizada, em um ponto central e, por isso, atrai muitas pessoas. Na opinião dele, foi preciso muita luta por parte dos moradores do bairro para que este local fosse construído. Apesar de a Praça ser bem servida por equipamentos, ele lamenta que muita coisa precisa de manutenção e a Prefeitura não faz nada.
Nome: Paulo Idade: 25 anos Onde mora: Bancários Há quanto tempo: há 3 anos Escolaridade: Superior incompleto Profissão: Estudante	Paulo é universitário e veio morar no bairro há três anos. Ele vem sempre à Praça, para caminhar, correr ou ainda se encontrar com os amigos. Na sua opinião, a praça serve como local de lazer e ponto de encontro entre muitos jovens. Para ele, o fato de estar bem localizada e no trajeto de muitos estudantes faz com que a Praça da Paz consiga reunir diferentes grupos de pessoas em diferentes horários. Na sua opinião, apesar de existirem vários problemas no local, as pessoas gostam de estar nessa Praça.



5.1.2 Categorização dos resultados

Motivação, acesso e frequência ao local.

Este grupo de respostas diz respeito às três primeiras questões previstas no roteiro de entrevista: 1) Com que frequência você vem a este local? 2) Qual (ais) o (s) motivo (s) lhe trazem aqui? 3) Como você vem a esta praça? Em relação aos motivos, os participantes afirmaram que vão à praça em busca de atividades físicas, socialização com amigos, levar alguma criança (filhos ou netos) para brincar, ou ainda, passear com o cachorro. Alguns trabalham no local e, por isso, estão ali praticamente todos os dias. As respostas indicaram que a maioria dos entrevistados vai à praça regularmente. As pessoas que tem o hábito de praticar alguma atividade física costumam ir todos os dias em alguns horários específicos - de manhã bem cedo (entre 5:00 e 7:00 horas), à tarde (entre 16:30 e 18:00 horas) - ou em dias alternados. Os que trabalham no local ou próximo a ele, estão ali quase todos os dias, excetuando-se a folga, uma ou duas vezes por semana. No que diz respeito ao meio de transporte utilizado, as respostas foram diversas, de modo que as pessoas que moram perto da Praça vêm a pé ou de carro até o local. Algumas delas, que moram em bairros vizinhos, afirmaram se locomover de bicicleta ou de ônibus. De modo geral, entre os mais jovens há uma preferência em utilizar a bicicleta ou ir a pé.

86

Atrações, vínculos e dinâmicas

Neste segundo grupo, os resultados são organizados a partir das questões: 4) O que você veio fazer hoje aqui? 5) Você gosta de vir para esta praça? 6) Você costuma encontrar algum conhecido aqui? 7) Você costuma frequentar os eventos que ocorrem neste local?

Sobre a primeira pergunta, acerca das atividades que os participantes faziam no dia da entrevista, as respostas foram bem próximas. A maioria dos entrevistados estava no local por questões de lazer e/ou prática esportiva. Duas pessoas acompanhavam seus filhos. Uma senhora estava com seu neto, enquanto aguardava o esposo. Uma mulher trabalhava no local na companhia de duas amigas. Um casal costumava sempre ir à praça naquele mesmo horário. Em relação ao mais jovens, dois deles foram praticar algum esporte (correr/caminhar) e outro para jogar Pokémon Go.

No que diz respeito ao encontro de conhecidos, todos os entrevistados concordaram que era uma prática comum encontrar sempre as mesmas pessoas na praça em horários es-

pecíficos. O casal, por exemplo, afirma que já fez vários colegas, que isso acontece pelo fato de estarem sempre no mesmo horário e local, alguns dias da semana. O mesmo se aplica ao jovem que jogava Pokémon Go, ao afirmar que há um grupo de amigos que sempre se reúne naquele espaço com a mesma finalidade do jogo. Em relação aos eventos que ocorrem no local, as respostas dividiram opiniões. Nem todas as pessoas afirmaram que participavam. Um fato curioso é que algumas se referiram logo à batalha do hap, um evento que ocorre aos sábados à noite e reúne grande número de jovens e adolescentes no local. Apesar de apoiarem, algumas pessoas afirmaram que não participavam, por diversos motivos, inclusive, por não se identificarem com o grupo de pessoas que frequenta o espaço durante este evento.

Avaliações do espaço

Neste último grupo, são levadas em consideração as perguntas: 8) Em relação à organização e infraestrutura deste espaço, como você as avalia? 9) O que torna ou poderia tornar este espaço mais convidativo às pessoas? 10) Existe alguma coisa que você mudaria ou acrescentaria? 11) Você se sente seguro (a) aqui? Por quê?

87

Evidentemente, em todas as entrevistas, estas perguntas foram as que mais motivaram a fala e participação dos entrevistados. Todos se sentiam bastante à vontade para relatar os problemas da praça e suas impressões pessoais sobre o local. De modo bastante espontâneo, as pessoas apontavam com a mão quais os locais se sentiam seguros, os locais que elas achavam “estranho ou esquisito”, como também quais eram os motivos que levavam àquele tipo de avaliação. Apesar de haver um grande número de repostas negativas que apontaram diversos problemas, os participantes demonstraram certa consciência de que, mesmo com as falhas na praça, as pessoas ainda frequentam o local.

A maioria dos entrevistados sugeriu mudanças e acréscimos para que o espaço ficasse mais apropriado para eles. Sobre a sensação de segurança, foi unânime o pedido de policiamento.

5.2 Discussão dos resultados

A seguir, as respostas transcritas foram agrupadas em temas que se relacionam às observações feitas *in loco*.

5.2.1 Lugar e espaço

Já nas primeiras visitas de campo e conversa informal com algumas pessoas pode-se perceber que havia na Praça da Paz algo diferente de outros espaços públicos da cidade. Ao serem questionados sobre quais os motivos que lhes faziam frequentar aquele espaço, as respostas eram sempre próximas. De modo geral, elas apresentavam motivos relacionados a atividades triviais de esporte e lazer. Além disso, havia também uma identificação pessoal (um tempero peculiar ou fator de atração) com aquele espaço específico, algo que nem sempre as pessoas sabiam explicar exatamente o que era, mas que consideravam importante em sua escolha. Na etapa de entrevistas, novamente, algumas pessoas relataram a mesma característica, o que pode ser observado nos trechos apresentados a seguir.

88



[...] **eu gosto de vir para cá para fazer minhas atividades físicas e encontrar conhecidos também.** Tem muita gente aqui. Pra mim, isso já virou uma rotina, sabe? Essa praça já foi melhor antes. Era mais bem cuidada, hoje não é mais assim, infelizmente. [...] Mesmo com esses problemas **todo mundo que conheço gosta de vir pra cá. Não sei ao certo o porquê disso.** É um espaço muito frequentado aqui. (Mário, 28 anos)

Quando você fala nos Bancários todo mundo pensa que é um bairro assim... de poder aquisitivo maior em relação a outros bairros que tem aqui na cidade. [...] Essa praça é tão visada que **muita gente de outros bairros vem pra cá.** Caminhar, trazer as crianças. **Que tem praça lá também, mas eles preferem essa daqui.** (Bruno, 38 anos)

[...] porque **é uma questão cultural, aqui é um bairro universitário, com jovens. Primeiro as pessoas têm uma imagem dos Bancários.** Quando **as pessoas de fora vêm aqui elas ficam encantadas com essa praça.** (Lucas, 48 anos)

No âmbito da psicologia ambiental, a escolha por determinado espaço pode estar relacionada a propriedades específicas. Dentre elas, uma definição que merece destaque é a **identidade de lugar**³. Percebe-se nos trechos apresentados anteriormente que as pessoas têm certa consciência em relação a alguns dos fatores de escolha pela praça e os relacionam sempre às atividades cotidianas que elas realizam no espaço. Além disso, existe ainda a construção de um imaginário local, como é evidenciado no trecho **“primeiro as pessoas têm uma imagem dos Bancários”**. A partir desta expressão, nota-se que há uma identidade de lugar. Para muitos dos entrevistados a região dos bancá-

De acordo com Mourão e Cavalcante (2011), a identidade de lugar ocorre a partir da interação do indivíduo com seu entorno físico e social, trata-se de um processo que ocorre em vários níveis.

rios é tipicamente dotada por dois públicos específicos: os antigos moradores/fundadores do bairro e uma população jovem, manifestada pela forte presença de universitários.

A ideia de lugar merece destaque no processo de apropriação e significação dos espaços e, portanto, é essencial para a construção de um laço identitário e afetivo com este. Tal característica é ressaltada por Tuan (1983) quando destaca a diferença entre os termos Espaço e Lugar. Para o autor, a definição de Lugar está relacionada a segurança e estabilidade, já a definição de Espaço se relaciona a liberdade e movimento. Assim, o “espaço, transforma-se em lugar à medida que o sujeito o vivencia através do tempo e da intensidade, passando, então, a ser dotado de valor afetivo” (CAVALCANTE; MOURÃO, 2011, p. 212). Enquanto o espaço pode transformar-se em lugar, quando se atribui a ele valor e significação; o lugar não pode ser compreendido sem ser experienciado. É neste sentido que a preferência ambiental é mediada pela experiência dos usuários e pela percepção de atributos e/ou qualidades do local. Nos trechos apresentados a seguir esta relação fica bem clara.



[...] **eu gosto de vir para cá por causa da estrutura**, do tamanho da praça. Eu acho que ela ainda peca em algumas coisas... é... iluminação faltando. Mas, **eu gosto mesmo por causa da amplitude, tem um espaço legal, tem muita gente aqui**, o local também é bem central, né? (Ricardo, 42 anos).

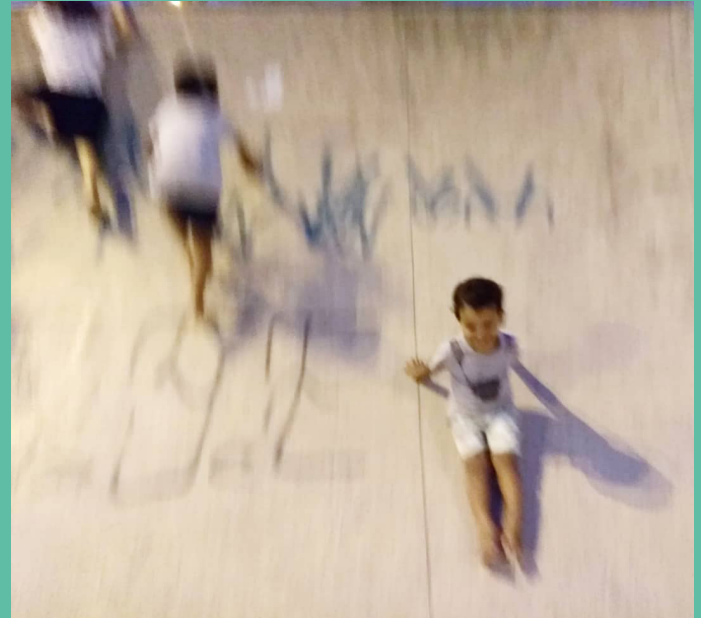
[...] é **um lugar agradável. Fresco. Arejado. Não tão barulhento**. (Pedro, 26 anos)

A gente vem aqui por lazer e entretenimento, né? Essa praça tem uma área para as crianças. É movimentada. (Letícia, 32 anos)

Além dos atributos que qualificam o local (lugar agradável, fresco, arejado...) a possibilidade de socialização também é mencionada como importante para os usuários, por isso, é recorrente expressões como: **“encontrar conhecidos”, “tem muita gente aqui”, “caminhar, trazer as crianças”**. Estas afirmações trazem à tona não apenas atividades cotidianas, como também a definição de espaço público enquanto lugar da sociabilidade, da interação com o outro, o que pode ser observado nos trechos a seguir.

[...] Eu venho por questões de **atividade física e de socialização**, né?! (Bruno, 38 anos)

[...] Eu também, tentar **trazer meu menino para brincar na praça**. (Lucas, 48 anos)



[FIGURAS 61, 62, 63,64, 65 E 66] CRIANÇAS UTILIZANDO DIFERENTES ESPAÇOS DA PRAÇA. FONTE: ARQUIVO PESSOAL. DEZ. 2019 E JAN. DE 2020

Complementando a distinção entre espaço e lugar, Leite (2010) afirma que “o espaço corresponde à ausência de posições definidas e, por isso, é uma ordem móvel que propicia vislumbrar as diferentes experiências espaciais da vida cotidiana; e o lugar corresponde, opostamente, a certas configurações mais estáveis de posições” (LEITE, 2010, p. 748). Dessa maneira, o que o primeiro tem de provisório, o segundo tem de permanente. Portanto, enquanto o lugar retém o “próprio”, correspondendo assim às práticas do tipo estratégicas, o espaço corresponde às práticas táticas. É neste sentido que De Certeau considera o espaço como “um lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202).

5.2.2 Práticas cotidianas e apropriações do espaço

De fato, as considerações apontadas por Leite (2010), ao resgatar as ideias de Certeau, são importantes, no entanto, não serão abordadas neste primeiro momento. Antes disso, é preciso compreender que há no espaço público uma série de práticas que estão sujeitas à sua configuração, às suas dimensões e que relacionam atividades socioespaciais. Ao entendê-las como práticas urbanas ou ainda práticas coletivas, Scocuglia (2012) salienta que as atividades dos indivíduos no espaço público merecem destaque. Exemplificando esta relação, durante a entrevista, ao serem questionados sobre possíveis fatores que tornariam a praça um espaço convidativo, um dos entrevistados associou a presença de determinados objetos no espaço e suas possibilidades de uso coletivo.



[...] Eu acho que ele **é convidativo por ser muito atrativo em todas as formas**. Assim, por exemplo, **tem a pista de skate, que vai atrair um certo público de skatistas; Tem um anfiteatro** que vai trazer **um público que gosta de fazer eventos; Tem o parque para crianças** que apesar de estar um pouco não convidativo, né? Enfim...Tá meio abandonado. Mas, **tem ali criança brincando. Tem os bancos que a galera vem e gosta de ficar só aqui mesmo**. Tem esse espaço aqui que pode ser feito qualquer outra coisa, como o pessoal tá fazendo exercício aí agora. Eu acho que atende várias demandas. Tem os bares... [...] Engloba várias coisas, vários públicos. (Mário, 28 anos)

91

Ao descrever alguns elementos que compõem a estrutura física da praça, o entrevistado não se limita apenas em apontá-los individualmente, ele os relaciona aos usos e as possibilidades que podem atrair as pessoas. Para ele, o espaço "é convidativo por ser muito atrativo" e essa atratividade ocorre porque possibilita o encontro de pessoas, o que pode ser evidenciado nos trechos: "eu acho que atende várias demandas", "engloba várias coisas, vários públicos".

Em seus estudos sobre os espaços públicos, Whyte (1980) constatou que a atratividade do lugar não é indicada pelas atividades e sim pelas pessoas, pela proximidade a qual elas tendiam a se agrupar no espaço público. Por este motivo, o movimento de pessoas é o que poderia atrair outras pessoas. No que diz respeito à Praça da Paz, durante as visitas pode-se observar em diferentes momentos que, de fato, há ali um potencial de atração.

É importante ressaltar que a Praça da Paz, em virtude da sua configuração espacial, disponibiliza às pessoas que frequentam o local, uma série possibilidades de uso e vivências. É nesse sentido que se registram diferentes apropriações no espaço. Durante as observações, foi identificado que é uma prática comum para algumas pessoas trazerem de casa sua cadeira, ao invés de utilizarem os bancos dispostos na praça. O diálogo apresentado a seguir ilustra essa situação.

92



Sobre o mobiliário, eu percebo que vocês trazem a cadeira de casa. Por quê?

— Uhum... [risos] (Letícia)

— Isso **é uma questão de conforto**, porque os bancos nesse horário estão muito quentes. Se você vir às cinco horas ou cinco e meia você não sente não, porque não aguenta. (João)

— A gente no início tava vindo pra cá e usava esses bancos, começamos a sentir um desconforto. Os bancos muito quentes, aí a gente optou pelas cadeiras. (Letícia)

— **A gente viu as outras pessoas trazendo, né?! [risos] (João)**

— Foi... **O pessoal vindo para cá, trazendo cadeira para sentar, aí gente começou a trazer também.** (Letícia)

Mas, se outras pessoas não tivessem trazido antes, vocês fariam isso?

— Sim. Com certeza! É mais confortável. (João)

— É uma questão de saúde também, né?! (Letícia)

— **A gente já tinha trazido antes papelão, almofadas para sentar. E mesmo assim o calor do banco ainda passava.** (João)



[FIGURA 67] DESENHO REPRESENTATIVO DA ENTREVISTA COM O CASAL.
ILUSTRAÇÃO: ALBERTO ARAÚJO

Mesmo havendo uma parcela de trechos bem arborizados, foi observado em algumas áreas onde as pessoas costumam ficar com mais frequência que não há árvores com porte de sombreamento para os bancos. Apesar disso, as pessoas insistem em utilizar esses espaços e se adaptam a situação imposta pelo local. Isto evidencia que há uma preferência para permanecer em determinados pontos da praça, ainda que ali não haja um banco para sentar ou o banco que existe não seja confortável.



[FIGURA 68] BANCOS SEM NENHUMA ÁRVORE
FONTE: ARQUIVO PESSOAL. DEZEMBRO DE 2019.



[FIGURA 69] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO COM ÁRVORE.
FONTE: ARQUIVO PESSOAL. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 70] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO SEM ÁRVORE.
FONTE: ARQUIVO PESSOAL. JANEIRO DE 2020.

Esses gestos refletem não apenas uma característica física relacionada aos objetos dispostos no espaço — que muitas vezes não atendem ao público por serem desconfortáveis — como também um fator social que representa a escolha em utilizá-lo ou não, o que implica em novas adaptações ao contexto vivenciado e, com isso, a inserção de outros objetos no espaço, como é o caso da cadeira que é trazida de casa. Ainda, determinadas ações ou comportamentos podem ser refletidas em padrões de apropriação, o que fica claro com a afirmação do casal apresentada anteriormente: **“a gente viu as outras pessoas trazendo... aí, a gente começou a trazer também”**. Dentro desta lógica, os dispositivos técnicos e espaciais do urbano “compreendidos em cada agenciamento constituem neste sentido possibilidades concretas em termos de ação e oferecem alternativas em termos de práticas sociais” (TRIGUEIRO, et. al., 2012, p. 130).



O caso apresentado anteriormente, que se refere à cadeira, é apenas uma das possibilidades de apropriação do espaço observadas durante as visitas. Além deste, foi possível constatar outros usos em torno dos dispositivos técnicos. Um fato que chamou atenção foi a prática do Parkour. Os praticantes dessa modalidade de esporte exploram os recursos do próprio corpo para se deslocarem de um ponto para o outro rapidamente, utilizando rampas, escadas, muros, corrimãos, calçadas, árvores, sempre buscando superar seus limites físicos. Há um grupo que se reúne semanalmente na praça e, a partir da sua aventura urbana de ultrapassar obstáculos, se apropria de diferentes espaços.

Esta prática, apesar de seu caráter esportivo já consolidado, exemplifica como um objeto pode gerar determinadas ações e excluir outras. É o que ocorre com o labirinto instalado no playground, que foi projetado especificamente para as crianças, mas não é utilizado por elas atualmente. Por falta de manutenção na praça, este espaço encontra-se completamente degradado, sujo e, por isso, passa a maior parte tempo esquecido, sendo utilizado, inclusive, como estacionamento para motos em alguns horários, conforme exemplifica a figura 73. Próximo ao labirinto, de modo improvisado, o grupo de jovens que pratica o *Parkour* inseriu no local alguns pneus, com o intuito de utilizar mais um objeto em suas atividades.



[FIGURA 73] LABIRINTO NÃO UTILIZADO PELAS CRIANÇAS.
 FONTE: ARQUIVO PESSOAL. FEVEREIRO DE 2020



[FIGURA 74] JOVENS PRATICANDO PARKOUR.
 FONTE: ARQUIVO PESSOAL. JANEIRO DE 2020.

Nas imagens apresentadas acima pode-se identificar a questão analisada anteriormente. Na foto, à esquerda, o labirinto, em estado de depredação sequer é notado pelas crianças que brincam ao lado. Já na imagem da direita, duas ações merecem destaque, os jovens que se apropriam da-

quele espaço e a criança que atravessa o local, sendo levada com sua mãe para outro local que, para elas, seja mais atrator. Além do labirinto, o grupo do jovens também se apropria em alguns momentos do anfiteatro, como é identificado na figura 75.



[FIGURA 75] JOVENS PRATICANDO PARKOUR NO ANFITEATRO.
 FONTE: ARQUIVO PESSOAL. FEVEREIRO DE 2020

Toussaint (2009), define que o uso de dispositivos técnicos está sujeito a "um conjunto de regras". Apesar disso, essas regras não estão vinculadas a um objeto específico, mas às pessoas que utilizam determinado objeto. Para o autor, são essas regras que "normalizam as práticas sociais" (TOUSSAINT, 2009, p. 218). Ao observar a apropriação do grupo de Parkour no anfiteatro (figura 75), percebe-se que as pessoas não utilizam o dispositivo ao mesmo tempo.

Naquele mesmo local, que foi projetado para uma função específica (um palco para eventos), as crianças brincam no final da tarde, grupos de jovens reúnem-se à noite e em finais semana para eventos culturais, para conversar. Também, moradores de rua utilizam o espaço atrás do palco como banheiro ou os degraus da escada como local para dormir, descansar, o que causa aborrecimento por parte dos habitantes, como será apontado mais adiante em alguns trechos das entrevistas, nos quais as pessoas apelam para tentar limitar essas práticas impróprias.

96



[FIGURA 76] MORADOR DE RUA DORMINDO NO ANFITEATRO.
ILUSTRAÇÃO: ALBERTO ARAÚJO



[FIGURAS 77, 78 E 79] DIFERENTES APROPRIAÇÕES DO ANFITEATRO.





[FIGURAS 80, 81 E 82] V ENCONTRO PARAIBANO DE PARKOUR (2016)
FOTO: ÂNGELA COSTA (SECOM/PMJP)

Ao tomar essas ações cotidianas por outra ótica, De Certeau (1994) adverte para uma multiplicidade infidável de arranjos, que são próprios da criatividade humana. Esses arranjos podem ser definidos como táticas e muitas vezes subvertem a ordem imposta. Isso ocorre quando as pessoas se utilizam de outras "maneira de fazer" o uso no espaço, de modo que a lógica pretendida/planejada é desviada.

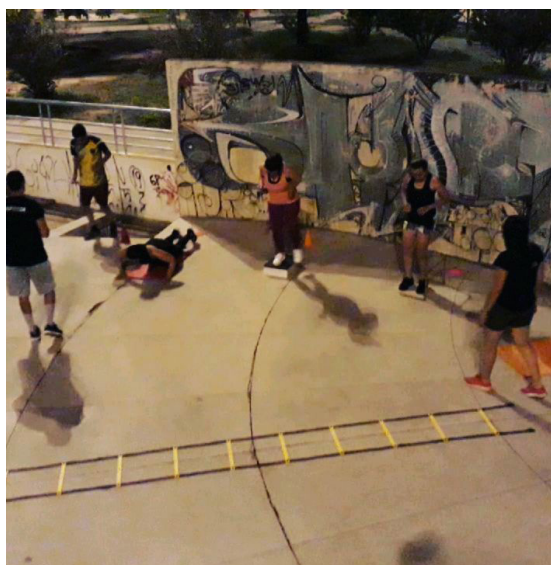
As situações ilustradas por meio do **Parkour** e da apropriação pelo morador de rua também se enquadram nesse contexto, pois são práticas cotidianas que culminam em diferentes modos de ocupação dos espaços e, por isso, resistem a lógica imposta pelo planejamento. Assim como o labirinto foi projetado para as crianças, o anfiteatro tem como função comportar atividades específicas (apresentação cultural, exposições, entre outras). No entanto, esses dois espaços são apropriados cotidianamente por meio de diferentes maneiras e grupos de pessoas. Igualmente, quando o grupo de jovens insere, próximo ao labirinto alguns pneus, para que possam ser utilizados em saltos e acrobacias, aquele espaço é (re)

apropriado a partir da improvisação, o que remete a ideia de táticas defendidas por De Certeau. Essas ações ocorrem no cotidiano das pessoas que utilizam o mesmo espaço.

A noção de cotidiano como práticas, em Certeau, portanto, permite que se analise formas distintas de apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana. Nessa compreensão pode-se dizer que "o cotidiano também se constitui de rupturas, e não apenas de regularidades normativamente esperadas". (LEITE, 2010, p. 742)

Nos termos de Leite (2010), o cotidiano é tido como algo que resulta da "capacidade de o ator definir a situação em que atua rotineiramente" (*Id.*, p. 742), no entanto, isso não precisa acontecer de modo fixo, o que possibilita diferentes apropriações em contextos distintos. Dentro dessa lógica, "os praticantes desenvolvem táticas, ruses, como meios de se inserirem e, assim, resistirem às formas hegemônicas de intervenção e fabricação dos espaços públicos" (SCOCUGLIA, et. al., 2012, p. 131).

98



[FIGURA 83] PRÁTICA DE EXERCÍCIOS NO ANFITEATO
FOTO: ALBERTO ARAÚJO, DEZ. 2019



[FIGURA 84] DIFERENTES APROPRIAÇÕES NA PRAÇA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO, FEV. 2020

Além da duas situações apresentadas anteriormente, durante as visitas de observação ao local, pode-se perceber outras formas de apropriação. Um caso bastante peculiar refere-se ao espaço onde os taxistas se reúnem próximo à parada de ônibus. A insuficiência de assentos fez com que eles improvisassem no local alguns bancos a partir de outros mobiliários que estavam quebrados. As imagens apresentadas a seguir ilustram o caso.

Na imagem à direita (fig. 81) o banco incorporado no local por meio do projeto da praça tinha uma árvore ao seu lado, possibilitando o sombreamento. Posteriormente, esta árvore foi cortada e o banco agora é utilizado em poucos horários. Neste mesmo setor da praça, os taxistas improvisaram debaixo de outra árvore um local para se reunirem (fig. 87). Com isso, de modo criativo, o tronco da árvore que foi cortada foi então reutilizado. Em alguns momentos ele serve de suporte para um assento completamente deteriorado que há ali, em outros momentos, o próprio tronco também é utilizado como assento (fig. 88).



[FIGURA 85] TAXISTA CARREGANDO O BANCO IMPROVISADO PARA SEU LOCAL DE ORIGEM.
ILUSTRAÇÃO: ALBERTO ARAÚJO.



[FIGURA 86] ÁRVORE CORTADA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. NOVEMBRO DE 2019.



[FIGURA 87] BANCOS IMPROVISADOS PELOS TAXISTAS.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. NOVEMBRO DE 2019.



[FIGURA 88] BANCO FEITO COM A ÁRVORE CORTADA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. NOVEMBRO DE 2019.



5.2.3 As territorialidades e sua implicação no uso dos espaços

Uma questão que ficou bastante evidente tanto nas observações como durante as entrevistas diz respeito aos públicos que frequentam a praça em diferentes horários. Apesar da diversidade de pessoas e, principalmente, usos simultâneos por públicos distintos, alguns entrevistados relataram um nível repulsa pelo local. O texto a seguir exemplifica esta situação.

A senhora acha esse espaço convidativo às pessoas?

— **Cedo da noite. A partir das dez, não! Porque já começa a chegar uma turma de outra classe**, entendeu? Cedo da noite, **até as dez, tem uns tipos de pessoas, com família, com crianças** e tudo mais. A partir das dez horas, tem mais jovens praticando outros tipos de coisas, entendeu? (Maria, 57 anos)

Ao serem questionadas se participavam dos eventos que ocorriam na praça, as reações foram distintas. Algumas pessoas se mostraram mais abertas à participação e outras não. Uma das entrevistadas, ao afirmar que não frequenta relatou o seguinte:

E a senhora, por que não vem?

— Eu não. Porque **dá muito mofi. Não gosto! Aqui a gente já passa mal com a droga imagina nesses eventos. Eles não respeitam, não têm limites**, chegam e começam a fumar na frente de todo mundo. É um absurdo. (Mariana, 47 anos)

A mesma situação é exemplificada pelo casal entrevistado, no entanto, de maneira mais sutil.

[...] O pessoal que está nesse horário é o que busca o lazer. É o pessoal que vem caminhar, que traz criança para brincar, essas coisas... **Então, o público permite. Mais tarde** da noite, aí já **é outro público**. É o pessoal que vem para beber, vem para consumir outras coisas. (Ricardo, 42 anos)

Essas respostas, ainda que representem casos isolados, refletem, a partir das impressões pessoais relatadas, como as pessoas atribuem uma imagem estereotipada em relação a determinados públicos, o que fica bastante claro nas expressões: "começa a chegar uma turma de outra classe", "tem uns tipos de pessoas", "dá muito mofi. Não gosto!".



[FIGURA 89] JOVENS REUNIDOS NA PRAÇA EM UM DIA DE SÁBADO ÀS 20:30 HRS
FOTO: ALBERTO ARAÚJO.



[FIGURAS 90 E 91] JOVENS REUNIDOS NO ANFITEATRO PARA A BATALHA DO HAP. FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

Como exemplo, para os eventos apontados pelos entrevistados, pode-se mencionar a batalha do **hap**, que ocorre aos sábados à noite no anfiteatro da praça.



[FIGURA 92] JOVENS UTILIZANDO O HALF
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

Serpa (2018) pontua que as manifestações culturais se mercantilizam também em bairros populares, assim, ao estudar dois bairros de Salvador sob esta ótica, o autor considera a existência de espaços concebidos e implementados para um tipo específico de público. Quando isso ocorre, as práticas urbanas desenvolvidas nestes locais "inscrevem-se em um processo de territorialização do espaço" (*Ibid.*, 2018, p.36).

As relações apontadas pelo autor também foram constatadas na Praça da Paz. Ainda que se apliquem a contextos de manifestações artístico-culturais, como foi observado no evento da batalha do **hap** mencionado acima, elas não são as únicas evidenciadas no espaço estudado.

Na etapa de entrevistas, alguns participantes demonstraram claramente outras territorializações presentes no espaço, inclusive, quando tiveram a oportunidade de fazer uma avaliação pessoal da praça.



Ao entrevistar um grupo de mulheres que frequenta a praça diariamente, pois trabalham nas imediações, foram colocadas as seguintes respostas sobre os quiosques presentes no local.



— Olhe, os quiosques já foram piores, já foram melhores, agora tá meio termo. Porque **desse lado de cá é para quem não pratica a homofobia. Tem um barzinho aí que é dividido agora. Aqui desse lado é o recanto dos velhos, das velharias. Assim... dos coroas, né?! São públicos diferentes**, entendeu? (Carla, 39 anos)

Existe algum tipo de conflito entre esses públicos?

— Não. **Eles mesmos que se dividiram**, né? [risos] (Mariana, 47 anos)
— Foi! Eles **ficaram do lado de cá, os outros do lado de lá**. Eles mesmos que se dividiram **para não ter conflitos**. (Rosa, 30 anos)

Fora isso, tem alguma confusão entre as pessoas que utilizam este espaço?

— Não. (Carla, 30 anos)

Apesar do tom inusitado, ao referir-se aos públicos distintos que frequentam cada bar, as informações fornecidas pela entrevistada deixam bastante claro que há regras de uso naquele local. Ainda que isso ocorra, aparentemente, de modo pacífico – como é relatado pela entrevistada ao afirmar que não há confusões – este fato também denota um nível de territorialidade no espaço, no qual cada grupo específico deve frequentar determinado bar.



[FIGURA 93] QUIOSQUE UTILIZADO PELOS MAIS VELHOS.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 94] QUIOSQUE UTILIZADO PELOS MAIS JOVENS E COMUNIDADE LGBT.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

As situações apresentadas anteriormente denotam o que Serpa (2018) considera como "ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis" (*Ibid.* p. 36). É neste sentido que o espaço público transforma-se em uma justaposição de espaços privatizados que são divididos entre diferentes grupos (*Ibid.*). Apesar dessas barreiras invisíveis, como prefere chamar o autor, as pessoas podem conviver sem nenhum conflito, desde que uma não invada o território da outra.

Trazendo esta discussão para outra lógica, a de público e privado, desta vez em relação aos dispositivos técnicos presentes no espaço e diferentes formas de apropriação, pode-se mencionar como exemplo o caso dos brinquedos disponibilizados para aluguel. Há vários setores na praça com a mesma finalidade. As imagens a seguir ilustram esta situação.

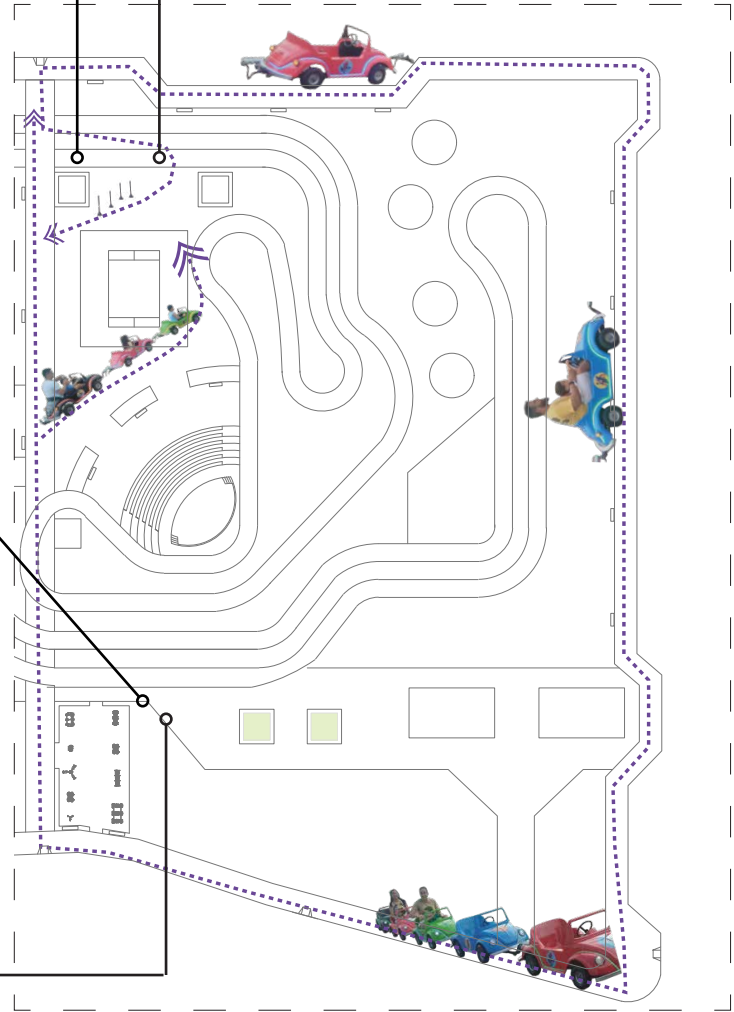


[FIGURAS 95, 96, 97 E 98] ESPAÇOS QUE SÃO OCUPADOS POR BRINQUEDOS QUE DEVEM SER ALUGADOS
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

O aluguel de carros e motos infantis é um dos elementos que mais atrai as crianças para o local. Motivados pelo caráter lúdico, muitos pais vão à praça com seus filhos para fotografá-los enquanto utilizam os brinquedos e se divertem com isso. Quando foram feitas as primeiras visitas, havia apenas um local na praça que era destinado a esta prática. No espaço entre os quiosques, próximo à academia da terceira idade (ATI), eram colocados a partir das 16:00 horas uma série de carrinhos e minimotocicletas. Ao mesmo tempo, a presença desses equipamentos na praça gerava maior atração e fluxo de pessoas. Na área onde este fato ocorre, na maioria das vezes, os bancos são utilizados pelo grupo de pessoas que se utiliza dos brinquedos.



Nas últimas visitas de observação foram identificados dois espaços com a mesma prática, o primeiro se restringe ao local explicado anteriormente e o segundo se instalou no lado oposto, próximo ao half, no entanto, com um carro motorizado que é conectado a outros carros menores e percorre um trecho maior da praça, inclusive em uma área onde poucas pessoas frequentam. As imagens e o esquema a seguir ilustram este caso.



[FIGURAS 99,100,101,102,103,104 E 105] ESPAÇOS QUE SÃO OCUPADOS POR BRINQUEDOS QUE DEVEM SER ALUGADOS
FOTOS: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

[FIGURA 106] PERCUSO EFETUADO PELOS BRINQUEDOS ALUGADOS.
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.

5.2.4 Avaliações do espaço

Conforme destacado na categorização dos resultados, no início deste capítulo, a etapa de avaliação do espaço foi a que mais motivou a fala dos participantes. Quando solicitados para indicar quais os espaços eles consideravam como menos frequentados e por quais motivos, algumas respostas indicaram possíveis fatores de atarção. O principal motivo apresentado foi a existência de locais degradados, com iluminação insuficiente e, inclusive, por abrigarem moradores de rua ou flanelinhas. Nos trechos apresentados a seguir, recupera-se a principais impressões relatadas.

[...] **Do lado de lá é muito esquisito, tem muito mato. É muito mais escuro. Isso! Mais escuro e tem muito flanelinha pra lá. O pessoal fica com medo.** Essa hora que você tá vendo aqui agora é a hora mais frequentada. **Pra lá também, daquele outro lado, não vai ninguém.**
(Rosa, 32 anos)

[...] Daquela outro lado, tem o bar o Barraco, mas **não é tão frequentado pelo povo daqui. O lado de lá não é tão frequentado como esse daqui que é mais harmonioso.** O pessoal... **geralmente, famílias...** Pode ver... Eles vêm **colocam um banquinho e sentam ali. Aqui se concentra mais gente** realmente. **Tanto aqui, como ali na frente, que tem o rapaz que aluga as motoquinhas para as crianças brincarem.** Esse barzinho aqui, esse primeiro aqui. **Esse quiosque vende tudo:** lanche, café da manhã e almoço. E do lado, seu Chiquinho, vende queijo, presunto, carne de sol, um monte de coisas.

(Mariana, 47 anos)

[...] **Esse espaço aqui de trás, ele é muito pouco utilizado.** (Letícia) **A parte dos brinquedos, do labirinto e esse outro que tem ao lado dele,** que tem essas barras, **ele é muito pouco utilizado porque ele é bem esquisito.** (João) **Você percebe, olha.** É uma área que **poderia ser bem aproveitada para as crianças brincarem, mas está escuro.** (Letícia) Fica muito fedorento, porque à noite esse pessoal faz xixi e cocô lá (João). Justamente essa parte aqui ela é muito esquisita, **você vê que ninguém fica ali. É justamente a parte que fica de frente para a guarda municipal.** Até aqui onde tem as crianças, **nem sempre os pais deixam, porque pode ser esquisito em algum horário e ter algum es0tranho ali,** por isso fica mais concentrado nesse meio aqui. (Letícia)

(João, 35 anos. Letícia, 32 anos)



[FIGURA 107] POSTO POLICIAL.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 108] EQUIPAMENTOS DO PLAYGROUND.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 109] LOCAL OCUPADO POR FLANELINHA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 110] ÁREA DA PRAÇA COM ILUMINAÇÃO DEFICITÁRIA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 111] ESPAÇO OCUPADO POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 112] ESPAÇO OCUPADO POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

5.2.5 Sugestões de alteração

Assim como ocorreu na etapa de avaliação do espaço, os entrevistados também sugeriram possíveis modificações para melhoria da praça. Os principais elementos destacados foram: iluminação, posicionamento dos quiosques e o playground. Em relação ao último, este dividiu opiniões, de modo que algumas pessoas sugeriram a manutenção, pintura e acréscimo de dispositivos técnicos, outras pessoas sugeriram substituição completa do playground por elementos novos e dispersos em vários pontos da praça.



[FIGURA 113] DISPOSITIVO TÉCNICO QUE NECESSITA DE MELHORIA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 114] CRIANÇAS BRINCANDO NA PISTA DE SKATE.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 115] BIBLIOTECA COM PIXAÇÕES.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 116] LABIRINTO DO PLAYGROUND.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

É... Eu acho, assim... Tem **aquele lado ali da praça que tem muita árvore e é muito escuro**, talvez não seja muito bem aproveitado. É claro que **a arborização é importante, mas precisa melhorar a iluminação**. Eu **melhoraria esse parque infantil**, deixaria maior, trazendo novos espaços para eles, **além daquele escorregador que existe**. Enfim... **faria um parque melhor para as crianças**. Acho que a pista de skate é ok! Eu acho que **essa parte central aqui tá ok, porque dá para todo mundo ver se tiver um evento**. É um espaço aberto, não é esquisito. Os bares, talvez, eu acho que eles **poderiam ser 360**, sabe? Assim... **eles ficam virados para lá, para a rua e não pegam tanto a parte de cá, dentro da praça**. Então assim, esse bar aqui não pega esse lado de cá, **fica uma parte escura**. Então os bares poderiam ter uma visão maior ao redor deles. Eu vejo sempre a galera limpando a grama. O parque das crianças **tá bem deteriorado**.

(Mário, 28 anos)

A primeira mudança que eu faria seria nesse quadrado aí que é um labirinto, que não está servindo de nada. Eu tirava também esse negócio aí (apontando para a biblioteca) que não serve de nada e **colocaria a polícia aí dentro**. Essa biblioteca não tá servindo de nada. Cadê os livros? Cadê a cultura que não tem?

(Carla, 39 anos)

Não! **Eu não tiraria nenhum equipamento aqui, eu colocaria mais coisas e concertaria os que já existem**. Porque tem deles quebrados e ninguém conserta. Olha aqui. Faz mais de quatro meses que **isso está quebrado e ninguém conserta**.

(Maria, 57 anos)

Eu acho que não. É bem funcional aqui. Mas, **precisa de um espaço kids maior, um espaço para as crianças maior**. Porque **as crianças**, muitas vezes elas **estão utilizando o half de escorregador e isso não é legal**. O half ele **foi feito para skate e não para as crianças utilizarem como escorregador**. Precisa melhorar a iluminação.

(Paulo, 25 anos)

Eu melhoraria esse parque infantil, deixaria maior, trazendo novos espaços para eles, além daquele escorregador que existe. Enfim... **faria um parque melhor para as crianças**. Os bares, talvez, **eu acho que eles poderiam ser 360**, sabe? Assim... **eles ficam virados para lá, para a rua e não pegam tanto a parte de cá, dentro da praça**. Então... assim... esse bar aqui **não pega esse lado de cá, fica uma parte escura**. Então, os bares poderiam ter uma visão maior ao redor deles.

(Paulo, 25 anos)

Eu mudaria a parte dos brinquedos. Eu **derrubaria esses brinquedos daí e construiria novos, em vários pontos da praça, porque tem muito espaço**. Pra não ficar aqui muito movimentado e ali sem movimento nenhum.

(Bruno, 38 anos)

Eu **mudaria essa pista de skate aí. Trazer mais segurança**. A manutenção da jardinagem. Colocaria uma iluminação de led.

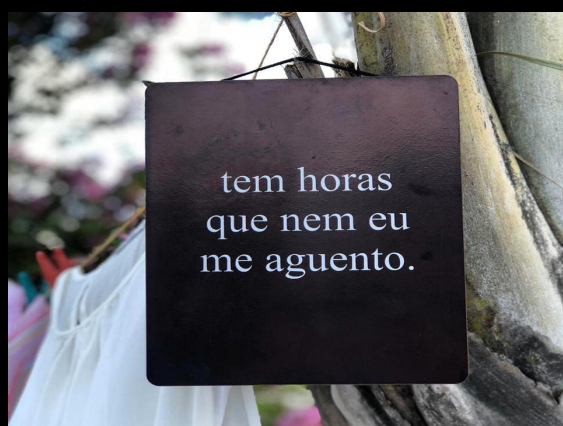
(Lucas, 48 anos)

5.2.6 Outras apropriações do espaço.

Durante a etapa de visitas, além das situações cotidianas observadas, constatou-se também alguns eventos que ocorrem com menor frequência na Praça. A exemplo disso, destacam-se encontros de artesãos, exposições e feiras. Curiosamente, nenhum dos entrevistados mencionou sobre este fato, no entanto, em uma das visitas pode-se registrar como a praça tem sua configuração modificada em razão de eventos como estes.

Além de contribuir com a economia local, valorizando microempreendedores, brechós independentes e artesãos, a feira colaborativa Artinerante tem como proposta o consumo consciente e sustentável.

Na Praça da Paz, sempre que ocorre, a feira chama bastante atenção pelo seu caráter de improviso e apropriação dos espaços. Os participantes organizam-se em alguns pontos da praça e dispõem os itens que estão à venda próximos aos canteiros com vegetação e, muitas vezes, fazem uso das plantas existentes para expor suas mercadorias.

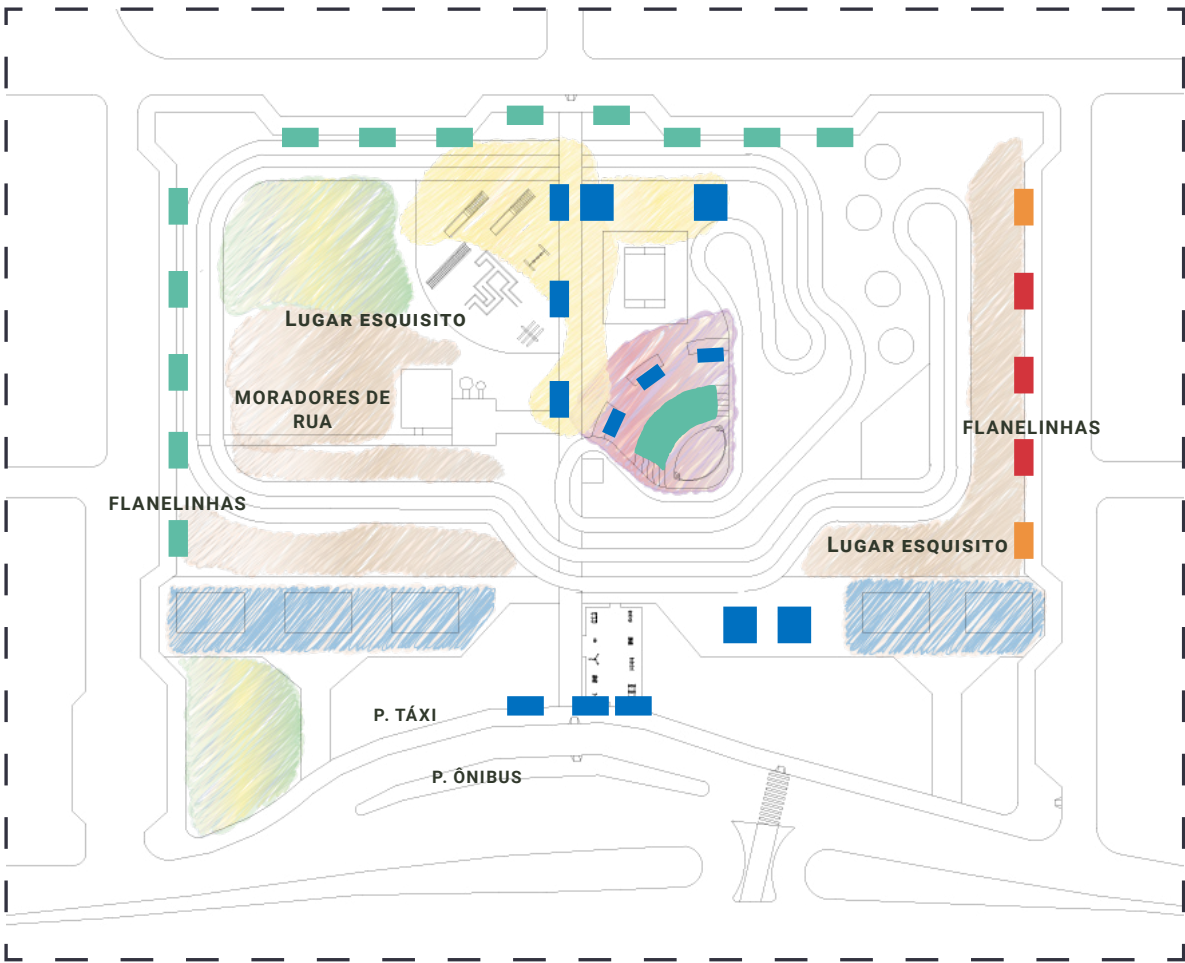


5.3 Espacialização das respostas e construção da síntese cartográfica

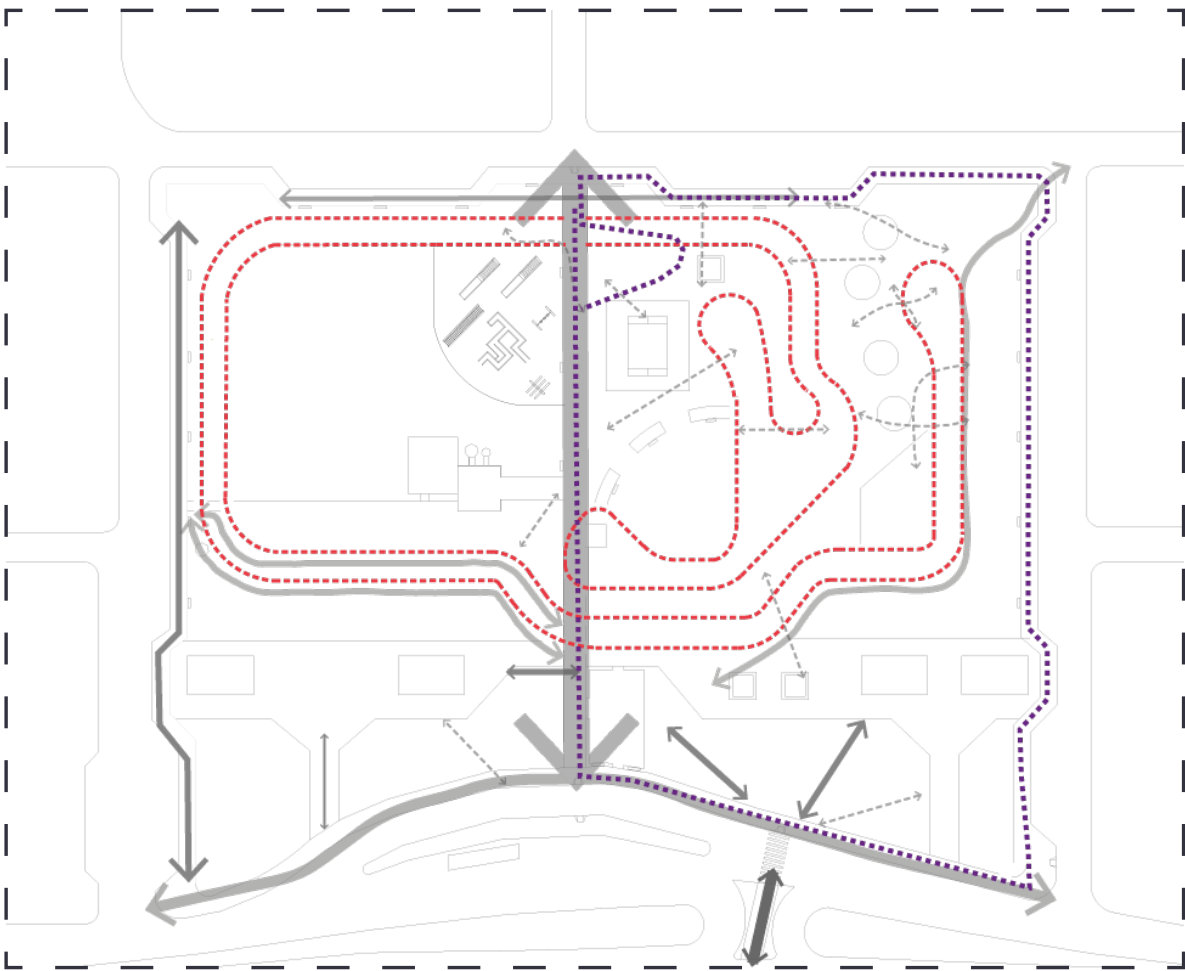
Na última etapa deste trabalho, os resultados obtidos a partir dos discursos recolhidos nas entrevistas juntamente com as observações feitas in loco foram espacializados em duas cartografias. Após esta etapa, os dados foram sobrepostos em uma mesma base compondo a síntese cartográfica que ilustra a dinâmica da praça.

Na figura 126, apresentada ao lado, torna-se clara a distinção entre as áreas onde há maior nível de vitalidade. Igualmente, a partir das visitas, pode-se constatar quais são os bancos mais utilizados pelas pessoas, bem como quais áreas são mais atrativas ou não. Foram definidas cinco zonas diferentes que se relacionam as impressões captadas pelas entrevistas. Já na figura 127, a sobreposição dos trajetos da pista de cooper e dos brinquedos para aluguel com os fluxos e atalhos mais recorrentes permitem a compreensão de quais são os espaços onde há maior circulação de pessoas. Em complemento as estas informações, recupera-se na figura 128, página seguinte, em perspectiva isométrica, os usos e apropriações recorrentes na praça. A partir dessas informações, pode-se também analisar duas questões pertinentes aos dispositivos técnicos. 1. Os dispositivos que foram inseridos/fabricados pelos usuários da praça, como é o caso do banco, no espaço destinado aos taxistas. 2. Os dispositivos técnicos que foram projetados para as crianças, mas não são mais utilizados por elas, como é o caso do labirinto, que é reapropriado pelo grupo do Parkour em alguns horários.

Ao sobrepor todas estas informações, obtém-se na figura 129 a síntese cartográfica que resume as relações estabelecidas aqui. Apesar de existem uma infinidade de usos e apropriações, ainda merecem destaque os espaços ou zonas de insegurança, relatados pelas pessoas. Todas estas informações fornecem um panorama da completo da Praça, suscitando, inclusive, possíveis intervenções que poderiam ser feitas para melhoria do espaço, conforme relataram os entrevistados.



[FIGURA 126] ZONEAMENTO DA PRAÇA E DEFINIÇÃO DE BANCOS MAIS UTILIZADOS.
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.



[FIGURA 127] FLUXOS E PERCURSOS.
FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.

LEGENDA

ZONAS

- ARBORIZADA COM NÍVEL DE INSEGURANÇA
- ARBORIZADA E OCIOSA
- MAIOR DIVERSIDADE DE APROPRIAÇÕES
- ATRAÇÃO E ENCONTRO DE PESSOAS
- EVENTOS CULTURAIS

BANCOS

- BANCOS MAIS UTILIZADOS
- BANCOS UTILIZADOS EM HORÁRIOS ESPECÍFICOS
- BANCOS POUCO UTILIZADOS
- BANCOS NUNCA UTILIZADOS

LEGENDA

- PRINCIPAIS TRAJETOS
- ATALHOS FREQUENTES



PISTA DE COOPER



PERCURSO DOS CARRINHOS PARA ALUGUEL

LEGENDA

ZONAS

-  ARBORIZADA COM NÍVEL DE INSEGURANÇA
-  ARBORIZADA E OCIOSA
-  MAIOR DIVERSIDADE DE APROPRIAÇÕES
-  ATRAÇÃO E ENCONTRO DE PESSOAS
-  EVENTOS CULTURAIS

FLUXOS

-  PISTA DE COOPER
-  PERCURSO DE APROPRIAÇÃO (CARRINHOS)
-  PRINCIPAIS TRAJETOS
-  ATALHOS FREQUENTES

5.4 Então, o que é empatia espacial mesmo?

Em linhas gerais entende-se por empatia o ato de se colocar no lugar do outro. No entanto, em contextos urbanos isso ocorre de maneira diferente, de modo que o “outro” não necessariamente é uma pessoa e sim o próprio lugar, o espaço citadino. É por este motivo que a empatia “não assume delineamentos de um fenômeno unitário” (NASCIMENTO, 2018, p. 119) e, por isso, é entendida a partir das dinâmicas, ritmos e comportamentos, notadamente expressos em termos de ambiências urbanas. Esses elementos somados à percepção do indivíduo em um lugar específico podem possibilitar ou inibir relações empáticas e padrões de comportamento. Em termos práticos, com base nas suas impressões pessoais, que sofrem influência direta das ambiências de um local, o indivíduo pode desencadear ou não sentimentos que o levem a experiências compartilhadas no espaço.

Sendo assim, de acordo com Nascimento (2018, p. 132) a empatia espacial é um “processo” no qual “as sensações, emoções, impressões e memória sensível tocam o sujeito” (Ibid.), interferindo na decisão de fazer parte ou não da situação ou ambiente que lhe é apresentado. Em termos de experiências coletivas, a pessoa decide ou não se vai participar daquela experiência. É por este motivo que é possível

determinar que nossa aproximação com o espaço ocorre a partir da experiência.

Dentro dessa lógica, os condicionantes que permitem a caracterização de um lugar como empático são classificados como “gatilhos” ou estímulos que favorecem vivências coletivas/compartilhadas no espaço. Dessa maneira, o espaço coletivo citadino é o principal alvo para o estudo da empatia, pois é nele que ocorrem ou podem ocorrer experiências compartilhadas.

Para que a empatia por determinado espaço aconteça são necessários dois elementos: 1º o meio (formado a partir da ambiência que é relativa ao lugar e do modo como o apreendemos); 2º o sujeito, a pessoa que pode sentir empatia ou não pelo espaço.

Em relação aos fatores ou “gatilhos” que possibilitam a empatia por determinado espaço, pode-se mencionar: os aspectos imateriais; o próprio espaço, enquanto suporte físico; e os aspectos sociais que estão relacionados ao sujeito.

Ainda de acordo com Nascimento (2018), para que a empatia espacial ocorra, são necessários três momentos: afetação; autoconsciência de si; e, ressonância emocional. Primeiro, a pessoa se identifica com a ambiência do local ou não; Em seguida, a pessoa é levada a interagir com o espaço; Por último, pode haver um processo de

flexibilidade mental que está relacionado às crenças, aos valores e pensamentos do sujeito.

De acordo com a autora, as ambiências urbanas são importantes para a compreensão da empatia espacial, pois são elas que podem influenciar o sujeito, levando-o a imaginar situações e contextos que também podem ser experienciados por ele.

Apesar da complexidade destas formações apresentadas, em razão da variedade de condicionantes que estão relacionados ao estudo da empatia espacial foi possível também identificar quais são os atributos que tornam diferentes espaços da Praça da Paz como empáticos. A partir das visitas, notou-se haver na praça diferentes ambiências, o que fica evidente ao comparar os diferentes usos e apreensões do local, em diferentes horários. Ao entardecer, por exemplo, das 16:00 às 18:30 e, à noite, a partir das 20:30, as dinâmicas da praça mudam completamente, pois o público que frequenta o local nesses horários também muda. Se esta relação for estabelecida ao comparar os diferentes locais da praça, também será possível captar diferentes ambiências.

Em relação aos condicionantes sociais e culturais, pode-se mencionar o pertencimento social, refletido em diferentes

grupos que frequentam àquela praça em horários específicos, bem como as territorialidades preexistentes, como foi apontado por uma das entrevistadas, ao afirmar sobre a divisão de grupos que ocorre entre os quiosques. Igualmente, o posicionamento das pessoas que afirmaram não frequentar o local em determinados horários, por haver “tipos de pessoas ou gente de outra classe” que diferem da sua, também se aplicam a este caso.

Conforme aponta Nascimento (2018) em sua tese, é no ato de se reconhecer como integrante do espaço (afetar-se) que somos levados ao encontro e à vinculação à determinado evento ou prática social. Dessa maneira, estas ideias por si só já nos remetem a diferentes ambiências.

No que diz respeito aos condicionantes físicos e espaciais, o modo como a praça é configurada também interfere nas experiências daquele lugar. Isso fica bastante claro ao se analisar os eixos estruturantes da praça e os principais fluxos de pessoas. Por outro lado, os atalhos ou vestígios ambientais e, inclusive, a inserções de objetos, como foi exemplificado no caso do banco improvisado pelos taxistas ou dos pneus dispostos próximos ao labirinto, que não é mais utilizado pelas crianças, corroboram a existência de contextos subversivos ou táticas que são exercidas

por alguns dos usuários daquele local em seu gestos cotidianos.

Entre os estímulos ou gatilhos que podem ser classificados como condicionantes para a empatia espacial na Praça da Paz, podem ser mencionados tanto os dispositivos técnicos existentes e que ainda são utilizados pelas pessoas que frequentam a praça, como os novos objetos inseridos. Afinal, as miniaturas de carros e motos que ficam à disposição para aluguel também conferem vitalidade e empatia àqueles espaços, pois não só interferem na dinâmica do local, impulsionando uma ambiência específica como também atraem as crianças para o encontro e atividades coletivas em torno daqueles objetos. De fato, são muitas as relações, os condicionantes ou ainda os gatilhos que favorecem o uso e frequência de pessoas à Praça da

Paz. Os elementos mencionados aqui, representam apenas uma parcela da infinidade de práticas que ocorre ali.

Em complemento a esta análise, como exemplos de eventos ou situações cotidianas que se enquadram como empáticas ou de contextos nos quais ocorreu um processo de empatia espacial, merecem destaque as ilustrações desenvolvidas a partir das observações feitas in loco durante a pesquisa. Com o intuito de facilitar a narrativa crítica desenvolvida aqui, encerra-se estas considerações com a sequência de eventos captados pelas ilustrações apresentadas a seguir. Espera-se que elas ilustrem de modo bastante claro as situações classificadas por Nascimento (2018) como momentos de afetação ou afetar-se, que dependem diretamente das ambiências e de como as pessoas reagem a elas.



[FIGURA 130] BATALHA DO RAP.

FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 131] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA PRAÇA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

114



[FIGURA 132] PESSOAS REUNIDAS EM FEIRA DE ARTESANATOS E ROUPAS.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 133] VENDEDORES AMBULANTES.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 134] CRIANÇA BRINCANDO NA GRAMA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 135] JOVENS PRATICANDO O PARKOUR.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 136] CRIANÇAS BRINCANDO NA PRAÇA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 137] APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO COM CADEIRAS.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

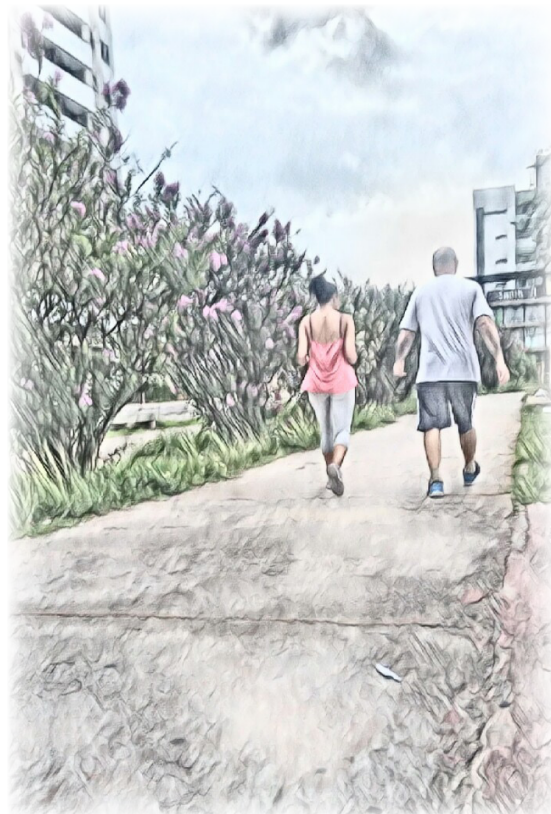


118

[FIGURA 138] CRIANÇAS BRINCANDO EM EQUIPAMENTO DEGRADADO.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 139] JOVENS REUNIDOS NO ANFITEATRO PARA BATALHA DO HAP.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURAS 140 E 141] PESSOAS CAMINHANDO.
FOTOS: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



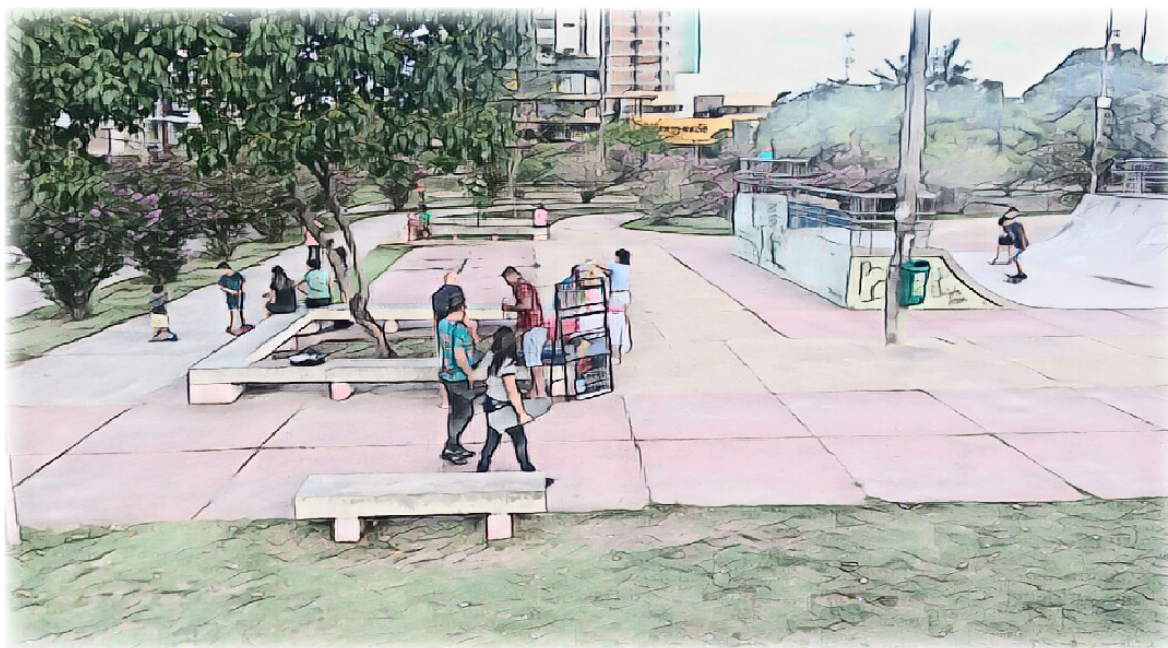
[FIGURA 142] LOCAL OCUPADO POR MORADORES DE RUA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 143] CRIANÇA BRINCANDO EM BRINQUEDO ALUGADO.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 144] ESPAÇO PARA ALUGUEM E BRINQUEDOS.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 145] DIFERENTES APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO.

FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 146] VENDEDOR DE PIPOCAS E DOCES.

FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 147] DIFERENTES APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO.

FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.

122



[FIGURA 148] CRIANÇA BRINCANDO EM GANGORRA.

FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 149] ESPAÇO UTILIZADO PELOS TAXISTAS.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



[FIGURA 150] CRIANÇAS BRINCANDO NA PRAÇA.
FOTO: ALBERTO ARAÚJO. JANEIRO DE 2020.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

[FIGURA 151] PRAÇA DA PAZ.
FOTO: BRUNO SILVA. FEV. 2020

A escolha por utilizar uma abordagem de pesquisa que considera tantos condicionantes em sua análise foi um fator importante neste trabalho. Em primeiro momento, ao mapear as principais características que compõem os bairros da região dos Bancários, foi possível obter uma melhor compreensão dos aspectos que se referem a bairros em constante crescimento, que abrigam uma população jovem e, por isso, têm uma dinâmica bastante particular. Conforme foi destacado na etapa de levantamento historiográfico, tanto dos bairros como da Praça, percebe-se como ainda se acentua nos Bancários a ideia de um antigo conjunto habitacional, que evoluiu com o tempo e hoje apresenta grande potencial.

As observações feitas inicialmente em torno dos quatro bairros evidenciaram uma região que é dotada de espaços livres públicos, muitos deles abandonados, mas que possuem alto potencial na ativação de seus locais, caso fossem melhor explorados pelo Poder Público. Além da centralidade de sua localização, a dinâmica desta região, em constante crescimento, é um fator importante a ser considerado nesta pesquisa.

125

Diversas mudanças vêm ocorrendo nos últimos anos. Em razão disso, a região dos Bancários tem se modificado, a partir da inserção de pontos comerciais que são progressivamente instalados nas principais ruas dos bairros e, com isso, alteram suas características tipicamente residenciais. Somada a estes fatores, a alta demanda por moradia, sobretudo de pessoas que vêm de outros estados, notadamente estudantes, confere a esta região uma dinâmica que difere de outros bairros populares da cidade. A mistura entre o público tradicional — típico dos fundadores dos primeiros conjuntos habitacionais — e os universitários que ali residem é algo visível nas pessoas que frequentam a Praça diariamente. Isso se deve ao maior adensamento do bairro o que culmina na profusão de apartamentos cada vez menores e, portanto, confere à praça um espaço que deve atender às necessidades básicas da população. Estes fatores influenciam diretamente na lógica de uso dos espaços públicos, o que implica na necessidade, cada vez maior, de locais abertos para convívio e lazer entre os habitantes.

Especificamente sobre a Praça da Paz, por meio das visitas feitas *in loco*, foi possível ampliar ainda mais a visão sobre o local. Os resultados apontados corroboram as ideias suscitadas desde o início da pesquisa. De fato, a Praça da Paz se constitui como Lugar, o qual é construído no imaginário de seus usuários a partir de diferentes relações de comunhão afetiva com seus diferentes espaços.

Tratar de empatia, ou ainda de práticas sociais, não é uma tarefa fácil, já que envolve

diferentes condicionantes, maneiras de ver, perceber e colocar-se no espaço. Isso fica claro com o primeiro exemplo mencionado na sistematização dos dados, quando as pessoas relacionaram a diversidade de atividades e o desejo de estar no encontro de outras pessoas, o que nos remete a ideia de práticas sociais, de sociabilidades ou ainda, em termos mais diretos, de convivência com outras pessoas. Portanto, torna-se possível que se estabeleçam vínculos não somente com as pessoas, como também vínculos com o lugar.

Conforme foi destacado ao término do capítulo anterior, a empatia consiste em se colocar no lugar do outro e, especificamente em contextos urbanos, o outro é o espaço citadino, o lugar que é construído, percebido e vivenciado a partir de atividades cotidianas ou de caráter efêmero. Dessa maneira, para compreender os condicionantes que tornam um espaço empático, foi necessário conhecer a vivência que os usuários têm na praça e nos diferentes espaços que a compõem. Isso só foi possível a partir de um olhar centrado em usos cotidianos, vivências e experiências individuais e coletivas. As ambiências urbanas captadas, ainda que de modo tangencial, também merecem destaque. Conforme foi apontado no referencial teórico, a percepção envolve os dispositivos construídos, as qualidades ambientais e as práticas sociais.

A metodologia utilizada para o redesenho da Praça no capítulo cinco, a partir das entrevistas aos usuários recorrentes no local, possibilitou a construção de narrativas dos reais praticantes da cidade. Ao lado dos métodos de levantamento, os discursos recolhidos expressam o conhecimento do universo urbano e possibilitam a construção de uma síntese cartográfica dos espaços estudados.

Os resultados apontaram que as pessoas gostam de frequentar a Praça, no entanto, não foi possível identificar nenhuma atitude que evidenciasse um grau de cuidado com o lugar. Isso ficou bastante claro por meio das entrevistas. Apesar de as pessoas apontarem os principais problemas da praça, não foi observada nenhuma atitude de procura aos poderes responsáveis para reivindicar um espaço melhor. O mesmo se aplica às iniciativas de cuidado com o local, de preservação da paisagem natural e, inclusive, manutenção da Praça. Tal característica também foi identificada por Cruz (2011) ao apontar que, apesar das relações de sociabilidades estabelecidas, a Praça da Paz não desenvolve uma participação ativa do cidadão nas decisões de gerenciamento do espaço.

De fato, trabalhar com a dimensão afetiva, à luz do conceito de empatia espacial, foi um grande desafio durante toda a pesquisa, principalmente no que diz respeito à articulação

de dimensões físicas, sociais e ambientais. Mesmo com esse desafio, foi possível atingir os objetivos inicialmente previstos pelo trabalho. Igualmente, as hipóteses levantadas a priori, sobre possíveis atributos que relacionam à escolha e/ou preferência pelos espaços de lazer, foram confirmadas.

Ainda que existam na região estudada outras praças — bem equipadas com dispositivos técnicos, principalmente para o público infantil — nenhuma delas compete com a Praça da Paz, tanto em termos de dimensões como de escolha por parte das pessoas. Certamente, isso ocorre não somente em virtude da variedade de usos que há na Praça da Paz, como também pela quantidade de atrativos e pela dinâmica do local. As pessoas, demonstraram gostar de frequentar aquele espaço.

A empatia espacial foi identificada em diferentes áreas e situações cotidianas que ocorrem ali. Apesar disso, ainda foram identificadas barreiras e incividades, no que diz respeito à diversidade de públicos que frequenta o local. No entanto, tais ocorrências se relacionam a casos mais isolados e, de modo geral, a convivência com o diferente é algo que já faz parte da dinâmica da Praça. Mesmo o espaço apresentando diversos problemas, sobretudo em relação à manutenção dos Dispositivos Técnicos que o compõem, a praça ainda se configura como uma área que tem potencial para o encontro, para o lazer e socialização.

Acredita-se que, a partir desta pesquisa, foi possível apontar alguns condicionantes para a copresença de pessoas, expressos pela apropriação dos espaços e dispositivos técnicos que os compõem. Conforme apontado na introdução deste trabalho, a escolha por esta abordagem permite a compreensão de produção da cidade. Os comportamentos sociais analisados possibilitam também a qualificação afetiva de um espaço urbano, uma vez que incorporam impressões que são apreendidas em vivências cotidianas e apego aos espaços. Essas questões aproximam-se do que é defendido por Thomas (2018), ao sugerir uma crítica sensível ao urbano. Nessa lógica, a autora adverte que o mundo urbano é fundado e compartilhado com base nas interações entre pessoas, regras que organizam suas experiências, transações e arranjos com os dispositivos físicos do espaço.

Por fim, espera-se que este trabalho, suscite novos olhares no campo da arquitetura e urbanismo, possibilitando assim estudos que tragam como mote abordagens metodológicas que incorporem narrativas e percepções de atores sociais próximos à vivência na cidade. Como bem apontou Henri Lefebvre (2001, p. 54), “as relações sociais são atingidas a partir do sensível”, dessa maneira, torna-se inviável compreender a dimensão física das cidades sem relacioná-la à dimensão humana.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Douglas. et al. **Urbanidades**. Letra e Imagem Editora e Produções LTDA, 2012.
- AKRICH, Madeline. **Como descrever os objetos técnicos**. Boletim Campineiro de Geografia. 2013. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/147>. Acesso em 05 nov. 2019.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2006.
- BENTLEY, Ian; ALCOCK, Alan; MURRAIN, Paul; MCGLYNN, Sue; SMITH, Graham. **Responsive Environments: A Manual for Designers**. Oxford: Architectural Press, 1997.
- BONATES, Mariana Fialho. **Ideologia da casa própria... sem casa própria: o Programa de Arrendamento Residencial na cidade de João Pessoa-PB**. 2007. 291 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12305> Acesso em: 10 dez. 2019.
- BRITO, A. L. R. **A pequena escala e a cidade: o mobiliário na ativação dos espaços livres públicos**. 339 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- BRITO, A. L. R.; SILVEIRA, J. A. R. **A pequena escala e a cidade, o mobiliário na ativação dos espaços livres públicos**. Natal: Anais do XIII Enampur, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienampur/anais>. Acesso em 10 dez. 2019.
- CALDEIRA, Teresa P. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- CAMBOIM, I. L. M.; SCOCUGLIA, J. B. C.; MORAIS, M. T. A. Espaços públicos, corpos e prática: novos elementos conceituais para a interpretação da urbanidade. O caso das Maldivas. In: SCOCUGLIA, J. B. C. (Org.). **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 121-164.
- CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: Um texto para discussão. IN: Carlos, A. F. A.; Souza, M. L.; Sopito, M. E. B. (eds.) **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo, Contexto, 2011.
- CRUZ, Elianete Lira. **Praça da paz: espaço público na cidade de João Pessoa-PB**. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5795>. Acesso em 10 dez. 2019.
- CUSTÓDIO, A. C. A. C. V.; MACEDO, S. S.; QUEIROGA, E. F. Espaços livres públicos nas cidades brasileiras. IN: **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL, Ano 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/2201/2097/>. Acesso em 15 dez. 2019.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIEB, Marília de Azevedo; MARTINS, Paula Dieb. **O Rio Jaguaribe e a história urbana de João Pessoa/PB**. Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, São Paulo, FAU/USP, 2017, p. 1-22. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/?page_id=1298. Acesso em: 15 fev. 2020.

DIMENSTEIN, Marcela. **Experiências urbanas de idosos no centro de João Pessoa**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/315>. Acesso em: 15 fev. 2019

DUARTE, C. R. S.; PINHEIRO, E. S.; UGLIONE, P.; LIRA, E. M. R.; NASCIMENTO, B. T. L.; GUERRA, J. M. **Uma ambiência urbana à luz do conceito de "Empatia Espacial": a Pedra do Sal, no Rio de Janeiro**. Anais do 1o Congresso Internacional Espaços Públicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/072_C.pdf. Acesso em: 05 set. 2019.

DUARTE, C. R., PINHEIRO, E., UGLIONE, P., & COHEN, R. **Na cidade com o outro: o papel de Jane Jacobs para a consolidação dos padrões sensíveis das ambiências urbanas**. III Seminário Internacional Urbicentros. Salvador, 2012.

DUARTE, C. R.; BRASILEIRO, A.; SANTANA, E. P.; et. al. **O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído**. In: Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.; Bronstein, L.; Azevedo, G.A. (Org.). **O LUGAR DO PROJETO** no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. 1 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

DUARTE, Cristiane Rose de S. **A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas**. In Revista Projetar. Natal, v. n. Outubro 2015, p. 68-74. Disponível em: <http://lasc.fau.ufrj.br/artigos>. Acesso em 10 ago. 2019.

DUARTE, Juliana de Souza. **Ambiente construído e vitalidade urbana: avaliação de três praças do bairro Manaíra**. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8305>. Acesso em 15 ago. 2019.

ELALI, Gleice; MEDEIROS, Samia. Apego ao Lugar. Vínculo com o lugar – Place attachment. In: CAVALCANTI, Sylvia; ELALI, Gleice (Orgs.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.

FIGUEIREDO, Lucas. Desurbanismo: Um manual rápido de destruição de cidades. Em: Aguiar, D.; Netto, V. (eds.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro, Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.

FRANCH, M.; QUEIROZ, T. C. da N. **DA PORTA PRA FORA: usos do espaço, lazer e sociabilidade em oito praças revitalizadas de João Pessoa**. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, n. 27, 2009, p. 35-48. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/6802> Acesso em 15 mar. 2020.

FRÚGOLI Jr., Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GEHL, J.; GENZØE, L. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 2002.

_____.; SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade: como estudar**. Ed. Perspectiva, 2018.

_____. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública**. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HILLIER, Bill; HANSON, Juliene. **The Social Logic of Space**. Cambridge University Press, 1984.

HOLANDA, Frederico de. **Espaço de Exceção**. Brasília: Editora da UNB, 2002.

_____. **Arquitetura & Urbanidade**. São Paulo: pro-editores, 2003.

_____. **Arquitetura sociológica**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.115-129, mai. 2007. Disponível em: http://www.fredericodeholanda.com.br/textos/holanda_2006_arquitetura_sociologica.pdf. Acesso em 10 ago. 2019.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). **Sinopse por Setores, Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>. Acesso em 15 dez. 2019.

_____. **Censo Demográfico Brasileiro**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 15 dez. 2019.

_____. **Contagem Populacional**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.org.br/> Acesso em: 15 dez. 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. [1961] Tradução Maria Estela Heider Cavallheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JOÃO PESSOA. **Lei 1574/98**. Nomeação e delimitação dos 60 (sessenta) bairros do município de João Pessoa. João Pessoa, 1998.

_____. **Lei 8466/97**. Transformação dos conjuntos residenciais dos Bancários, Anatólia, Professores, Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária para bairros dos Bancários. João Pessoa, 1997.

KLIASS, Rosa Grena; MAGNOLI, Miranda M. **Áreas verdes de recreação**. Paisagem e Ambiente, São Paulo, n.21, 2006.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para Ciência e Tecnologia, 2004

LAVIERI, Maria Beatriz; LAVIERI, João. Evolução Urbana de João Pessoa pós-60. In: Regina Célia. **A questão urbana na Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB (Col. História Temática da Paraíba, Vol. 3) 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Marco Antonio S. (Org.). **Estudos urbanos**: investigações de desenho urbano. Vol. I. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

LIMA, Verônica Maria Fernandes de; MEDEIROS Viviane Gomes. Os sistemas de Espaços Livres e a urbanidade: um estudo sobre as formas de ocupação dos espaços livres na cidade de Natal. In: SILVA, José Augusto Ribeiro da; Costa, Angelina Dias Leão; SILVA Milena Dutra da. **Espaços Livres Públicos**: lugares e suas interfaces intraurbanas. João Pessoa: AB Editora, 2016. p. 68-82.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MAGNANI, José G. Cantor. **De perto para dentro**: notas para uma etnografia urbana. Rev. Brasileira Cid. Soci. Vol. 17 n. 49. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acesso em: 10 out. 2019.

MAGNOLI, Miranda. Em Busca de “Outros” Espaços Livres de Edificação. In: **Revista Paisagem Ambiente**: Ensaios, São Paulo, no. 21, pagina 141-174, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40248> Acesso em: 05 dez. 2019.

MAIA, Doralice Sátyro. **Habitação popular e o processo de periferização e de fragmentação urbana**: uma análise sobre as cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande-PB Geosul, Florianópolis, v. 29, n. 58, p 89-113, jul./dez. 2014 Disponível em: <http://www.ccen.ufpb.br/ppgg/contents/producao-docente/doralice-satyro-maia/30429-124705-1-pb.pdf>. Acesso em 10 fev. 2020.

MEDEIROS, T. G.; MORAIS, M. T. DE A.; DONEGAN, L. **Verticalizar e ver o mar**. Revista de Morfologia Urbana, v. 7, n. 1, p. e00022, 2 ago. 2019. Disponível em: <http://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/22>. Acesso em 15 dez. 2019.

MOULIN, Bastien. **Urbanités et tensions socio-spatiales**: Analyse interdisciplinaire et comparée des interactions sociales et technologiques des espaces publics au Brésil et en France. Projet d’initiation à la recherche et développement (PIRD). Lyon: INSA de Lyon, 2015.

131

MOURÃO, Ada R. T.; CAVALCANTE, S. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, Gleice A (Orgs.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 208-2016. Disponível em: <https://psiambiental.files.wordpress.com/2016/03/mourao-cavalcante-2011-identidade-de-lugar.pdf>. Acesso em 10 jan. 2020.

NASCIMENTO, Barbara Thomaz. **Da Ressonância ao Engajamento**: percursos para a fundação de metodologia sensível de análise da Empatia Espacial em contextos urbanos. Rio de Janeiro. 224f. Tese (Doutorado em Ciências da Arquitetura) – FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://lasc.fau.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/254/da-ressonancia-ao-engajamento-percursos-para-a-fundacao-de-metodologia-sensivel-de-analise-da-empatia-especial-em-contextos-urbanos>. Acesso em 05 fev. 2020.

NEGRÃO, Ana Gomes. **Processo de produção e reprodução da cidade**: um estudo sobre os estágios evolutivos ao longo dos espaços estruturados pelo corredor da avenida Dom Pedro II, João Pessoa, Paraíba. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5544>. Acesso em: 20 fev. 2020.

NETTO, Vinicius M.; VARGAS, Julio C.; SABOYA, Renato T. de. **(Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica**. Urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana [online]. 2012, vol.4, n.2, p.261-282. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/urbe.7400>. Acesso em 10 dez. 2019.

OLIVEIRA, Matheus Henrique de Souza Genuino. **A produção do espaço na região do Bairro dos Bancários, João Pessoa-PB**. 2018. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Geociências, UFPB, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14990>. Acesso em: 10 dez. 2019.

ORRICO, Keila C. **O Solo Urbano do Bairro Bancários**. A Questão da Especialização da Ocupação. 43p. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Geociências, João Pessoa, 2004. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/tcc/Kesia>.

pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A.; FERNANDES, O. S. Observando a interação pessoa-ambiente: Vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, J. Q.; GUNTHER, H. (Orgs.) **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 75-104.

PMJP. **Mapas e Zoneamento**. João Pessoa. Disponível em: < Prefeitura Municipal de João Pessoa. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/legislacao/mapas-e-zonamento/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

PPS. **What is Place making?**, 2018. Disponível em: <https://www.pps.org/category/place-making> Acesso em: 10 fev. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA – PMJP. **Código de Urbanismo**. Secretaria de Planejamento, Prefeitura Municipal de João Pessoa, João Pessoa, jul. 2001. Disponível em: http://www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2012/03/codi_urba.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

QUEIROGA, E.; BENFATTI, D. Sistemas de espaços livre urbanos: construindo um referencial teórico. **Paisagem e Ambiente**, n. 24, p. 81-87, 31 dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/85699> Acesso em: 10 jan. 2020.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras**. RESGATE. vol. XIX, N. 21. jan./jun. página 25-35. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/download/77356/81204> Acesso em: 10 jan. 2020.

QUEIROZ, Tereza C. da N.; GUTIÉRREZ, Mónica L. F. Bairros de João Pessoa e suas praças: encontros e desencontros nos processos de requalificação. In: SCOCUGLIA, J. B. C. (Org.). **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 165-182.

SABOYA, Renato T. de. **Fatores morfológicos da vitalidade urbana** – Parte 1: Densidade de usos e pessoas. 18 Nov. 2016. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798436/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-1-densidade-de-usos-e-pessoas-renato-t-de-saboya> Acesso em: 18 jan. 2020.

_____. **Fatores morfológicos da Vitalidade Urbana** – Parte 2: Acessibilidade / Renato T. de Saboya” 14 Fev 2017. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/805277/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-2-acessibilidade-renato-t-de-saboya> Acesso em: 18 jan. 2020.

_____. **Fatores morfológicos da Vitalidade Urbana** – Parte 3: Arquitetura da Rua. 04 Jul. 2017. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/875044/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-3-arquitetura-da-rua-renato-t-de-saboya> Acesso em: 18 jan. 2020.

SANTANA, Trícia C. da S.; ELALI, Gleice A. Vitalidade urbana em praças públicas: um debate com base na percepção dos usuários de praças de Natal-RN. In: SILVEIRA, J. A. R. et. al. (Orgs.) **Espaços Livres Públicos. Lugares e suas interfaces intraurbanas**. João Pessoa: AB Editora, 2016. v. 01. p. 58-89.

SANTANA, Trícia Caroline da Silva. **Uma reflexão sobre a vitalidade urbana das praças de Natal/RN**. 2015. 186f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20093> Acesso em: 20 nov. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCOCUGLIA, J. B. C. (Org.). **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Tradução Lygia Araujo Watanabe. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SILVA, Aline Martins da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo**. Dissertação (Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional-UFRS. 2009. Disponível em : <http://hdl.handle.net/10183/18676> Acesso em: 15 jan. 2020.

SOARES, Cristiane Leal Rodrigues. **A violência da segregação**. Uma etnografia da comunidade do Timbó localizada no bairro de Bancários em João Pessoa/PB. Dissertação de Mestrado. 136fl. João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7263/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

_____. **Revitalização do espaço urbano e os impactos sobre as sociabilidades entre idosos na cidade**: o caso da praça da paz em João Pessoa: o caso da Praça da Paz em João Pessoa. A Terceira Idade.: Estudos sobre envelhecimento, São Paulo, v. 25, n. 59, p. 33-44, mar. 2014. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7744> Acesso em: 02 fev. 2020.

THIBAUD, Jean-Paul. **Le Devenir International de la Notion d'Ambiance**: Apports d'un Dispositif Experimental. In: Variations des Ambiances: Processus et Modalités d'Émergence des Ambiances Urbaines, responsable scientifique Jean-Paul Thibaud. Grenoble: CRESSON, 2007. p. 11-28.

_____. **A Cidade através dos Sentidos**. Cadernos PROARQ (18):198-213. Obra original: La Ville à l'Épreuve des Sens. In: Écologies Urbaines, eds. Olivier Coutard e Jean-Pierre Lévy. Paris: Editions Economica.

_____. **Por uma gramática geradora de ambiências**. In: SCOCUGLIA, J. B. C. (Org.). Cidade, cultura e urbanidade. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

_____. L'énigme des ambiances en partage. In: THIBAUD, J.P; DUARTE, C.R. **Ambiances urbaines en partage**. Pour une écologie sociale de la ville sensible, MétisPresses, 2013, p. 7-19. Disponível em : <http://hal.univ-grenoble-alpes.fr/hal-01113932/document> Acesso em: 20 set. 2020.

_____. et al. Comment observer une ambiance? IN: **Ambiances architecturales et urbaines**. Les cahiers de la recherche architecturale. N° 42/43. Editions Parenthèses: Marseille, 1998.

THOMAS, Rachel. **Une critique sensible de l'urbain**. Mémoire de HDR en Sciences Humaines – Aménagement, Communauté Université Grenoble Alpes, École doctorale 454 «Sciences de l'homme, du politique et du territoire», Cresson, 2018, 261 p. [En ligne] <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999> Acesso em : 20 fev. 2020.

TOUSSAINT, Jen-Yves. **Projets et usages urbains**. Fabriquer et utiliser les dispositifs techniques et spatiaux de l'urbain. Tese de HDR (Habilitação à Direção de Pesquisas). Lyon : Université Lumière - Lyon II/INSA de Lyon, 2003. Disponível em : https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00473722/PDF/P_UA4.pdf Acesso em: 20 ago. 2019.

_____; VAREILLES, Sophie. **Enseigner l'urbanisme par les objets**. Retour sur une expérience en école d'ingénieurs et à l'université. Territoire en mouvement Revue de géographie et aménagement. [En ligne], 39-40 | 2018. Disponível em : <http://journals.openedition.org/tem/4720> . Acesso em: 10 dez. de 2020.

_____; ZIMMERMANN, Monique. L'espace public et l'espace du public, politique et aménagement. In: **User, observer, programmer et fabriquer l'espace public**. 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1MRoJyT8s1cC&lpg=PA89&dq=dispositifs%20techniques%20spatiaux%20de%20l'urbain&hl=pt-BR&pg=PA89#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 10 dez. 2019.

TRIGUEIRO, M. A. **Pacificação da cidade**: a urbanidade legitimada. Em: Aguiar, D.; Netto, V. (eds.). Urbanidades. Rio de Janeiro, Folio Digital: Letra e Imagem.

_____. **Éléments pour une prise en compte du rôle des espaces publics dans les grands ensembles**. Les cas lyonnais de la Ville Nouvelle et des Minguettes. Tese de Doutorado. Lyon : INSA de Lyon, 2003. Disponível em: http://csidoc.insa-lyon.fr/these/2008/trigueiro_de_araujo_morais/these.pdf Acesso em: 20 ago. 2019.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VILLAÇA, F. (2001). **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2ª edição. São Paulo, Studio Nobel / FAPESP / Lincoln Institute.

WHYTE, William H. **The social life of small urban spaces**. Nova York: Project for Public Spaces, 2009.

WINZ, Marc. **Analyse socio-spatiale d'un espace public urbain réaménagé**: une confrontation entre fonction, forme et usages du centre-ville de Granges. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 2016. Disponível em : http://doc.rero.ch/record/259242/files/MEM_WinzM.pdf Acesso em: 10 jan. 2020.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**: entornos arquitetônicos, as coisas que me rodeiam. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO

NOME:
ONDE MORA? HÁ QUANTO TEMPO?

IDADE:
ESCOLARIDADE:
PROFISSÃO:

2. MOTIVAÇÃO E FREQUÊNCIA AO LOCAL

COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ VEM A ESTE LOCAL?

QUAL (AIS) O (S) MOTIVO (S)?

COMO VOCÊ VEM PARA ESTA PRAÇA?

3. ATRAÇÕES

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO HOJE AQUI?

VOCÊ GOSTA DE VIR PRA CÁ?
VOCÊ COSTUMA ENCONTRAR ALGUM CONHECIDO POR AQUI?
VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR OS EVENTOS QUE OCORREM NESTE LOCAL?

O QUE TORNA OU PODERIA TORNAR ESTE ESPAÇO MAIS CONVIDATIVO ÀS PESSOAS?

4. AVALIAÇÃO DO ESPAÇO

EM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO E INFRAESTRUTURA DESTE ESPAÇO, COMO VOCÊ AS AVALIA?

EXISTE ALGUMA COISA QUE VOCÊ MUDARIA OU ACRESCENTARIA?
VOCÊ SE SENTE SEGURO (A) AQUI? POR QUÊ?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre vitalidade urbana e empatia espacial em espaços públicos do bairro Bancários e está sendo desenvolvida pelo pesquisador José Alberto Conceição de Araújo, aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Marcelle Trigueiro de Araújo Moraes.

Os objetivos do estudo são analisar a configuração de espaços públicos no Bairro do Bancários e dos dispositivos técnicos espaciais urbanos que os compõem, enquanto elementos geradores de empatia espacial, ambiência(s) e vitalidade urbana. De modo específico, busca-se investigar a configuração espacial do recorte estudado, identificando os dispositivos técnicos espaciais do urbano como geradores ou inibidores de vitalidade urbana; analisar os padrões de apropriação e uso de espaços públicos; investigar a qualidade afetiva para/com o espaço.

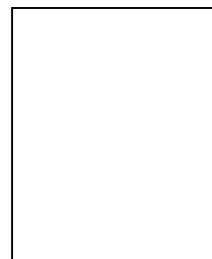
A finalidade deste trabalho é contribuir com o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB e gerar conhecimentos sobre o uso dos espaços públicos no Bairro do Bancários. Ao considerar a relação direta entre ambiente construído e práticas sociais, esta pesquisa tem interesse em métodos de análise e diagnósticos mais próximos da vicência na cidade.

Solicitamos a sua colaboração para responder em entrevista aberta, que será gravada, se assim o (a) senhor (a) permitir, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em meios científicos. Por ocasião da publicação dos resultados, SEU NOME SERÁ MANTIDO EM SIGILO. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para impressão
dactiloscópica

137

Assinatura da Testemunha

Para maiores esclarecimentos entrar em contato com:

Laboratório de Estudos sobre Cidades Culturas Contemporâneas e Urbanidades (LECCUR)

/ Departamento de Arquitetura e Urbanismo / Centro de Tecnologia / UFPB / Campus I

Telefone: (83) 9 8728 3938 E-mail: araujoalberto.arq@gmail.com

Pesquisador: José Alberto C. de Araújo

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO A - LEI 8.466 DE 30 DE DEZEMBRO DE 1997

LEI Nº 8.466, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1997.

TRANSFORMA OS CONJUNTOS RESIDENCIAIS DOS BANCÁRIOS, ANATOLIA, PROFESSORES, JARDIM SÃO PAULO E JARDIM CIDADE UNIVERSITÁRIA PARA BAIRRO DOS BANCÁRIOS.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA, ESTADO DA PARAIBA, FAÇO SABER QUE O PODER LEGISLATIVO APROVA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Ficará denominado **BAIRRO DOS BANCÁRIOS**, os Conjuntos Residenciais dos Bancários, Anatolia, Professores, Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária, respeitando os mesmos limites territoriais já estabelecidos em Lei.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, EM 30 DE DEZEMBRO DE 1997.

CICERO LUCENA FILHO
PREFEITO

ANEXO B - LEI 1.574 DE 04 DE SETEMBRO DE 1998

ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
- Casa de Napoleão Laureano -

LEI Nº 1 574 , DE 04 DE SETEMBRO DE 1 998.

AUTOR : VEREADOR LUCIANO CARTAXO PIRES DE SA

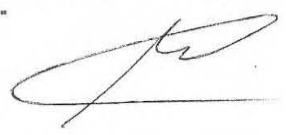
DISPÕE SOBRE A NOMEAÇÃO E DELIMITAÇÃO
DOS 60 (SESSENTA) BAIRROS DO MUNICÍPIO
DE JOÃO PESSOA E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS

139 A MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL DE
JOÃO PESSOA, ESTADO DA PARAÍBA, FAZ SABER QUE O PODER
LEGISLATIVO APROVA E PROMULGA A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Ficam nomeados e delimitados
os 60 (sessenta) Bairros do Município de João Pessoa
conforme cartografia e memorial descritivo constante desta
Lei.

Art. 2º - O Poder Executivo
providenciará, no prazo de 30 (trinta) dias, a colocação das
placas indicativas nos limites de cada Bairro seguindo o
memorial descritivo da presente Lei.

Art. 3º - O Poder Executivo através do
setor competente, procederá o cadastramento dos Bairros e
suas respectivas delimitações, de que trata o artigo 1º, da
presente Lei, junto à SAELPA, CAGEPA, TELPA E EMPRESA
BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT.



ANEXO C - ANTEPROJETO DO PARQUE DOS BANCÁRIOS



